Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Paulo Rodrigo Verçosa Barros

Um padê para Vadinho

Rio de Janeiro
2022

Paulo Rodrigo Verçosa Barros

Um padê para Vadinho

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de pós-graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientador: Prof.. Dr. Leonardo Davino de Oliveira

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

A481 Barros, Paulo Rodrigo Verçosa.
Um padê para Vadinho / Paulo Rodrigo Verçosa Barros. – 2022.
87 f.

Orientador: Leonardo Davino de Oliveira.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Amado, Jorge, 1912-2001 – Crítica e interpretação – Teses. 2. Amado, Jorge, 1912-2001. Dona Flor e seus dois maridos – Teses. 3. Orixás - Teses. 4. Personagens literários – Teses. 5. Carnaval na literatura – Teses. 6. Malandros e vadios na literatura - Teses. I. Oliveira, Leonardo Davino de, 1978-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Paulo Rodrigo Verçosa Barros

Um padê para Vadinho

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 28 de junho de 2022.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Leonardo Davino de Oliveira (Orientador)

Instituto de Letras – UERJ

_____

Profª. Dra. Giovanna Ferreira Dealtry

Instituto de Letras – UERJ

_____

Prof. Dr. Fábio Rodrigo Penna

Instituto Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que amam, sonham e vivem!

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não poderia, de forma alguma, ser realizado se não fossem tantas mãos espirituais e materiais me auxiliando em todos os momentos. Agradeço à Deus, Zambi, Oxalá e todos os Orixás por ter chegado até aqui, a Exu por ter aberto os caminhos e as encruzilhadas para que eu pudesse trabalhar, sem esquecer de minha mãe Oxum, a me acolher nos momentos de dúvida e indecisão. Agradeço a Iemanjá e Iansã por me ajudarem nos momentos das batalhas e de falta de coragem. Agradeço a toda minha ancestralidade como Pai Maneco, Tia Rita e Tia Anastácia por estar aqui no final desta tarefa. Agradeço ao Caboclo Sete Flechas e em especial ao Sr. Sete Flechas do Oriente e toda sua falange sempre presente em minha vida a me direcionar. Não posso jamais terminar tal empreitada sem agradecer a Pai Benedito Das Almas e Seu Arranca Toco pelos direcionamentos, assim como Seu Zé Pilintra. Sem esquecer jamais de Pai Guiné de Aruanda e de toda a egrégora espiritual da ÚNICA (União Umbandista de Luz, Caridade e Amor), sem esquecer de Zé Malandro da Estrada que de alguma forma nunca se esqueceu de mim e me ajudou a concretizar esse sonho. Agradeço a minha falange de espíritos trabalhadores como Dona Maria Mulambo das Sete Catacumbas, Seu Zé Malandrinho do Morro e todos os demais espíritos trabalhadores que me ajudam na prática da caridade.

Agradeço às mãos visíveis, começando pelos meus pais, Márcia Cristina e José Pascoal, por todo apoio e carinho durante todo este tempo de duração do mestrado e pela paciência que vocês tiveram durante esse tempo todo, juntamente com me irmão Carlos Leonardo Verçosa Barros (Leo). Agradeço aos meus avós e em especial às minhas avós, Marly Bastos Verçosa (Baú) por ter me apresentado os livros e ter plantado o amor por eles na minha vida e Berenice Picanço de Oliveira (Berê) por ter me proporcionado viagens incríveis através dos livros da sua estante, pelas constantes trocas e por me acompanhar em todos os processos desde antes do vestibular e pelas conversas. Agradeço à Adriana Maria de Freitas, queridíssima Tia Adri (*in memorian*) por me apresentar a literatura e este mundo incrível do magistério e a todos os meus professores do Colégio Pedro II por terem me transmitido a bagagem cultural e intelectual tão necessárias na nossa profissão e serem exemplo de profissionalismo e dedicação a ser por mim seguido, juntamente com os demais professores que encontrei na Universidade do Estado do Rio de Janeiro(UERJ) e em especial ao Professor Victor Hugo Adler Pereira. Isso sem jamais esquecer aos meus queridos amigos, do Clã UERJ-Lula livre pelo apoio e pelas palavras de incentivo e ouvidos sempre dispostos a ajudar.

Jamais posso encerrar meus agradecimentos sem dedicar uma enorme e profunda gratidão ao meu orientador, Professor Drº Leonardo Davino de Oliveira pela troca, paciência, cumplicidade e por ter entrado junto comigo nesse projeto tão sonhado e semeado desde que eu estava na graduação. A você, Leonardo, minha eterna gratidão.

Mulambo, rainha divina,
A deusa encantada.
Ela tem no seu gongá a segurança;
A sua estrada é marcada.
Caminhou num tapete de flores
E nem sequer se importou.

(Ponto de Umbanda cantado à pombagira Maria Mulambo)

RESUMO

BARROS, P. R. V. *Um padê para Vadinho*. 2022. 87 f..Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Muito além de analisar a obra do escritor Jorge Amado (1912-2001) como sendo capaz de dar um entendimento ao povo, o presente trabalho se propõe a analisar um personagem popular, filho de um Orixá que vive entre nós humanos. É sobre olhar Exu, ver Exu em Vadinho, enxergar o Orixá sambando no carnaval, rindo no dia a dia, gargalhando nas impossibilidades e transformando-as em possibilidades palpáveis e realizáveis, junto com Oxum refletindo dona Flor em seu espelho, acompanhada de Teodoro na calma de Oxalufã, ambos vistos e analisados por gente do povo como os teóricos Luiz Rufino e Antônio Simas no contexto dos hábitos populares e costumes do povo e da noção de povo de rua (Rufino, 2018). Noção esta advinda dos cultos de Umbanda e Candomblé, no qual é o povo da rua quem faz a vida se mover e tudo caminhar, vivendo o lado alegre, alegria esta presente na essência de Vadinho e que permeia o texto do livro *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), obra em análise neste trabalho.

Palavras-chave: Jorge Amado. Literatura Brasileira. Orixás. Povo de Rua. Carnaval.

RESUMEN

BARROS, P. R. V. *Um padê para Vadinho.* 2022.87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Además de estudiar la obra de Jorge Amado (1912-2001) como una obra capaz de entender su pueblo y analizar Vadinho, un personaje popular y hijo de un Orixá que vive entre nosotros. Es mirar Exu, es ver Exu en Vadinho, ver a Exu bailando en el carnaval, riéndose todos los días , carcajear en las imposibilidades y cambiarlas en posibilidades que sean posibles de realizarse junto con Oxum refletiendóse en dueña Flor en su espejo con la compañía de Teodoro y la calma de Oxalufã, vistos y analisados por la gente del pueblo igual que los teóricos Luiz Rufino y Luiz Antônio Simas en el contexto de las costumbres populares y hábitos del pueblo con la noción de *povo de rua* Rufino(2018). La noción de *povo de rua* viene de los cultos de Umbanda y Candomblé adónde el povo de rua es quien hace la vida Vadinho y que está en el texto del libro *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), obra que será analizada en este trabajo.

Palabras llaves: Jorge Amado. Literatura Brasileña. Orixás. Gente de la Calle. Carnaval.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: DONA FLOR ENTRE O EXUSÍACO E O OXALUFÂNICO ..... .10

1 **"EXU PEDE LICENÇA PARA SEU POVO ELE ARRIAR" (CANTIGA DE UMBANDA)** 21

1.1**Carnavalização literária**..... 21

1.2**Os personagens do povo de rua** 31

2 **DONA FLOR E A MULHER DE OXUM** 44

2.1 **A figura de Oxum refletida em Flor** 44

3 **OXALUFÃ E TEODORO** 69

3.1**A organização e os hábitos rotineiros de Doutor Teodoro**..... 69

3.2 **As características dos filhos de Oxalufã** 74

CONCLUSÃO..... 82

REFERÊNCIAS 85

INTRODUÇÃO: DONA FLOR ENTRE O EXUSÍACO E O OXALUFÂNICO

"Laroiê, mojuobá, axé!
Salve o povo de fé, me dê licença!
Eu vou pra rua que a lua me chamou"
(*Ópera dos malandros* – Francisco Aquino, Fred Camacho, Getúlio Coelho, Guinga, Marcello Motta e Ricardo Fernandes – Salgueiro 2016)

Abrimos esta dissertação, que possui uma estrutura semelhante à de um xirê[1], pois começamos seu primeiro capítulo falando sobre Exu[2] e pedindo licença a este Orixá, dono dos caminhos e primeiro Orixá homenageado e agraciado com as oferendas. É sobre Exu[3], senhor das encruzilhadas e do movimento que falamos neste trabalho e de que forma este encontra-se na vida de um personagem como Vadinho. Falamos além do Orixá Exu, sobre seus camaradas: Zé Pelintras, Navalhas, Padilhas, Mulambos e Trancas Ruas que abrem a roda para louvá–lo. Para falar deste Orixá, utilizamos a obra *Dona Flor e seus dois maridos* (1966) de Jorge Amado (1912–2001), romance ambientado na década de 1930[4], escrito em linguagem popular devido seu uso de gírias e expressões populares, tais quais "porra-louca" (AMADO, 2019, p. 80) e "xibiu" (AMADO, 2019, pág. 123), utilizado popularmente para referir-se a vagina, Inclusive podemos confirmar o uso dessa forma de linguagem na entrevista que Jorge Amado dá a Alice Raillard na década de 1980: "Em Dona Flor, por exemplo, trabalhei com a língua popular mais viva. É, sem dúvida, de todos os meus livros, aquele que foi escrito na língua mais baiana, com um vocabulário absolutamente baiano" (RAILLARD, 1990, pág. 299). Entretanto, o uso de expressões populares por Jorge Amado era mais do que trazer para a cena aqueles queestavam excluídos das manifestações literárias,

---

[1] Para Ramos (2011), o *xirê* é a roda formada, é a comemoração que se dá durante o ato litúrgico do candomblé, para o autor é comparado a uma festa, comemoração.

[2] Para o presente trabalho será utilizada a grafia do Orixá Exu da forma aportuguesada, que foi adotada por Jorge Amado em seus livros. A respeito da grafia e da forma de falar, para Luis Felipe Lima (2019) a acentuação iorubá perde-se quando se fala o nome dos orixás que foram abrasileirados. Para isto utilizamos no texto Exu ao invés de "Èsù" como no iorubá.

[3] Colocamos aqui a grafia Exu com letra maiúscula para referir-se ao Exu Orixá, e a grafia exu com letra minúscula referente aos exus de Umbanda como Tranca Rua e Maria Padilha.

[4] Colocamos esta referência como a época que a narrativa de *Dona Flor e seus dois maridos* passasse, segundo Raillard(1990), pois foi contada a Jorge uma história de uma senhora que era viúva e havia se casado com um outro homem e o primeiro que havia morrido estava tentando seduzi-la. Esse acontecimento foi passado à Jorge em 1934, o que de fato ajudou a construir a narrativa de Dona Flor que apenas foi escrito mais de 30 anos depois deste fato.

era de fato um projeto político, de uma literatura de cunho socialista. “Eu falei das Influências estrangeiras, exercidas sobre mim e minha geração – a literatura soviética, a literatura norte-americana e a de outros países; quando se falava de uma literatura de esquerda que vinha dos anos 20” (RAILLARD, 1990, pág. 99). Foi esta literatura mais próxima do povo e interessada em colocar o proletariado nas suas obras que influenciou o escritor baiano.

Relacionado à linguagem de Amado, podemos encontrar esse recurso da linguagem se afinizar com o destinatário da mensagem, segundo Benjamim(1987), pois em alguns momentos queremos dar um conselho e para fazê-lo devemos adequar a mensagem ao nosso receptor, e isso seria o que de fato Amado faz:

> Aconselhar é menos responder uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida que verbaliza a sua situação) (BENJAMIM, 1987, pág. 200).

Já que Amado desejava que o povo se visse nas obras, não havia melhor forma para fazer isto que através da linguagem.Além disso, a literatura socialista com a qual Amado teve contato desejava aproximar mais o proletariado da arte e utilizar as manifestações artísticas como uma maneira de conscientizar o proletariado a respeito de sua situação e o que fazer para modificá-la, frente um mundo de desigualdades.

Ao falar da trajetória literária de Jorge Leal Amado de Faria (1912-2001), mais conhecido como Jorge Amado, encontramos críticos como Bosi (2013) que colocam a obra amadiana como segmentada em dois períodos, sendo o primeiro mais politizado e com assuntos mais densos, tal qual a questão latifundiária em*Cacau* (1933) e outra, que segundo o crítico, era de “crônicas amaneiradas de costumes provincianos” (BOSI, 2013, p. 434). Para teóricos como Bosi, a obra de Jorge Amado não seria um todo completo, um só conjunto, mas sim dois conjuntos diferentes.Entretanto, para Raillard (1990), a divisão das obras do escritor em duas seria totalmente equivocada, pois a obra de Amado manter–se–ia com o mesmo objetivo do começo ao fim, a saber, fazer uma produção literária voltada para as camadas populares.Por isso, em suas obras, o Candomblé aparece constantemente, religião esta conhecida pelo escritor e aqueles do seu convívio. A presença recorrente da religião e de elementos ligados ao povo possui relação com a ideia socialista de a arte estar relacionada com os mais populares, trazendo nas diversas expressões artísticas elementos utilizados pelo povo, em especial pelo proletariado. A linguagem empregada é carregada de expressões colhidas por Jorge ao longo de sua vida, através de sua convivência com os humildes. Para

Amado, a concepção de povo engloba de uma forma mais direta aqueles que são de fato excluídos da elite, para complementar tal pensamento, destacamos o seguinte fragmento da *Pedagogia das Encruzilhadas* (2019) a respeito do povo de rua: “Povo de rua é apresentado aqui então como um complexo que aponta diferentes características da rua e seus modos de fazer” (RUFINO, 2019, p. 110). É o povo de rua que convive neste espaço dos castelos, botequins, terreiros, mercados, cais do porto e outros lugares, olhados de forma segregada pela elite, que são os responsáveis por colocar as palavras na boca dos personagens amadianos.

A ligação de Amado com o povo vai além da convivência, mas coma concepção política ideológica que o autor possuía. Jorge era militante do Partido Comunista e inclusive chegou a possuir o cargo de deputado antes de o partido cair na ilegalidade. Foi do período como deputado que o autor elaborou a lei de liberdade religiosa no Brasil. Em suas palavras:“emenda que apresentei ao Projeto de Constituição – Senado e Câmara reunidos em Assembleia Constituinte, discutimos e votamos a Constituição de 1946 –, emenda que, vitoriosa, mantida até hoje veio garantir a liberdade de crença no Brasil” (AMADO, 2012, pág. 65). Com essa lei, Amado garante a liberdade de credo no Brasil e ajuda pais e mães de santo vítimas da perseguição religiosa a terem uma maior liberdade para praticarem a sua fé sem nenhum tipo de problema.

A relação de Jorge Amado com o Partido Comunista modifica-se com o tempo, após o escritor chocar-se com os crimes cometidos por Josef Stálin (1878-1953) quando estava à frente da União Soviética:

> Arrasado escuto da boca dos presentes no atropelo da língua húngara, na tradução implacável, histórias de arrepiar, detalhes que me atingem no coração, me destroçam, sinto-me desonrado, conspurcado meu orgulho comunista:torturam, sim, e como! (AMADO, 2012, pág. 37).

Após a descoberta de Amado com relação aos crimes de Stálin e como a polícia soviética tratava os presos políticos, o autor não consegue compreender como o líder soviético poderia ser capaz de tais atos e não fazer nada contra isto, fechando os olhos para o que acontecia dentro do seu regime.

O posicionamento político de Amado é algo que não está separado de suas obras e o seu trabalho modifica-se,tanto segundo a crítica quanto segundo o próprio autor, que declara à

Alice Raillard na década de 1980: "Os *Subterrâneos*[5] representa uma fase da minha vida, quando eu era stalinista." (RAILLARD, 1990, pág. 139). Enquanto Amado acreditava no Stalinismo[6] havia uma influência deste em sua obra, como o mesmo declara que ocorreu na escrita de *OsSubterrâneos da Liberdade*. Após a decepção que o autor tem com o stalinismo, sua escrita modifica-se, tal qual Aguiar(2018) coloca em referência à publicação de *Gabriela, cravo e canela* (1958). "Nos Estados Unidos, o sucesso se daria como na União Soviética, no entanto se atribuía a feição do novo romance precisamente à mudança ideológica" (AGUIAR, 2018, pág. 380). Sua forma de olhar o mundo modifica-se, inclusive Aguiar(2018) complementa que:

> *Gabriela*, ao contrário, apresentava a cada página alegria de espírito, ironia e sátira. Os contrastes se explicavam pela própria história do autor: antes era um militante, agora apresentava sua liberação artística, depois de longo período de comprometimento ideológico (AGUIAR, 2018, pág. 380).

Devido esta mudança ideológica, Amado altera sua forma de retratar o que vê. Isso faz com que os críticos como Bosi (2013) dividam a obra do escritor em duas fases, algo que é totalmente equivocado para aquilo que de fato é proposto aqui, como a obra de Amado sendo única desde o primeiro ao último livro, sempre influenciado pelo seu pensamento político que de fato o auxilia a enxergar o mundo. Mesmo com esta ideologia, Amado não deixa de incluir a religiosidade em suas obras, com a presença do Candomblé, porém como uma representatividade do povo, um rasgo do popular que o próprio escritor teve contato. Jorge Amado possuiu um cargo dentro do Candomblé, o de Obá, responsável por zelar pela religião e lutar pela sua preservação.

Analisaremos*Dona Flor e seus dois maridos* em específico, porque nada melhor do que falar de Exu a partir de um filho do próprio Orixá, neste caso Vadinho, "o santo de Vadinho era Exu e nenhum outro. Se Exu é o diabo, como consta por aí. Talvez Lúcifer, o anjo decaído, o rebelde que enfrentou a lei e se vestiu de fogo." (AMADO, 2019, pág. 366). Não há dúvidas, Vadinho é de fato um filho de Exu, porém não de qualquer Exu, o seu era diferente "Exu mais reinador só o de Vadinho." (AMADO, 2019, p.366), devido suas reinações e farras narradas ao longo da história do livro que o transformam em uma lenda no

---

[5]*Os subterrâneos* é em referência ao romance *Os subterrâneos da liberdade*romance lançado em três volumes por Jorge Amado, são eles *Os ásperos tempos* (1954), *Agonia da noite* (1954) e *A luz do túnel* (1954). Nota do autor do texto;

[6] O stalinismo é uma corrente de pensamento dentro do Marxismo, posição esta a de Jorge Amado. Antes da descoberta dos crimes de Stálin, Amado já era Marxista, apenas mudando a sua corrente de pensamento dentro do Marxismo para o leninismo, que é uma outra vertente assim como o stalinismo seguido anteriormente pelo escritor.

imaginário popular baiano. A trama narrada com o uso do discurso indireto livre para a narrativa de casos do cotidiano, como a história da cunhada menor de idade, que possuía um caso com o marido de sua irmã, revelado na história do livro pela cartomante Dinorá, mostrando mais um costume na Bahia, o de consultar oráculos, sendo o jogo de búzios um dos mais populares. Para Raillard (1990), o escritor Jorge Amado “mais do que qualquer outra coisa, [é] o romancista dos vagabundos e das putas” (RAILLARD, 1990, p. 270), figuras até então excluídas dos discursos artísticos e literários da academia.

Por tratar daqueles que não estavam inseridos nos romances ou não conseguiam ver-se nas narrativas, Amado utiliza uma linguagem mais popular e com mais elementos ligados a estes nas obras para fazer com que as putas e vagabundos para quem escreve possam se ver representados.

> Dois sentidos do termo "representação" são agrupados: a representação como "falar por": como ocorre na política, e representação como "re-presentação",como aparece na arte ou na filosofia. Como a teoria é também apenas uma "ação", o teórico i representa (fala por) o grupo oprimido (SPIVAK, 2014, p.39).

É no sentido de “re-presentação”, como coloca Spyvak(2010), que Amado traz a figura das putas e dos vagabundos, ele fala no sentido artístico, é na arte de Amado que as figuras populares serão representadase ganharãovoz.

Amado também traz em suas obras as lutas do povo, a exemplo da perseguição religiosa sofrida por praticantes do Candomblé, como retratado em *Tenda dos Milagres* (1969). As formas de se relacionar das camadas populares estão presentes em *Dona Flor e seus dois maridos*(1966), a exemplo da relação de compadrismo estabelecida entre Mirandão, Flor e Vadinho, padrinhos do filho do melhor amigo de Vadinho que mostra outro costume popular, o de convidar os amigos mais próximos para batizarem os filhos, tal qual Mirandão faz, convidando o casal de amigos.

As figuras das putas e dos vagabundos dos quais fala Raillard (1990) são unidades componentes do povo de rua (Rufino, 2019); Para além da definição dada pela Umbanda ao povo de rua, figuras excluídas da sociedade através do *ethos* burguês, colonial, patriarcal, judaico-cristão. Para Rufino (2019), fazem parte do povo de rua aqueles que vivenciam a rua, como encontra-se destacado no seguinte trecho:

> Malandros, prostitutas, cafetões, ladrões de toda estirpe, assassinos, excomungados, bêbados, eternos caminhantes, fugitivos, achacadores de otários, toda a sorte de miseráveis que, em seus corpos e práticas, forjam uns inventários *táticos* de modos de ser e praticar a rua (RUFINO, 2019, p. 110).

As figuras descritas por Rufino na passagem destacada anteriormente são o contrário dos intelectuais e estudiosos com o qual Jorge Amado estava acostumado a se relacionar, tal qual DaMatta (1985) declara. Usar as personagens do povo da rua é uma forma de afrontar a intelectualidade e quebrar com regras e paradigmas sociais vigentes, rindo dos costumes da pequena burguesia como descrito pelo próprio escritor na introdução de *Dona Flor e seus dois maridos.*

Não há povo que sofra com maior perseguição do que o povo da rua (Rufino,2019), isto explica-se pela perseguição sofrida por Exu da parte dos colonizadores europeus que segundo Silva(2019) perseguiram o culto do Orixá, pois Exu utiliza como uma de suas insígnias o falo em seus rituais e tal objeto era utilizado nos rituais pagãos perseguidos pela inquisição, tal qual como encontra-se descrito: “Os ritos pagãos, assim vistos e condenados pela Igreja Católica na Europa e entre os povos catequizados fora dela, incluíam as cerimônias de fertilidade, nas quais era comum o uso de emblemas associados aos órgãos sexuais masculino e feminino.” (SILVA, 2019, p. 24). Se Exu, aquele que comanda o povo de rua, sofre perseguição daqueles que chegam no Continente Africano, em consequência aqueles que realizavam seu culto e eram seus devotos ou comandados também possuíam o mesmo tratamento que o Orixá. Além de ter o seu culto perseguido, Exu foi ligado pelo catolicismo, religião preponderante entre os colonizadores europeus com o diabo cristão, o que fez com que o Orixá fosse demonizado, segundo Silva (2019).Além da ligação estabelecida, segundo o autor, os gostos de Exu também fizeram com que este fosse ligado ao diabo cristão, tais quais os animais favoritos do Orixá como o bode, o porco e o cachorro, todos quase sempre na coloração preta, cor favorita de Exu. “O caráter erótico e o sacrifício de bodes, cães e porcos a Exu foram vistos como mais uma evidência de seu caráter demoníaco.” (SILVA, 2019, p. 27). Além de tais animais, Exu também gosta de galo e possui este animal como um de seus favoritos juntos com os demais e na coloração preta também.A partir de tais relações estabelecidas por aqueles que foram invadir o Continente Africano e são responsáveis por dizimar povos, culturas e tradições, Exu era o diabo e todos aqueles que o louvassem seriam perseguidos, assim como o Orixá.Desde então, o povo da rua inclusive sofre com a mesma perseguição que seu pai e protetor.

A obra *Dona Flor e seus dois maridos*(1966), que traz em suas páginas elementos humorísticos, como a relação de Vadinho com a sogra, pois ele está sempre a debochar da figura da mãe de Flor. Vadinho usa do humor e da graça para tratar dona Rozilda, um exemplo disso é a execução do “passo do siri-boceta” (AMADO, 2019, p. 110) para a futura

sogra do malandro, na mesma noite em que este faz uma serenata para resgatar o amor de Flor.Além destas situações entre sogra e genro gerarem uma comicidade a narrativa do livro, a graça e o humor na narrativa são construídas principalmente pelas situações armadas por Vadinho que transforma os maiores perigos em riso e troça, gargalhando de tudo sempre e encontrando motivo para fazer graça. Amado traz em sua "História moral e do amor" (AMADO, 2019, p. 5) personagens viventes reais, como declara em "Nariz de cera e amigos xeretas" (AMADO, 2019, pág.11) "o (a) personagem do romance não retrata seu conhecido(a), e qualquer semelhança entre eles não é culpa do autor e, sim, do tal sujeito(a) que anda por aí a parecer-se com figuras de romance como se isso fosse ocupação de gente séria." (AMADO, 2019, pág. 12). O fato de alguém parecer somente confirma a história declarada pelo autor de haver conhecido de fato um Vadinho na sua vida real e que este, como seu personagem, também era um jogador e apaixonado por cachaça. Porém, o Vadinho real conhecido por Amado dorme ao relento e não tem uma família como o Vadinho da ficção que se casa e constitui um lar do qual vive desaparecendo.

Em *Dona Flor e seus dois maridos*(1966), assim como em outras diversas obras, Amado inclui seus amigos na narrativa, a exemplo de Dorival Caymmi que aparece na serenata com Vadinho. Amado e Caymmi possuem uma relação de amizade muito próxima, possuindo os dois o mesmo cargo dentro do Candomblé: são obás[7] de Xangô. Jorge Amado homenageia pessoas do seu círculo de amigos em suas obras.Devido a este hábito, há uma mistura entre realidade e ficção em *Dona Flor,* como o bilhete de dona Flor ao escritor com uma receita de bolo de puba, muito apreciado "pois de bolo de puba todos gostam e pedem mais" (AMADO, 2019, p. 15), dando a entender que Amado e Flor já possuíam uma relação de intimidade como velhos amigos e assim como tais, Flor conversa com seu amigo.

Na obra, há uma importância da imagem, quando o que mais se importa é de fato a aparência ou que se aparenta de fato ser, como Vadinho que de bom partido, cheio de influências, mostra-se um malandro e "gigolô" (AMADO, 2019, p. 299). A imagem causada de bom partido transforma, inclusive, a opinião de Dona Rozilda, que se deixa enganar e permite a presença de Vadinho dentro de sua casa sem nada perceber, com direito a certas liberdades por ela sempre combatidas, com medo de que Flor fosse alvo dos comentários maliciosos das vizinhas. No começo do relacionamento entre Flor e Vadinho, a futura sogra do rapaz gosta deste devido à imagem construída por Mirandão, que utiliza de sua lábia, astúcia e malandragem, atributos fortes nos malandros para convencer de que não havia

[7]Obás são os ministros da corte de Xangô e são responsáveis por cuidar do Candomblé segundo Raillard(1990).

nenhum perigo no namoro da filha de dona Rozilda com um descendente da família dos Guimarães, família esta a qual Vadinho pertence.

A briga entre corpo e espírito faz-se presente em *Dona Flor e seus dois maridos*(1966) e é este conflito que domina Flor no período da viuvez também, pois embora sentisse falta de Vadinho, fazendo um luto fechado, Flor sente-se bem sozinha, tendo como companhia suas amigas e suas atividades. O desejo do corpo de Flor era outro e ela tentava domar este instinto que Flor desejava apagar de si, como, por exemplo, a cozinheira tenta fazer aulas de ioga com dona Dagmar, artista de circo que via na prática "equilíbrio e acordo sem os quais não passava a vida de 'sujo poço de excrementos'", como dizia a literatura do folheto e como vinha ultimamente constatando dona Flor: com o espírito e a matéria em luta, a vida se convertia num "dantesco inferno" (AMADO, 2019, p. 231). A luta entre matéria simbolizada pelos desejos do corpo em contrapartida da decência cobrada da mulher pela sociedade junto a batalha contra o espírito dos desejos sexuais de Vadinho, que ao retornar do reino do Orum, deseja alimentar-se do corpo de Flor, devorando-o e alimentando-se desse desejo sexual repreendido e esquecido por ela de toda a forma. O luto de Dona Flor faz-se tão impressionante que chama até atenção de D. Clemente, celebrante da missa de sétimo dia de Vadinho que nota que, após tantos meses da morte do esposo, a cozinheira mantém-se ainda em luto fechado. "Minha filha – sussurrou o frade de marfim –, que desespero é esse? Vadinho era tão alegre, gostava tanto de rir […]" (AMADO, 2019, pág. 50).O sacerdote rememora Flor de que Vadinho era a imagem da alegria e foi com este sentimento que o malandro levou a sua vida, fazendo desta uma grande festa.

O material coletado por Amado em suas viagens realizadas pelo Brasil segundo Raillard(1990) é extremamente utilizado pelo escritor em sua obra. Tal ação de utilizar aquilo que o escritor encontra nas suas viagens mostra uma grande relação com François Rabelais (1494-1553), escritor francês que, assim como Amado, também coletava material para suas obras na convivência com o povo. "Rabelais recolheu sabedoria na corrente popular dos antigos dialetos, dos refrãos, dos provérbios, das farsas dos estudantes, na boca dos simples e dos loucos" (MICHELLET apud BAKHTIN, 1987, pág.1). A influência do popular na obra de ambos é nítida devido ao uso da linguagem e histórias narradas por Jorge Amado. Histórias estas conhecidas através da convivência maior com o povo entre o final da década de 1920 e começo da década de 1930, período da adolescência de Amado que influencia a obra do escritor.Segundo Raillard, "ainda hoje as linhas mestras do meu trabalho literário repousam sobre estes anos da minha adolescência nas ruas da cidade da Bahia." (RAILLARD, 1990,

pág. 39). Além de utilizar o material que consegue ainda adolescente, Amado utiliza outros que junta ao longo da vida, tal qual Rabelais o faz, segundo Bakhtin(1987).

O uso de material coletado por Jorge Amado está, segundo Raillard(1990), em *Jubiabá* (1935) na frase "Pobre é tão infeliz que quando merda der dinheiro, cu de pobre aperta..." (AMADO, 2011, pág. 194). A frase utilizada no romance do escritor surgiu da seguinte forma: "Eu estava no interior da Bahia, no Recôncavo, e um velho sertanejo, um camponês acabado, disse-me esta frase 'O coitado é tão infeliz, que no dia que merda der dinheiro, o cu dele vai ficar fechado'. Uma frase cheia de significado" (RAILLARD, 1990, pág. 297). Da mesma forma que, segundo Raillard (1990), Amado usa essa frase em *Jubiabá*, Rabelais usa em seus textos, elementos que adquire ao longo da convivência com o povo, tal qual Amado no seu encontro com o sertanejo.O próprio autor declara, em entrevista à Alice Raillard, nos anos 1980, que conhecia de fato todo o Brasil: "percorri o Brasil inteiro, tudo, tudo, tudo, conheci o país todo." (RAILLARD, 1990, pág.117). Tal fato demonstra o conhecimento do autor sobre o nosso País, tendo sido, inclusive, a partir de uma viagem de Amado à Sergipe que, segundo Raillard (1990), ele adquire conhecimento para escrever alguns livros como *Seara Vermelha* (1946) e *Tereza Batista cansada de guerra* (1972).Era dessa forma que o autor buscava elementos para suas obras, seja nas viagens ou na convivência, a exemplo do que Amado declara à entrevista ao volume *Cadernos de Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles:

> Com relação ao papel do romancista, eu concordo. Eu acho que é exatamente isso o que ele faz. Mas eu não diria que *Quincas* tenha algo de autobiográfico, embora, como em tudo o que escrevo, haja no livro alguma influência do que eu vivi e conheci (SALLES, 1997, pág. 49).

Amado coloca a realidade do povo e de quem convive em suas obras, a inspiração do escritor é a vida real, esta é de fato o seu material e principal inspiração.

Estar no meio do povo era um hábito de Jorge Amado, como também daqueles que faziam parte da Academia dos Rebeldes, movimento intelectual que visava discutir artes e literatura. "Desde mocinho, rapazola cursando a vida popular baiana, inclusive nas casas de santo, nos terreiros de Candomblé, com Edison Carneiro, Arthur Ramos, Aydano do Couto Ferraz" (AMADO, 2012, pág. 66). A vida popular fazia parte da vida do escritor baiano assim como da vida de seus amigos da Academia dos Rebeldes, alguns deles citados no fragmento acima.Jorge Amado considera a sabedoria popular de extrema importância e exalta isso em

seus textos, a exemplo de *Tenda dos Milagres*, no qual ele começa a narrativa da seguinte forma:

> No amplo território do Pelourinho, homens e mulheres ensinam e estudam. Universidade vasta e vária, se estende e ramifica no Tabuão, nas Portas do Carmo e em Santo Antônio Além-do-Carmo, na Baixa dos Sapateiros, nos mercados (AMADO, 2013, pág. 11).

Amado considera a convivência com o povo uma grande universidade de conhecimento fora do academicismo e do elitismo de saber pregado pela academia, que em alguns momentos chega a ver com desprezo aquilo que é produzido fora do ambiente acadêmico.

Utilizamos a epígrafe do samba enredo *Ópera dos Malandros* (2016) para começar a falar da relação do praticante de malandragem Waldomiro Guimarães, Vadinho para os íntimos e seus companheiros de farra, povo de rua como este. O filho de Exu, primeiro marido de Florípedes, que faz da sua vida uma grande inconstânciasem poder prever o que de fato aconteceria no dia seguinte, o amanhã era sempre uma incerteza para o malandro e para aqueles que viviam com ele.

A obra escrita em linguagem popular, devido ao uso da linguagem oral utilizada pelo povo da Bahia, conta a história do triângulo amoroso vivido entre Flor, Teodoro, o segundo marido, homem completamente diferente do primeiro cônjuge de Flor e Vadinho. DaMatta, no posfácio de *Dona Flor e seus dois maridos* utilizado para a confecção deste trabalho, define que o relacionamento entre os três possui uma "formulação não ortodoxa e antiburguesa [...]" (p. 463). A história, que começa com a morte de Vadinho, desenvolve-se e passando por todas as fases do relacionamento entre o malandro e a professora da escola de culinária "Sabor e Arte", até o momento em que o espírito do primeiro marido retorna do Orum[8].

O reflexo de Exu em Vadinho é uma ideia construída no imaginário popular baiano a partir do comportamento, falas e formas de viver e se expressar relacionadas às características de Exu, assim como os mitos do Orixá presente em Martins (2011). É na imagem do personagem que buscamos o Orixá e o encontramos. Da mesma forma, aparecem outros orixás na obra, como Oxum refletida em Flor, filha do orixá das águas doces e Teodoro, filho de Oxalufã, o Oxalá velho que não gosta de sangue e mostra-se no jeito de Teodoro levar a sua vida. A imagem elemento supervalorizado dentro da sociedade brasileira eternamente em

[8]Segundo Juana Elbein dos Santos (2016), "*orum*" é o local para o qual os espíritos vão após a morte. Para Juana, neste local todos os tipos de espíritos convivem, tanto dos homens quanto dos orixás.

busca do status, tal qual faz Dona Rozilda que enxerga em Vadinho uma forma de ascensão social que não acontece com o primeiro casamento de Flor. É com Oxalufã que encerramos esta dissertação, o último Orixá cantado no *Xirê*, encerrará o trabalho em Teodoro, segundo marido totalmente ao contrário de Vadinho e capaz de trazer a calma e a tranquilidade não vividas por Flor em seu primeiro relacionamento, trazendo um outro movimento à vida da cozinheira que é movida de formas diferentes tanto no primeiro quanto no segundo casamento.

1 "EXU PEDE LICENÇA PARA SEU POVO ELE ARRIAR" (CANTIGA DE UMBANDA)

Enquanto os homens exercem
Seus podres poderes
Índios e padres e bichas
Negros e mulheres
E adolescentes
Fazem o carnaval
(Podres poderes– Caetano Veloso, 1985)

1.1 Carnavalização literária

Iniciamos o primeiro capítulo deste trabalho utilizando como epígrafe a letra da canção *Podres poderes* (1985) de Caetano Veloso, com a concepção da sobrevivência daqueles que a sociedade sempre encontra um jeito de oprimir, como os homossexuais, indígenas, mulheres, negros e adolescentes. Na canção, estes indivíduos que se mostram reprimidos encontram a sua forma de celebrar a vida através do carnaval. Vista como uma festa de caráter desafiador para o *ethos* burguês, tal forma de se expressar no período que começa na sexta e termina na quarta, traz consigo a ideia de ser quem se deseja ser ou poder expressar-se livremente sem ter medo dos olhares. Équando os excluídos têm voz e quem fica silenciado ao longo do ano pode se comunicar, utilizando da arte para isso. Quando o autor diz que "Enquanto os homens exercem seus podres poderes" (VELOSO, 1985), julgando e discriminando, aqueles que sofrem com tais atos continuam vivos e realizando suas vivências. É durante o exercício dos "podres poderes" dos homens que Vadinho também exerce sua vida de malandro, possuindo como a glória a morte sambando em um bloco de carnaval com toda a alegria "Vadinho caiu no samba com aquele exemplar entusiasmo, característico de tudo quanto fazia, exceto trabalhar" (AMADO, 2019, pág. 21). Vadinho alegra-se por estar em meio a celebração do carnaval, assim como em sua vida feita para festejar e não para trabalhar. "Era variado e divertido seu destino [...]" (AMADO, 2019, pág. 126). Sendo a diversão e a alegria seus traços mais marcantes, nada mais coerente do que morrer em meio a tanta alegria em um bloco como acontece nas primeiras páginas do livro. Durante o período

de Carnaval, Exu, orixá de Vadinho e todo o seu povo ficam à solta, estando mais à vontade para fazer aquilo que desejarem.

A carnavalização, atitude de transcender, transgredir padrões na vida real, caminhando em direção contrária ao que se é planejado, faz-se presente na literatura também. Pensar o termo carnavalização remete de forma quase automática ao carnaval, festa que antecede a chegada da Quaresma, época importante para as religiões cristãs, em especial o Catolicismo, na qual o consumo de carne é proibido. É nessa festa que os costumes são subvertidos e os hábitos são modificados, o dia torna-se noite e vice-versa DaMatta (1997). Os excluídos que se comunicam com a sociedade durante o período do carnaval possuem,podemos pensar próximo ao que desenvolveu Stuart Hall(2006) sobre identidade cultural na pós-modernidade, uma identidade diferenciada formada a partir deste processo descrito como "concepção interativa da identidade e do eu". De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem(HALL, 2006, pág. 11). Esses sujeitos, que não participam dos rituais da elite ao longo do ano ou que pertencem às classes economicamente mais abastadas, e os marginalizados pertencentes ao povo de rua acabam ganhando destaque na sociedade, no período da folia, ocorrendo o que Roberto DaMatta (1997) escreve no ensaio *Dona Flor e seus dois maridos*: *um romance relacional* no livro *A Casa e a rua* (1985):"o carnaval era uma ocasião em que a sociedade brasileira se posicionava temporariamente de cabeça para baixo" (p.82). Além da construção de interação entre povo de rua e a sociedade, estas figuras excluídas da sociedade burguesa negociam com a sociedade durante o período da folia, assim como o ano inteiro.

A ideia de estar de cabeça para baixo durante a festa do carnaval rememora a palavra francesa *folie*, que serviu como base para a criação na língua portuguesa do substantivo folia, que designa carnaval.É na forma de ver o mundo durante este período, que segundo Bakhtin, ao escrever sobre a festa na Idade Média:"O carnaval (repetimos na sua acepção mais ampla) liberava a consciência do domínio da concepção oficial, permitia lançar um olhar sobe o Mundo..." (BAKHTIN, 1987, pág. 239). Era essa visão nova que, segundo Bakhtin, também libertava a ideia do mundo medieval como um lugar apenas de sofrimento, era durante o período de carnaval que o riso era liberado das hierarquias. Retomando ainda a ideia da palavra francesa *folie*,que em francês significa loucura, sensação esta experimentada também por Vadinho em sua vida.

> Era um destino tenso e rude, um destino de macho, isso certamente. Nenhum frouxo aguentaria aquela batalha a cada noite e a cada instante da noite, mas nunca Vadinho fizera do emocionante embate uma catástrofe de crimes e remorsos, infortúnio sinistro e irremediável. Sinistro? (AMADO, 2019, pág. 126).

A loucura de Vadinho e suas frenéticas batalhas toda noite eram muitas vezes relacionadas à sua cachaça e ao jogo, no qual nem sempre o malandro tinha sorte.

Pensar também na carnavalização é pensar no carnaval que,ainda segundo Bakhtin (1987), é feito de riso: "O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso." (BAKHTIN, 1987, pág.7). E, eis nossa compreensão, viver o riso é o que Exu, pai de Vadinho, faz.Seu gargalhar é o que choca e amedronta o colonizador europeu quando chega em território africano. É o riso, a galhofa, a forma que Vadinho encontra para encarar o mundo, como Sr. Tranca Rua gargalha nas giras de Umbanda em que baixa. Vadinho usa a sua galhofa e usa seu riso para encarar a sogra, dona Rozilda. O riso de Vadinho relembra o grotesco que possui o deboche na sua essência e o exagero corporal ou o excesso em alguma característica específica de quem deseja-se criticar ou zombar, como Vadinho faz com dona Rozilda. Para além da zombaria e do deboche, o riso de Vadinho demonstrauma vitória sobre algo.Rir de Dona Rozilda para Vadinho é mostrar que ele e Flor venceram a dominação da sogra, que era constantemente exercida sobre quem de fato estava ao redor desta.

A carnavalização dentro do romance, de acordo com esses autores, ocorre dessa forma, embora o narrador do romance não seja Jorge Amado, o escritor encontra uma forma de dialogar com Vadinho e Flor. O diálogo entre o autor e a personagem feminina chega através do bilhete já citado na introdução do presente trabalho. Escrito pela cozinheira, no entanto, Vadinho encontra-se em constante conversa com Jorge Amado, através do avivamento das memórias do tempo de juventude do escritor, no qual conhece um malandro homônimo e que, ao contrário de Vadinho não casa, é expulso da casa da família rica pelo seu jeito boêmio e por seus vícios.Segundo Raillard(1990), o Vadinho da ficção amadiana diferencia-se do Vadinho real que o escritor conhece, por jamais ter tido de fato uma família ou um lar, sempre viveu em um colégio interno e este acabou escolhendo a rua como sua casa, ao contrário do primeiro que foi expulso por sua família rica. Entretanto, ambos os Vadinhos, real e ficcional, viviam na rua.O que foi imaginado por Amado possui um lar para retornar, que é a casa de Flor, enquanto o real, faz da rua a sua casa, por não ter um lugar físico para dormir.

A história de amor entre Flor e Vadinho poderia ocorrer com qualquer um, é uma narrativa de retorno de amor e desejo que desafia céus e terra. Como exemplo deste fato, Jorge Amado declara a Alice Raillard nos anos de 1980 que de fato conheceu a história de um marido já falecido que vinha em busca de sua esposa, esta já casada com outro homem. O primeiro homem com qual esta mulher havia se casado reclamava constantemente a ausência de sexo e tinha não só o objetivo de matar o desejo sexual, como o de acabar com as saudades da mulher amada. O sexo também é o elemento que acalma Vadinho e o deixa de fato tranquilo e ameniza sua constante luxúria que nem a morte consegue acabar.

Na análise realizada por DaMatta (1985), *Dona Flor e seus dois maridos*(1966) é classificado como um romance relacional, por falar de uma sociedade baseada nas relações sociais que excluem e segregam através de suas diversas manifestações, inclusive na festa, que para DaMatta (1997) também possui seu elemento excludente, mesmo que ainda seja o carnaval que sempre foi vista como uma celebração que agrega a todas as pessoas. A partir disso pode-se também analisar tal manifestação brasileira atualmente segregada, na qual os que possuem uma boa condição financeira ou algum tipo de prestígio vão para alguns locais mais privilegiados, ao contrário dos que não possuem tal situação ou estão distantes deste contexto. A ausência do status social, de ser alguém com prestígio, ressente Dona Rozilda, mãe de Flor, sempre em busca um futuro melhor para os filhos através dos possíveis casamentos das filhas mulheres. Aliás, Dona Rozilda usa a família como trampolim para a sua ascensão social, já que nos demais não existe a mesma ambição da mãe. Ascender socialmente através de relações não é uma ideia comum a todos os habitantes da família de Flor, o que deixa Dona Rozilda ressentida com todos, já que ao contrário da mãe nenhum dos filhos, e muito menos Gil, possui o mal da ambição da qual Rozilda é possuidora.

A celebração do carnaval, que sempre desafiou o *ethos* burguês judaico-cristão, subvertendo as regras e as ordens, como em *Dona Flor e seus dois maridos*(1966). Como festa da alegria, abre-se para Florípedes com a notícia da morte daquele com quem foi casada pela primeira vez, Waldomiro Guimarães. “Vadinho, o primeiro marido de Dona Flor, morreu num domingo de carnaval, pela manhã, quando fantasiado de baiana, sambava num bloco na maior animação, no Largo Dois de Julho, não longe de sua casa [...]”(AMADO, 2019, p. 21). A partir deste fragmento da narrativa, podemos afirmar a posição transgressora de Vadinho no decorrer da narrativa. A quebra de padrões sociais do filho de Exu, continua também nas relações espaciais, rompendo com a separação entre a casa e a rua, defendida por DaMatta (1985), em *A casa e a rua* (1985) no qual a separação de quem somos em um local e no outro é essencial para dividir o privado do público. Nas ações entre dividir tais espaços, Vadinho

mantêm-se o mesmo, sendo chamado sempre pelo seu apelido em todos os espaços que frequenta, sejam eles o da rua ou da casa que mora com Flor. Osespaços frequentados pelo malandro são os espaços ligados à rua, como os prostíbulos denominados como “castelo” na narrativa de Amado, locais estes povoados pelas putas, como DaMatta (1997) destaca. “Mas a puta fica na “rua”, nas “casas de tolerância”, em locais onde o código da rua invade e penetra o local de moradia.” (DAMATTA, 1997, pág.142). Os castelos que Vadinho frequenta são as casas das putas, espaços onde o espaço da rua não respeita o limite da porta ou do portão, derrubando qualquer barreira e misturando-se ao cotidiano dos viventes, este local não conhece a separação entre o público e o privado, não sabe separar a casa da rua, em vista que muitas das pessoas que ali trabalham também fixam suas residências neste local, misturando o trabalho realizado no ambiente exterior em algo interior, passando a ter a casa a mesma função da rua, local para o qual muitos vão para trabalhar, os prostíbulos passam a ter essa função também da rua, de sustento.

Vadinho brinca seu carnaval vestido de baiana, fantasia na qual leva também uma mandioca enrolada embaixo da saia, brincadeira típica do carnaval, na qual há a presença de um avental que quando levantado revela um pênis de borracha escondido. Tal qual o personagem faz, “vestiam-se de baiana para melhor brincar, por farsa e molecagem” (AMADO, 2019, p. 23), justificando desta forma a fantasia de baiana na transgressão e na segurança do brincar o carnaval. A utilização da mandioca por Vadinho rememora o motivo pelo qual Exu anda com o pênis para fora da roupa, segundo Mapouil(1943) apud Silva(2019): “Exu, por ter realizado o sacrifício, arroga-se desde então o direito de andar com o pênis adquirido à mostra para que todos se lembrem que foi ele quem ajudou a encontrar o lugar certo para a vagina”(MAPOUIL apud SILVA, 2019, pág. 79). Assim como Exu possui esse direito de poder andar com seu falo para fora, o carnaval também concede a Vadinho esse mesmo privilégio de poder andar com seu falo para fora, representado por uma mandioca.Tal raiz conecta Vadinho a Exu e coloca na sexualidade um grande destaque na sua vida, pois segundo Silva(2019), Exu também está ligado a sexualidade, elemento importante para o malandro que o coloca em movimento seja na vida seja na morte. Além de a mandioca ter essa ligação com a sexualidade e representar o falo, é a partir da mandioca que é feita a farinha utilizada no padê que alimentará Exu.

O uso que Vadinho faz da roupa feminina, assimcomo diversos outros homens o fazem neste período, exerce uma transgressão. As outras transgressões do personagem dizem respeito a sua morte. A morte, acontecimento triste, na história do livro de Amado, ocorre durante o Carnaval, época de festa e alegrias. Entretanto, mesmo desta forma, este

acontecimento foi transformado em festa, sendo o enterro de Vadinho considerado um sucesso por Dona Norma, que odiava o falecido devido seus hábitos e o tratamento que este dava a Flor.

A vizinhança de onde o casal Vadinho e Flor moravam era composta de pessoas de todos os tipos da classe média como viúvas, donas de casa e idosos. Porém, no enterro de Vadinho, havia dois tipos de vizinho: os que gostavam de Vadinho e os que o odiavam. A exemplo dos que gostavam, havia seu Zé Sampaio, marido de Dona Norma, que apreciava o primeiro marido de Flor, e o compreendia, pois Zé Sampaio tinha um passado de boêmio e jogador, ao contrário da esposa Norma, "mãe da rua" (AMADO, 2019, pág. 230), pessoa a quem todos os vizinhos recorriam quando estavam com problemas e quase sempre eram solucionados pela vizinha prestativa que era. Havia também Dona Gisa, vizinha americana que amava o Brasil, dava aulas de inglês e possuía uma forma de enxergar o mundo totalmente diferente das demais vizinhas com quem convivia. Gisa admirava Vadinho por seu jeito "[...] Não, não relembrava os malfeitos de Vadinho para criticá-lo ou condená-lo, gostava dele e com frequência perdiam-se os dois em longas prosas[...]" (AMADO, 2019, pág. 25) e também Arthur, estudante e filho de Zé Sampaio, que também gostava do primeiro marido de Flor. Na narrativa de *Dona Flor e seus dois maridos*, encontramos moralistas e pessoas do povo de rua.

A divisão entre moralistas e representantes do povo de rua mostra-se no seguinte trecho:

> Uma semana após sua morte já as coisas começavam a ser repostas em seus lugares, a opinião das classes conservadoras, responsáveis pela moral e pela decência passou a manifestar–se pela boca das comadres e das vizinhas, tentando sobrepor-se ao anárquico e dissolvente panegírico estabelecido pela subversiva ralé dos castelos e cassinos, na criminosa tentativa de solapar os costumes e o regime (AMADO, p. 45, 2019).

Neste fragmento da obra temos a clara representação dos moralistas, que seguiam hábitos distintos de Vadinho e condenavam o seu comportamento, tentando de todas as formas, eliminá-los. Os moralistas são algumas vizinhas, a exemplo de Norma, a que mais censurava o malandro: "Dona Norma muitas vezes dissera as últimas a Vadinho, brigava com ele, pregava-lhe sermões monumentais, chegara um dia a ameaçá-lo com a polícia" (AMADO, 2019, pág. 25). A atitude desta vizinha de Flor mostra o moralismo juntamente com um agente da ordem, neste caso a polícia, principal aliada do moralismo na perseguição aos malandros e seus hábitos. Assim como utilizam da palavra para censurar, Norma tenta usar da força do Estado contra os hábitos de Vadinho e seus companheiros que, assim como

ele, não se preocupam com a língua destas mulheres e dos demais que julgavam o povo de rua que mantinham avivadas as práticas populares a ser combatidas e eliminadas.

As mais diversas manifestações do Carnaval, festa descrita por DaMatta (1997) como aquela em que tudo é permitido e as formalidades são abolidas, "Um momento em que as regras, rotinas e procedimentos são modificados, reinando a livre expressão dos sentimentos e das emoções, quando todos se podem manifestar individualmente" (DAMATTA, 1997, p. 157). As práticas deste período são diversas, sendo estas registradas em *Dona Flor e seus dois maridos*(1966) em diversas formas, tal qual encontra-se na descrição do velório de Vadinho: "Lá fora era o Carnaval com seus mascarados, seus blocos e ranchos, suas fantasias ricas ou divertidas" (AMADO, p. 28, 2019). Os desfiles de afoxés, blocos típicos da Bahia criados para que o povo de Axé pudesse brincar o carnaval, encontram-se na narrativa de Amado, como o "Afoxé dos Filhos do Mar" (AMADO, 2019, pág. 28). A morte de Vadinho neste trecho mistura ritos fúnebres em uma festa alegre e transforma tais rituais em algo festivo com a presença das manifestações carnavalescas, tais como os blocos carnavalescos. "As músicas das multiplicadas orquestras, os zé pereiras, os zambumbas, os blocos, os ranchos, afoxés com seus tamborins e atabaques" (AMADO, 2019, p. 28).

As manifestações populares carnavalescas presentes na festividade do Carnaval apresentam, segundo DaMatta (1997), uma forma performativa da sociedade durante o ano todo, tal qual o sociólogo demonstra ao descrever as festas da rua e dos salões. DaMatta (1997) coloca em seu livro *Carnavais, malandros e heróis* (1997) a divisão entre o carnaval de rua e o que ocorrem nos salões, dividido em camarotes e pista de dança, no qual os ricos e mais abastados estão dentro das festividades dos salões e clubes e como na sociedade brasileira dividimos os espaços a partir das classes sociais que ali frequentam. Na celebração carnavalesca fazemos o mesmo, a divisão por classes que ocorre, de certa forma, em uma festa de caráter igualitário, tal qual o carnaval, segundo exposto por DaMatta (1997), principalmente no Rio. "No Rio de Janeiro, o carnaval se ordena em torno de duas categorias básicas: a rua e o clube" (DAMATTA apud DAMATTA, 1997, p. 165). Tal divisão de carnaval apresenta-se em *Dona Flor e seus dois maridos*(1966). Quando os amigos de Vadinho não se surpreendem ao vê-lo em uma comemoração carnavalesca relacionada ao ambiente familiar baiano, sem a presença de indivíduos da classe popular e dos típicos amigos de Vadinho:

> E os íntimos, como Mirandão, já não se surpreenderam quando, pelo Carnaval, o viram integrando a prancha dos Alegres Gazeteiros, prancha organizada pelas famílias do Rio Vermelho, decoração do Tio Porto, Moças e rapazes fantasiados de

> vendedores de jornal, mercando o *Diário da Bahia* e *A Tarde*, o *Diário de Notícias*,e*O Imparcial*. Um carnaval de confete e mamãe sacode, de serpentina e canções, onde o lança – perfume era para consumir nas namoradas e não para aspirar–se, um carnaval sem cachaça. O oposto dos carnavais de Vadinho, que emendavam do sábado à terça feira num porre só. Integrando blocos de mascarados, às voltas com as raparigas, a sambar no meio da rua, a bebida a La vontê (AMADO, 2019, p. 102).

No trecho acima, temos bem nítida a divisão do carnaval de família, o qual moças como dona Flor frequentavam, e os frequentados por Vadinho, os quais o povo de rua e todos os seus componentes, como aqueles que também dele não faziam parte eram agregados. Um hábito destacado por Amado nesta passagem da obra é com relação ao uso do lança-perfume, atualmente proibido. Anterior a esta proibição, tal elemento era utilizado como brincadeira inocente podendo ser lançado na pele sem causar nenhum tipo de mal à saúde, ao contrário do que há hoje em dia, no qual este tornou-se uma droga, proibido de ser comercializado.

A bagunça e a desordem provocadas pelo carnaval aqui se mostram de formas diferentes. Há a bagunça permitida para a família, como a que Flor frequenta com sua mãe e seus irmãos, sem nada de errado e há outro tipo de bagunça ao qual Vadinho e seus amigos estavam acostumados, regada a cachaça e mulheres.

Dentro da Umbanda e do Candomblé, religiões diferentes, não há carnaval sem pedido de licença a Exu, pois a festa acontece na rua, que é um local de passagem e um dos favoritos de Exu, segundo Silva(2019). O padê descrito por Vagner em *Exu: o guardião da casa do futuro* (2019) é detalhado da seguinte forma: "O padê[9] realizado pelo Afoxé Filhos de Ghandi em Salvador, antes de sair de sua sede no Pelourinho, é um dos momentos de sua apresentação" (SILVA, 2019, p. 167). A ritualística do Padê de Exu é feito para acalmar o orixá que gosta desta festa, não somente chamado de padê, o ritual de alimentar Exu também é denominado de despacho: "os negros dizem que despacham Exu, empregam o termo no sentido de enviar, mandar" (BASTIDE, 1978, pág. 180), o ato de mandar Exu para longe é para que o Orixá proteja a celebração, evitando qualquer tipo de confusão que possa atrapalhar o carnaval como é feito antes dos festejos típicos deste período, como em uma casa de Candomblé.

A relação entre Exu e carnaval pode concluir é pelo caráter de liberdade da festa e pelo burburinho por ela causado, (AMADO apud SILVA 2019, p.193). "Exu é amigo do Bafafá" e como fã de uma farra, jamais deixaria de estar presente em uma celebração onde tais

[9]A grafia da palavra "padê" encontra-se neste fragmento em letra minúscula em comparação ao seu uso em Leite (2014), pois cada um dos autores utilizou-a de diferentes formas. Gildeci Leite escolhe utilizá-la com letra maiúscula, enquanto Vagner Gonçalves da Silva utiliza-a em letra minúscula. Aqui no presente trabalho utilizaremos ambas as formas.

elementos estivessem presentes, tal qual é o carnaval. Ser amigo de Exu também significa ser amigo do "bafafá", tal qual diz Amado. Vadinho, é mais do que amigo, é filho do Orixá e como seu pai, não perde uma boa farra.

Para Rufino e Simas (2018), "Exu vive no riscado, na fresta, na casca da lima, malandreando no sincopado, desconversando, quebrando o padrão" (RUFINO e SIMAS, 2018, p. 114). Devido a este gosto de Exu, as festas de carnaval só podem começar após este ritual, tal qual os *xirês*[10] de Candomblé, só devem começar após o padê. Como um bom amigo da festa e da confusão, se Exu não come, acontecimentos que podem atrapalhar tanto os rituais de Candomblé, quanto a celebração do Carnaval podem acontecer. Não agradar a Exu é como entrar em uma casa sem cumprimentar seu dono, é nas porteiras dos terreiros de Umbanda e Candomblé que Exu fica. Além de ser o primeiro a ser agradado deve ser o primeiro a ser cumprimentado quando chegamos ao lugar.

O carnaval como uma festa de Exu vem do pensamento dos mais velhos como Leite (2014) expõe, "Em vários depoimentos de idosos, todos com mais de setenta anos, portanto aptos a terem sido contemporâneos da época que inspira a construção do tempo ficcional do referido romance, foi encontrada a definição do Carnaval como sendo festa da carne, do diabo, das luxúrias e do pecado" (LEITE, 2014, pág. 97).

Devido a permissividade do Carnaval no qual tudo se pode ser feito e onde a luxúria, vista como o sexo proibitivo durante o ano inteiro era permitido apenas durante a folia, Leite(2014) também chega a esta ideia do Carnaval como festa de Exu pelo depoimento de sua avó que era médium.

A farra e a inversão destacada por DaMatta (1997) como consequências geradas pelo carnaval são as favoritas de Exu. Muitas das celebrações carnavalescas carregam a ideia da inversão, mendigos vestem-se de reis e imperadores, fingindo ser durante aquele período do Carnaval, pessoas que não são em tempos fora do festejo de momo. "Como uma nação de milhões de habitantes, um país industrializado, capitalista e na virada do século, permite que os "pobres" virem "ricos" durante quatro dias do ano"(DAMATTA, 1997, p. 40). Os diversos locais onde ocorrem as manifestações carnavalescas tornam-se o lugar favorito do Orixá e dos seus companheiros, tais quais pombagiras, exus e malandros. O morador da Encruzilhada, como aparece nos *itãs*[11]deste Orixá, tal qual está em Martins (2011) na lenda *Como Exu obrigou Orunmilá a fornecer-lhe comida* (MARTINS, 2011, p.17). Essa ideia fica

[10]Olhar nota número 1 sobre o conceito de Xirê segundo Ramos; de acordo com a definição do autor, o *Xirê* é a roda feita no Candomblé, já Padê é o ritual em que se alimenta Exu.
[11]Segundo Kileui e Oxaguiã (2020), "Itãs são histórias, lendas e versos que contam, reproduzem, no decorrer dos tempos, os fatos e os feitos das divindades" (p.164).

comprovada, pois foi na encruzilhada que Exu foi morar para atrapalhar Orunmilá, que não faz oferenda a Exu e é ensinado pelo próprio a fazer-lhe uma oferenda e dando a ele um pedaço de tudo aquilo que recebia. Segundo Martins (2011), Orunmilá revoltou-se contra Exu por este não querer trabalhar e não deu o que Exu pedia. Desta forma Exu revolta-se, enganando aqueles que procuravam Orunmilá, dizendo que este estava em outro lugar, fazendo Orunmilá que trabalhava como adivinho, perder a sua clientela. Após descobrir isto, Orunmilá vê-se obrigado a pagar a Exu, que passou a viver nas encruzilhadas.

Os locais de passagem, tais quais cemitérios, estradas e encruzilhadas principalmente este lugar, pois segundo Silva (2019): "A encruzilhada, por ser o encontro dos caminhos, é um dos espaços preferenciais para a realização de suas oferendas" (SILVA, 2019, p. 51). Estes locais de passagem também não somente serão o local favorito do Orixá Exu, como também estão presente nos nomes dos exus de Umbanda, como podemos destacar em Silva (2019):

> Como se percebe, os nomes fazem referência a pontos de passagem ou limítrofes (encruzilhada, porteira, rua), a espaços ou estados de intercessão entre o mundo dos vivos e dos mortos (cemitério, catacumba, caveira), a estados intermediários entre a matéria sólida e líquida (lodo, lama), a estados intermediários de incidência de luz (sombra, madrugada), aos seres híbridos (meio humano, meio animal) à duplicidade e à alternância das coisas (duas cabeças, capa preta de um lado, mas vermelha do outro, como o barrete bicolor que Exu usa segundo seus mitos) e a mudanças dos períodos do tempo (meia-noite, alvorada) (SILVA, 2019, p. 66).

Na encruzilhada cheia de dobras, encontro de todas as esquinas, onde nas frestas ocorrem o cruzo, definido da seguinte forma por Rufino (2019): "O cruzo é a arte da rasura, das desautorizações, das transgressões necessárias, da resiliência, das possibilidades, das invenções e transformações" (RUFINO, 2019, p. 86). Além disso, é nas encruzilhadas que todos os caminhos possíveis se encontram e se cruzam. Segundo Bastide(1978), Exu comanda as aberturas também: "Foi porque preside justamente às aberturas e aos caminhos e não por outras razões, que se tornou o mensageiro de todos os Orixás;" (BASTIDE, 1978, p. 182). Seu caráter é de estar entre os homens e os deuses.

As figuras dos Exus compadres, denominação utilizada por Silva (2019) são vistos como aqueles que ajudam as pessoas de um lugar em situação de muita dificuldade ou, segundo o autor coloca, a denominação de Umbanda como Exu batizado. "O Exu da entrada é considerado mais "maléfico"ou perigoso em relação ao dos aposentos, que é mais protetor, e por isso chamado de "compadre" (CARNEIRO apud SILVA, 2019, p. 85). Por isso a diferença na forma em referir-se a estes dois tipos de exu, o compadre e o que seria o Exu

Orixá. Inclusive, o exu que leva a denominação de compadre é aquele que apresenta uma certa relação de intimidade com os humanos, inclusive Carneiro(2008) coloca sobre o adjetivo de compadre a seguinte ideia: “O próprio título de *compadre* implica uma familiaridade que se não compreenderia, se porventura Exu representasse as forças contrárias ao homem, o espírito do mal.” (CARNEIRO, 2008, p. 70). Da mesma forma que esse exu compadre possui o lado bom e a relação mais íntima, Flor possui uma relação de amizade e intimidade com o compadre Mirandão e a Comadre Dionísia, por ser a madrinha dos filhos de um e de outro.

Na narrativa de *Dona Flor e seus dois maridos*(1966) Exu aparece como aquele responsável por proteger e zelar, mostrando-se de maneira direta e outras de forma indireta. Exu, o Bará, Orixá de Vadinho é o único que se mantêm ao lado do malandro na batalha travada entre o *egum* do falecido e os demais Orixás que faziam de tudo para levar o falecido de volta ao *Orum*, a partir dos trabalhos encomendados por Dionísia de Oxóssi a mando de Flor. “Os orixás em fúria, todos reunidos do mesmo lado, completos em suas espécies e nações; do outro lado, Exu, a sustentar sozinho aquele *egum* rebelde, ao qual ninguém oferecera roupas coloridas nem o sangue de galos e ovelhas” (AMADO, 2019, p. 386). Exu defende Vadinho até o final, mesmo contra todos os Orixás, ele protege seu filho em perigo, fazendo seu papel de pai, guardando aquele a quem foi por ele escolhido, tal qual está na mitologia iorubana. Há ainda a visão de Exu como maléfico, associado ao diabo das religiões cristãs, como ressaltado no trecho a seguir: “Se Exu é o diabo, como consta por aí, talvez Lúcifer, o anjo decaído, o rebelde que enfrentou a lei e se vestiu de fogo” (AMADO, 2019, p. 366). Aqui Exu aparece demonizado, ainda na mesma página onde há esta citação, Exu é visto como Orixá dos caminhos e das encruzilhadas também, mostrando além do seu lado de pai, sua face boa, a proteger Vadinho não deixando que nada de mal aconteça a seu filho.

1.2 Os personagens do povo de rua

A rua, local consagrado no imaginário coletivo, cercado de mistérios, como a sua face perigosa, tão temida por alguns, tal qual João do Rio (1881–1921) registrou em sua crônica *A rua* (1908). Na crônica, o escritor coloca uma das frases dita às crianças pelos adultos com o intuito de alertar sobre os perigos da rua: “se você for para a rua, encontra o bicho!” (RIO, 1908, p.8).Como local independente, a rua possui seus tipos característicos, como o malandro ou “garoto”, como Rio cita em *A rua* (1908), na qual o garoto é o filho deste local. Para João

do Rio, a rua comporta-se como uma mãe capaz de gestar e multiplicar-se, crescendo tal qual uma família. João do Rio e DaMatta (1997) enxergam a rua como o lugar da desordem, da ação e é um lugar que não consegue ser controlado, desta forma, espaço do povo de rua que escapa das formas de controle do Estado, como por exemplo, a perseguição aos malandros no começo do século XX, período em que estar portando um violão significava ser vadio e tal ato era passível de punição.Vadinho, o filho bastardo dos Guimarães é o garoto que João do Rio fala em suas crônicas.

Em alguns casos a rua serve como casa, enquanto para os demais, a casa e a rua são separadas, inclusive por aspectos arquitetônicos, de acordo com DaMatta (1997), onde essa divisão ocorre através da utilização de janelas. Para o autor, estas separam o ambiente público (rua) do ambiente privado (casa). Tal barreira separa estes espaços impedindo que os malandros, filhos da rua, adentrem na casa, fato este que não acontece com Flor, que por mais que dona Rozilda a vigiasse e não permitisse que as filhas estivessem em contato com qualquer pessoa na rua, porém mesmo sendo vigiada, Flor acaba apaixonando-se por Vadinho quando o encontra pela primeira vez.

A primeira vez que Flor e Vadinho encontram-se é em uma festa na casa do Major Tiririca, tida como uma festa em que só iam convidados previamente selecionados, na qual adentrar na comemoração na casa do major sem ser convidado era impossível: “O major Tiririca possuía um sexto sentido quando se tratava de penetras: percebia-os no ar, a distância” (AMADO, 2019, p. 85). Flor e Vadinho encontram-se no ambiente da casa, de um outro personagem que mesmo com a barreira que bloqueie a entrada de pessoas não desejadas, não impede que Vadinho e Mirandão entrem na residência do Major de forma heroica: “Mirandão olhava complacente os dançarinos, aplaudia com a cabeça a execução de Joãozinho-batuta! –Sorrindo para a vizinha, constatando a absoluta ausência de qualquer outro penetra, além dele e de Vadinho” (AMADO, 2019, p. 78). Mirandão e Vadinho triunfam sobre as regras do dono da casa, desafiando toda e qualquer lei, estando na condição de penetras, que são aqueles indivíduos que de fato não foram convidados e aparecem no ambiente para o qual não foram chamados.

Chamados muitas vezes de vagabundos devido ao hábito imaginado de não gostar de trabalhar, os malandros são assim adjetivados, como destaca DaMatta (1997): “E o malandro é um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás definido por nós como totalmente avesso ao trabalho e individualizado pelo modo de andar, falar e vestir–se” (DAMATTA, 1997, p. 263). Os malandros, como colocados por DaMatta, são aqueles que não possuem a mesma forma de pensar da sociedade burguesa, e não se

comportam como esta determina, por isso são seres individualizados, pois seu corpo é diferente do corpo burguês.

As mulheres que são chamadas de “mulheres da rua” fazem, junto com os malandros, parte componente do povo de rua, convivendo nas obras amadianas nos denominados “castelos”, como aparecem na narrativa. Temos a divisão das mulheres em duas: “a mulher de rua” e a “mulher da rua”. Estas mulheres são totalmente diferentes. A primeira é o tipo de mulher que apenas frequenta o ambiente da rua para o trabalho formal ou para resolver problemas ligados a casa, como fazer compras, levar os filhos ao médico, etc. ou apenas frequentam o ambiente externo da casa para diversão, frequentando cinema ou teatro, ao contrário das mulheres da rua, termo usado de forma pejorativa para aquelas que não seguem o que é estabelecido e imaginado pela sociedade para a mulher denominada decente. As mulheres da rua frequentam os mesmos ambientes dos homens, juntando-se a eles principalmente nas farras e estando ao lado destes, ao contrário da esposa que deveria devotar-se ao lar, seguindo as regras sociais preestabelecidas. As mulheres da rua são livres em comparação as mulheres de rua, não possuem e não seguem padrões. As mulheres da rua aparecem no romance de Amado nos denominados castelos, como o “castelo de Eunice um dente só” (AMADO, 2019, p.34), frequentado por Vadinho e diversos dos seus amigos. Corroborando a ideia de Simas (2019) na qual os botequins são as bibliotecas do povo de rua, local também conhecido de Vadinho, tal qual as mesas de jogo, e os castelos também são seus locais de estudo e formação. “Está aí resumida a definição de um bom botequim: um centro de manutenção e circulação do saber, como as bibliotecas” (SIMAS, 2019, p.91). Além das paragens habituais, biblioteca como troca de saber, a habilidade em contar histórias e convencer o próximo é uma habilidade do povo de rua.

A habilidade em convencer alguém através da conversa, conhecida popularmente como “lábia”, é uma característica dos amigos de Vadinho e do próprio também, a exemplo de Mirandão, melhor amigo de Vadinho e que está sempre ao seu lado, auxiliando-o nas suas aventuras, idas em “castelos”, mesas de jogo e todo e qualquer local que Vadinho fosse lá estava Mirandão, seu fiel companheiro. Seu amigo frequentador de castelos e mesas de jogo sabia convencer alguém através da conversa, que “danava-se a contar histórias, e como as contava! Era um mestre da narrativa oral, criador de tipos e de suspense, um clássico da boa prosa” (AMADO, 2019, p. 77). A lábia era um de seus talentos: “Vadinho tinha lábia, que lábia! Certa vez arrancara a assinatura do próspero lusitano numa nota promissória de alguns contos de réis” (AMADO, 2019, p.30). Através do ato de fala, os malandros possuem suas vitórias, a lábia pode ser de fato chamada como arte do convencimento através da fala que

quando bem utilizada por um malandro, mostra como este consegue tudo aquilo que deseja através da oralidade.

Advinda do ato da fala, a típica lábia de Vadinho é ligada a Exu, para quem a boca é aquela que transforma através do mastigar a comida em energia, tudo sendo devorado na boca do Orixá e sendo colocada na encruzilhada de forma nova, relida e modificada, pois "Exu é o senhor de toda e qualquer forma de linguagem e comunicação, assim como também é o dono da encruzilhada" (RUFINO, 2019, p. 63), onde tudo está sempre em constante movimento e transformação.

Exu não usa somente a sua boca para comer, assim acalmando a sua fome. Segundo Simas e Rufino (2018), Exu utiliza a boca para tocar flauta e fumar cachimbo: "Ifá ensina que Exu é aquele que fuma cachimbo e toca a flauta. Ele fuma o cachimbo como metáfora da absorção das oferendas e toca a flauta como ato de restituição do axé, a energia vital" (SIMAS e RUFINO, 2018, p. 113). A boca de Exu não só transforma a comida em energia, como também, transforma o fumo em fumaça e o instrumento musical da flauta em som que impulsionará o movimento através da dança, talento de Vadinho, exímio dançarino.

Segundo Santos(2016) a voz é produzida por Exu, "o som da voz humana, a palavra, é igualmente conduzida por Ésú, nascido da interação dos genitores masculinos e femininos." (SANTOS, 2016, pág. 50).A fala é uma grande habilidade do malandro que é amigo de Doryval Caymmi e Sílvio Caldas, que possuem a profissão de cantor, ocupação esta que utiliza a voz, que sai pela boca, capaz de tocar também instrumentos de sopro.

A figura do malandro, colocada por DaMatta (1997) como um personagem "deslocado" é uma das figuras que vive entre a passagem do imoral na sociedade para o que é moral. Segundo o antropólogo, "de fato o malandro, não cabe nem dentro da ordem nem fora dela: vive nos seus interstícios, entre a ordem e a desordem"(DaMatta, 1997, p. 172). É nesse espaço entre a ordem e a desordem que o malandro Vadinho se encontra, o malandro transita entre esses dois lugares ou como, segundo Rocha(2004): "Tal trânsito entre esferas opostas representa a metáfora da formação social consolidada pelo acordo mais do que pela ruptura" (ROCHA, 2004, pág.159).O malandro não rompe com a sociedade tradicional burguesa, funcionando como um negociador, assim como Exu é um mensageiro.Provocando a ira e a admiração de alguns, como a vizinha Dona Gisa, americana que mora no Brasil e nutre pelo malandro uma grande admiração e estima, defendendo seu modo de ser e de viver, chamando-o de excepcional. "Um dia dona Gisa com suas fumaças de psicologia, psicanálise e psicografia e outras invencionices norte-americanas, explicou-lhe ser ela, Dona Flor casada com um excepcional." (AMADO, 2019, p. 128). Dona Gisa defende Vadinho ainda a exaltar-

lhe os hábitos, explicando o que seria para ela esse termo: “Excepcional significando diferente, fora do normal, alguém que não cabia nas medidas habituais nem se podia prender nos limites de um cotidiano medíocre e monótono” (AMADO, 2019, p. 128). Para dona Gisa o modo de Vadinho levar a vida era diferente da maioria, por isso o malandro deveria ser reconhecido e valorizado por tudo, inclusive pela sua capacidade de ficar oito dias seguidos na farra, bebendo e jogando sem dormir e sem descanso.

Não só como um tipo social, o malandro é visto e notado seja dentro dos estudos sociológicos, seja fora destes. Para Cândido(1993), o malandro é visto da seguinte forma: “O malandro, como o pícaro, é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores.” (CÂNDIDO, 1993, p.26). Na visão do autor, o malandro está em todos os povos e nacionalidades, não há uma sociedade sem um malandro e sem a esperteza típica destes. Pode-se ao interpretar tal citação aproximar o malandro do pícaro, mas assim como Cândido escreve na *Dialética da malandragem* (1993), o elemento do jogo afasta o malandro do pícaro, “um amor pelo jogo em si que o afasta do pragmatismo dos pícaros” (CÂNDIDO, 1993, p. 26). Assim como Leonardo de *Memórias de um sargento de milícias* (1853) tem o amor pelo jogo, Vadinho também o tem e não consegue abandonar o vício.

Ao contrário do que se imagina, Vadinho quebra com o estereótipo do malandro sambista presente na sociedade brasileira. O primeiro marido de Flor afasta-se da ideia clássica do estereótipo do malandro, que segundo Dealtry (2009) deve ser rompida: “É fundamental romper com a visão estereotipada de que todo malandro é preto, pobre e sambista” (DEALTRY, 2009, p. 12). Por ser branco e loiro, o personagem de Amado, quebra com o imaginário brasileiro de que o malandro é negro: “um pouco curvado, os cabelos loiros, o atrevido bigode, a insolência do sorriso. Porreta.” (AMADO, 2019, p. 190). Porém, o malandro Vadinho não rompe com o imaginário popular de um alguém que não gosta de trabalhar, é o emprego de Vadinho em uma repartição pública, arrumado por Chimbo, tio do malandro, que lhe garante um pequeno salário gasto por ele assim que recebido. Vadinho trabalha como “fiscal de jardins” (AMADO, 2019, p. 30), porém o fiscal só aparecia uma vez por mês na repartição.“Não é necessário ressaltar a completa negligência do jovem funcionário municipal: jamais fiscalizara jardim de nenhuma espécie, só aparecia na repartição para receber os magros caraminguás” (AMADO, 2019, p. 30). Essa “negligência” de Vadinho, descrita anteriormente, confirma a sua imagem de malandro, pois nem quando deveria comportar-se como a persona de Waldomiro Guimarães, honrando o sobrenome que carrega, Vadinho deixa de ser Vadinho, comportando-se como malandro até no ambiente no qual deveria trabalhar e onde nunca esteve.

Em *No fio da navalha: malandragem na literatura e no samba* (2009) Giovanna Dealtry destaca uma das ocupações do malandro, com o caso do compositor João da Baiana (1887–1974), que não viaja a trabalha com o grupo musical Oito Batutas para não faltar ao serviço de fiscal no cais do porto. Segundo Dealtry (2009), o emprego de fiscal era comum entre sambistas, músicos e malandros, principalmente os malandros, como a autora utiliza da entrevista dada por Moreira da Silva (1902–2000): "Aliás, Moreira da Silva, em entrevista a Claudia Matos, afirma que um dos "empregos" de malandro era justamente de fiscal no cais do porto, por ser um trabalho em que não precisava pegar no pesado" (DEALTRY, 2009, p. 63). Da mesma forma que João da Baiana trabalhava como fiscal no cais do porto, Vadinho também possuía o mesmo trabalho de fiscal, no caso da história do malandro era a fiscalização de jardins, entretanto João da Baiana fosse músico e ganhasse dinheiro também com seu talento além de seu emprego no cais, Vadinho comporta-se apenas como malandro sempre a gastar dinheiro e não a ganhá-lo. A exemplo de um bom malandro, Vadinho arruma um trabalho que não necessita da força física ou de seu comparecimento constante ao local de trabalho, sendo assim um trabalho digno de um malandro.

O malandro, no imaginário popular cantado em versos e trovas por diversos autores da Música Popular Brasileira (MPB), como Orestes Barbosa (1893–1966), discípulo de João do Rio, tal encontra-se no prólogo de *Bambambã* e ambos intelectuais boêmios, caracterizados desta forma, devido os ambientes dos cafés que frequentavam, onde se reuniam com outros intelectuais como eles. Orestes Barbosa, quando garoto, viveu um tempo trabalhando nas ruas como vendedor de jornais e colocou o "garoto", expressão que utilizava para designar o malandro, como um autêntico filho da rua.

Outra definição de malandro que podemos ressaltar foi cunhada por Roberto DaMatta: "E o malandro é um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás definido por nós como totalmente avesso ao trabalho e individualizado pelo modo de andar, falar e vestir-se" (DaMatta, 1997, p. 263). Devido esta concepção de malandro como um sujeito deslocado para a sociedade, encontra-se na explicação da sociedade burguesa da noção do trabalho que coloca aqueles que estão fora desse mundo do trabalho e da responsabilidade que este universo traz consigo como marginalizados ou excluídos do processo social de tomada de decisões.

A malandragem de Vadinho já vem em sua trajetória, logo no começo de sua vida e origem, filho bastardo da família dos Guimarães:

> Com a riqueza da mulher ficara somítico e moralista. Aliás nessa altura da vida, quando seu nome era citado nas colunas sociais, passara a conceber sérias dúvidas a respeito da paternidade de Vadinho. Seria mesmo seu filho. A falecida Valdete acusava-o, entre beijos, de tê-la deflorado e engravidado. Mas será documento a merecer crédito a palavra de uma doméstica (AMADO, 2019, p. 101).

A origem de Vadinho, já demonstra este ser um autêntico filho da rua, parte de seu povo, pela sua origem que desafia uma família de costumes tradicionais e moralistas tal qual a dos Guimarães, sendo filho bastardo entre a empregada e o filho do patrão.

Vadinho desde a sua origem como filho bastardo dos Guimarães, traz a marca da renúncia e da malandragem, recusando a educação formal dada por seu pai em um colégio interno para fugir com a mãe de um colega, colocando desta forma o pensamento de DaMatta (1997), no qual o malandro é o ser que mais sofre por amor e por este sentimento é enganado: "No universo da malandragem, é o coração que inventa as regras" (DAMATTA, 1997, p. 265). A concepção do ser comandado pelo coração domina Vadinho em sua fuga em busca da amada, "Fugiu do colégio, apareceu no princípio da noite para buscá-la, para libertá-la do "bestial burguês" que tanto a fazia sofrer e a humilhava possuindo-a" (AMADO, 2019, p. 100). O malando Vadinho renuncia tudo, sua educação para nunca mais voltar aos estudos e desta forma correr atrás de seu amor, tal qual na concepção de malandro de DaMatta, sendo enganado por uma mulher.

A mãe de Zezito, ao contrário do imaginado por Vadinho, não desejava largar a sua vida confortável e a posição social que tinha com seu marido, ela "não era uma aventureira para largar casa, esposo e filho, seu conforto e seu conceito na sociedade para ir viver de amásia de uma criança na miséria e na desonra" (AMADO, 2019, p. 100). A visão da mãe de seu colega é totalmente diferente do garoto que estava sendo levada pela emoção do primeiro amor e seguindo este sentimento, não pensando em outras questões cogitadas por uma mulher adulta e de família já formada que tenta convencê-lo em retornar ao colégio:"Vadinho não tinha juízo, voltasse para o colégio, talvez nem se houvessem dado conta de sua escapula, e no próximo domingo de visitas, ah!, ela lhe prometia…" (AMADO, 2019, p. 100). A promessa feita de fato não convence Vadinho a retornar para a escola, que a troca pela liberdade das ruas.O não abandono da mãe de Zezito em relação ao seu casamento faz com que Vadinho agrida a mãe de seu amigo:

> Não quis Vadinho ouvir a promessa, estava possesso de ira e de vexame, fora ludibriado. Sem levar em conta a proximidade dos cornos do comerciante, agarrou a madame pelos cabelos longos e oxigenados e aplicou–lhe uns tabefes na cara(AMADO, 2019, p. 100).

Vadinho demonstra, neste fragmento da obra, o seu caráter de violentador de mulheres que se fará presente em outros relacionamentos com mulheres, como o seu relacionamento com Flor. Vadinho usa da força física para violentar e agredir mulheres quando estas o negam qualquer coisa, tal qual a mãe de Zezito. Vadinho não aceita ser contrariado e usa da violência para agredir, revelando seu lado perverso, praticando atos inaceitáveis como a agressão física à mulheres. Além da violência física, Vadinho também praticará em seus relacionamentos a violência psicológica, xingando Flor em brigas e discussões, ofendendo-a e agredindo sua esposa verbalmente.

A fuga de Vadinho do colégio interno revela o rapaz como um grave erro cometido por seu pai, senhor da elite que após a fuga decide não mais ajudá-lo.“Com o pai teve Vadinho breve encontro no qual se recusou a volver ao internato, recusando-lhe em troca o salafrário Guimarães a benção e qualquer ajuda financeira, ‘não tinha recursos para sustentar desordeiros’” (AMADO, 2019, p. 101). Sem a ajuda do pai, o filho bastardo dos Guimarães cai no mundo e é acolhido por Anacreon que transforma a vida do rapaz e apresenta-o ao jogo e à malandragem. Na figura do negro Anacreon, Vadinho encontra uma pessoa que pode, não só ensiná-lo aos mistérios do jogo, como também alguém de “coração leal” (AMADO, 2019, p. 101). Comparado a Dom Quixote de La Mancha por Jorge Amado.

Anacreon traz na sua figura a fama da bondade dos malandros, em contraste à figura do sedutor, destruidor de lares e deflorador de donzelas. Vadinho é acolhido no meio da malandragem por Anacreon. A partir de sua fuga, Vadinho encontra uma família e tendo como seu pai um malandro, responsável por cuidar de um novato no meio dos malandros.

As consequências da primeira desilusão amorosa de Vadinho foram tamanhas, desde ter sido acusado de tentar estuprar a mãe de Zezito, “certeza mesmo era ser Vadinho filho da puta e um filho da puta dos piores: ainda menino e querendo ‘estuprar honesta senhora, bondosa mãe de um colega, em cujo lar fora recebido como filho’”(AMADO, 2019, p.101), até a constante quantidade de mulheres com as quais se envolvia, sendo um homem infiel, traindo todas as mulheres com as quais pudesse ter um relacionamento: “Desde então não mais provara Vadinho o perfume de um sentimento familiar, não mais tivera um interesse complexo e profundo. Sua vida sentimental, numerosa e diversa, pois as múltiplas amantes variavam na idade, na posição social e na cor” (AMADO, 2019, p. 101). Todas estas mulheres que chegaram à vida de Vadinho após o relacionamento com a mãe de Zezito, de alguma forma representavam esta primeira mulher amada e em todas estas mulheres Vadinho procurava uma forma de curar esta desilusão amorosa.

O corpo doutrinado socialmente, segundo o qual não podemos ter certos comportamentos ou movimentos corporais em público e até na intimidade da casa, não importa qual o cômodo, mas sim devemos movimentar o corpo conforme os padrões sociais demandam. É através do ato de movimentar o corpo, conhecido popularmente como "gingar" que os malandros se movimentam no seu caminhar, "a cabo principalmente pela figura socialmente plástica do malandro – homem de muitas faces e discursos, cujo gingado compete com sua habilidade em tirar vantagem nas mais diversas, e adversas, situações." (ROCHA, 2004, p. 159), é no conhecimento sobre o conhecimento do seu corpo, que o malandro se movimenta e consegue sobreviver, saber gingar para um malandro é entender a vida e como jogar o jogo por ela comandado. Ainda sobre esta ideia da ginga, Rufino e Simas (2019) dizem que a maior característica da malandragem é o movimento sincopado da ginga que o corpo do malandro possui. É através dessa ginga que o malandro escapa dos sucessivos golpes aplicados pelasociedade burguesa e suas práticas eliminatórias[12], como a morte vista como uma forma de apagar com os ensinamentos e a memória de alguém, além de escapar dessa forma de apagamento, é através da ginga que o malandro mostra a insubordinação do seu corpo, avesso aos mandamentos sociais. Outra prática eliminatória é a de modificações corporais feitas pelos colonizadores ou violências físicas de diversas formas, como estupros e surras.

Os malandros possuem a relação de liberdade com o seu corpo e por mais que haja um mandonismo da sociedade burguesa para com este, os malandros como filhos de Exu seguem a libertação do seu corpo e do movimento deste, já que segundo Sodré(2018), no prefácio de seu livro *Samba, o dono do corpo*(2018), "O "dono do corpo", como bem o sabe a gente da lei-do-santo, é outra maneira de dizer Exu, princípio cosmológico da dinamicidade" (SODRÉ, 2018, p. 8). O malandro como filho de Exu movimenta o seu corpo, assim como modifica-o e o identifica como bem entende, mostrando sua autonomia e libertação corporal. O controle da sociedade burguesa sobre o corpo do malandro é apenas uma tentativa falha em dominá-lo, pois sempre há uma forma de se reinventar e se modificar, assim como agem os malandros.

A morte, na visão do *ethos* judaico cristão, é como um fim que gera, em muitos, o sentimento de tristeza pela perda física daquele que nunca mais será visto ou poderemos abraçar novamente. Na visão da sociedade burguesa a morte é o apagamento de tudo aquilo que não se gosta, porém nem sempre aqueles que devem ser eliminados pelos colonizadores,

[12]Utilizamos o termo práticas eliminatórias neste fragmento, pois a sociedade burguesa muitas vezes não consegue conviver com sujeitos e ideias diferentes das suas, tentando colocar fim nestes sujeitos e em suas visões do mundo, seja através da morte ou de outros processos de apagamento. Nota do autor do trabalho.

veem na circunstância da morte o fim. Para Vadinho, morrer no carnaval foi a coroação da sua vida de malandro, constantemente vivida com alegria e morrer nessa época do ano para ele significou uma grande felicidade. “Lá estava Vadinho no chão de paralelepípedos, a boca sorrindo, todo branco e loiro, todo cheio de paz e de inocência” (AMADO, 2019, p. 25). Muito mais do que morrer na farra, Vadinho morria em sua casa, cercado dos seus, aqueles que o manteriam vivo na memória da cidade pelos seus feitos memoráveis nos cabarés e mesas de jogo da cidade. Assim como os heróis ganham seus ABC’s, narrando seus feitos e mantendo-se vivos na memória do povo, Vadinho também ganha sua homenagem intitulada “Elegia à definitiva morte de Waldomiro dos Santos Guimarães, Vadinho para as putas e os amigos” (AMADO, 2019, p. 40). Além do sorriso dado por Vadinho no momento de sua morte, demonstrando que este morreu feliz, o uso do termo elegia narra os feitos do malandro, colocando-o como um herói de grandes feitos eternamente vivo no imaginário das pessoas.

Segundo a reflexão de Dealtry(2009), a partir do pensamento de Silviano Santiago, o corpo na figura do malandro é algo de extrema importância. É através do corpo que o malandro demonstra sua identidade e de quem de fato ele é, destacando-se da sociedade a partir de sua imagem que o diferenciará dos demais, sem a sua imagem e com seu corpo aprisionado, o malandro, para a sociedade burguesa, estará eliminado, morto.

O saber corporal é definido por Rufino (2019) como “mandinga”, tal qual podemos destacar: “A *mandinga* na Pedagogia das Encruzas se consiste como a sapiência do corpo envolta à atmosfera da magia e aos procedimentos do encantamento” (RUFINO, 2019, p. 142). Essa mandinga definida pelo autor é aquilo que o malandro pratica em seu corpo gingado e no enfoque dado ao corpo na figura do malandro. Saber o que se faz com o corpo é algo que Vadinho sabe muito bem, sempre o usando, seja para dançar ou “vadiar” (AMADO, 2019, p. 27), como o malandro gosta de chamar o ato sexual. O sexo para Vadinho é tão importante que seu apelido e a palavra que este utiliza para referir-se à ação começam com o mesmo radical, vad-, de forma que o sexo é parte constituinte da essência deste. Para Vadinho, ficar sem sexo é retirar um pedaço de si. Esta sim seria de fato a sua morte.

Gingar para o malandro é fugir dos rabos de arraia dados pela sociedade burguesa de forma insistente, movimentar-se é algo necessário ao corpo malandro que foge da doutrinação corporal e moral pregada pela sociedade burguesa que tenta doutrinar corpos e consciências.

Devido ao balanço do corpo, o malandro por muito tempo foi associado ao samba, música esta que começa com os negros, como Sodré(2018) coloca: “Nos quilombos, nos engenhos, nas plantações, nas cidades, havia o samba onde estava o negro, como uma inequívoca demonstração de resistência ao imperativo social (escravagista) de redução do

corpo negro" (SODRÉ, 2018, p. 12). O samba começa como uma demonstração de resistência do negro e com o tempo torna-se uma dança adotada entre os malandros, sendo eles também chamados de bambas, aqueles que possuem habilidade na dança. "Na batucada só se destacavam os bambas de perna veloz e do corpo sutil." (SODRÉ, 2018, p. 15). Na "batucada", outra denominação para as rodas de samba, os malandros também se faziam presentes, por isso a relação destes com o samba e as rodas de samba que fazem parte da cultura popular.

O exusíaco descrito por Rufino e Simas (2018) não é oposto ao oxalufânico e vice-versa, convivendo de forma harmônica e sem nenhum problema. Viver o exusíaco é ter práticas relacionadas à vivência de Exu descritas da seguinte forma: "Exu vive no riscado, na fresta, na casca da lima, malandreando no sincopado, desconversando, quebrando o padrão, subvertendo no arrepiado do tempo, gingando capoeiras no fio da navalha." (RUFINO e SIMAS, 2018, p. 114). A forma de viver de Vadinho é o exusíaco na vida do malandro, filho do Orixá, reinador como seu pai e amigo de uma boa cachaça e de uma boa festa, vivendo no riscado a exemplo do que fora mencionado pelos teóricos utilizados aqui neste parágrafo. Viver no riscado é um talento que Vadinho conhece e sabe muito bem como funciona.

Viver na rua é algo que Vadinho aprecia e ele conhece bem os mistérios da casa de seu pai, Exu. Segundo Rufino e Simas (2018), "Exu é chegado aos fuzuês da rua" (RUFINO e SIMAS, 2018, p. 114). Vadinho ama os fuzuês e a confusão da rua com sua mistura de tipos e pessoas, a exemplo do carnaval tão apreciado pelo malandro com suas misturas de pessoas de diferentes formas, classes sociais e tipos.

O exusíaco é o elemento principal que impulsiona o Exu reinador que é Vadinho, sempre a gargalhar e a debochar de tudo, até de sua sogra dona Rozilda que odeia o rapaz e sempre arruma uma forma de criticá-lo. A troça de Vadinho para com a mãe de Flor é tão grande que sempre que esta chega reclamando e falando mal do genro, ele arruma uma forma de fazer graça com a mãe de Flor, sentando-se junto a esta, fingindo interesse em seus assuntos, zombando de sua sogra e seu jeito intrometido.

Vadinho usa a sua habilidade de fazer as pessoas rirem e de trazer alegria, assim como Exu, vive sorrindo e desafiando a todos. Vadinho tira vantagem até do fato de estar morto, colocando uma camisa repleta de mulheres nuas, presente de dona Gisa ao sisudo farmacêutico Teodoro, apelidado pelo malandro de "colega" (AMADO, 2019, p. 370). Vadinho continua tirando vantagem de tudo, assim como quando era vivo e é na condição de espírito que Vadinho aproveita da vantagem de não poder ser visto por qualquer pessoa após a morte. O primeiro marido de Flor utiliza da sua astúcia a todo momento, inclusive para

favorecer seus amigos, e continua tirando vantagem de tudo, assim como quando era vivo. É na condição de espírito[13] que Vadinho aproveita para ajudar seus amigos a ganharem em todas as roletas e mesas de jogo da cidade, colocando PelanchiMoulas, dono de uma banca de jogo em desespero, pois todas as noites o número 17 saía para os amigos de Vadinho, que após o retorno do malandro esqueceram como era perder no jogo, tamanha era a sorte e a quantidade de vezes que o número saia. O primeiro marido de Flor, fazendo-os ganhar constantemente nas mesas de jogo, sempre apostando em seu número, "17 era o número de sorte de Vadinho" (AMADO, 2019, p. 409). Até no número de sorte, Vadinho se deixa ser regido pelo exusíaco, ou melhor, ser governado por Exu, que segundo Leite(2014) gosta dos números terminados em 7 ou seus múltiplos. "Comumente em rituais relacionados a Exu e Ogum, os ingredientes são colocados em número de 7, seus múltiplos ou números terminados com sete." (LEITE, 2014, pág. 121).Além do número favorito de Vadinho terminar em sete, ele inicia-se pelo número 1 que para Santos(2016)possui grande relação com o Orixá. "Em numerosos textos e cantigas encontra-se essa relação de Èsú com o número 1." (SANTOS, 2016, p.144). Assim como o número favorito de Vadinho é composto por 1 e 7, números que, segundo Santos(2016) e Leite(2014), são os números que possuem relação com Exu, o primeiro marido de Flor junta em seu gosto, dois números ligados ao Orixá.

A influência do orixá Exu é muito forte em Vadinho, sendo que este fora o primeiro namorado, primeiro marido e o primeiro homem com quem Flor tem uma relação sexual, ou seja, Vadinho fora o número 1 na vida afetiva e sexual de Flor.Assim como Exu está na criação do mundo ajudando Orunmilá, Silva(2019),o malandro também está na vida de Flor, no começo de sua vida afetiva, no início de tudo relacionado ao lado afetivo de Flor, como Lody(2011) coloca no prefácio do livro *Lendas de Exu*(2011) de Adilson Martins "Exu, orixá é o primeiro porque inaugura e está em tudo; na natureza e no próprio corpo do homem." (Martins, 2011, p. 7).

O exusíaco reflete-se na boca de Vadinho, seu paladar é composto de cebola e dendê, cebola alimento favorito de Exu e de Vadinho. "Vadinho gostava de comer cebola crua e seu beijo ardia" (AMADO, 2019, p. 48). O paladar de Vadinho é totalmente exusíaco, pelo gosto do vegetal com o qual também compara a esposa após ficar sem vê-la por três anos."Tu parece uma cebola, carnuda, sumarenta, boa de morder [...]" (AMADO, 2019, p. 361). Além da cebola e do dendê, Exu gosta de mais um tempero em suas comidas também de gosto forte e intenso marcado pela ardência que é a pimenta, que se encontra em muitos pratos da

[13] Vadinho é Egum iniciado. Egum é termo das religiões de matriz africana que designa a alma ou espírito de qualquer pessoa falecida, iniciada ou não nas práticas e nos saberes religiosos.

culinária baiana e na cozinha da própria. A questão da cebola, utilizada por Vadinho para comparar o corpo de Flor a um alimento, corpo que alimentará a sexualidade do malandro, que irá saborear o sexo, iguaria também por ele apreciada.

A vadiação, termo utilizado por Vadinho como sinônimo de sexo, traz consigo um dos nomes de Exu que é o de Elegbara com seu pênis ereto segundo Lobo, Rufino e Simas (2020).Dinâmico e sempre em movimento, é o falo que de fato ajuda coloca o dinamismo em Exu. Assim como o falo dinamiza Exu, mostra a ligação com a valorização do baixo corporal dado por Rabelais e destacado por Bakhtin (1987). Vadinho gosta de sexo e retoma a concepção deste Exu que chocou os colonizadores quando eles invadem o Continente Africano e enxergam-no com o pênis à mostra. Vadinho está sempre pronto a vadiar, sem ele não há um dia certo, não há hora e nem rotina, seja para exercer livremente a sua sexualidade, seja para tudo na vida, Vadinho ama ser um sem rotina, diferentemente de Flor.

Vadinho exibe a face *enugbarijó* de Exu, mas também outras como a face *Odara*, que segundo, Lobo, Rufino e Simas (2020, p. 62) “mora nos sorrisos largos, nas traquinagens de menino” (LOBO, RUFINO e SIMAS, 2020, p. 62). Dom Vicente Nigra ressalta o sorriso e a alegria de Vadinho como já dito em tópicos anteriores, mas as traquinagens, Vadinho deixava para as crianças com quem amava brincar: “E a garotada o preferia a qualquer brinquedo, proclamando-lhe o nome, correndo para ele, junto às crianças, Vadinho era seu igual, como se tivesse a mesma idade e infinita paciência” (AMADO, 2019, p. 133). Vadinho, embora seja adulto, guarda em si sua alegria infantil e usa-a nas suas molecagens junto com a garotada, sua preferência pelas crianças é muito grande, sentia-se à vontade com elas, seus semelhantes em matéria de alegria. Vadinho quando está com as crianças também está no meio dos seus, o malandro guarda também a inocência.

2 DONA FLOR E A MULHER DE OXUM

> Pois eu lhe digo que é o orixá dos rios; é uma senhora de semblante muito calmo e vive em sua casa retirada, parecendo a própria mansidão. Mas vai se reparar, é uma faceira, cheia de melindre e dengue; por fora água parada, por dentro um pé-de-vento. Basta lhe dizer, minha comadre, que essa enganadeira foi casada com Oxóssi e com Xangô e, sendo das águas, vive consumida em fogo (AMADO, 2019, p. 232).

2.1 A figura de Oxum refletida em Flor

Oxum é a mãe das águas doces, mulher fiel e romântica, segundo Lima (2019), que quando vivendo em matrimônio com um orixá mantêm-se a ele fiel, "esposa de Xangô, Oxóssi, Ogum e Orunmilá, mas sempre "mulher de um homem só", pois com apenas um de cada vez" (LIMA, 2019, p. 43). Assim Flor também o é, fiel a cada um de seus maridos, no caso fidelidade apenas ao primeiro, pois quando casada com Teodoro não resiste aos desejos de Vadinho, seu primeiro cônjuge: "Tu vai me dar, Florzinha linda, e eu estou doido que chegue a hora de comer a peladinha...Mas é tu quem vai me dar, quem vai abrir as pernas, pois eu só quando tu também quiser." (AMADO, 2019, p. 375). Vadinho é o contrário da esposa, sendo infiel a ela e fazendo Flor passar vergonha por conta dos casos extraconjugais do marido. Quando casado e vivo traía Flor com suas alunas, e mantinha xodó com outras mulheres, tal qual com uma das irmãs Catunda.

> Vadinho atendia às exigências sexo-sentimentais de Zilda Catunda, a mais sapeca das três espevitadas irmãs Catunda, sentindo, porém, aproximar-se o término do xodó: a faceira dera em exigente, querendo mandar nele, controlar seus passos, com a mania de ter ciúmes até de Dona Flor, a atrevida (AMADO, 2019, p. 174).

Segundo Lima (2019), Oxum, costuma possuir relação com as artes e a música, gostando dessas manifestações e abençoando-as devido ao caráter criativo destas, segundo Lakesin apud Lima, "Ela domina as atividades criativas e sensuais, como as artes em geral: música, dança, design e artes plásticas, literatura, culinária e ainda a arte de curar" (LAKESIN apud LIMA, p. 41). Em uma casa de Candomblé, cabe aos filhos de Oxum ou de qualquer

orixá feminino, o cargo de *Iabassé*[14]. Além deste cargo, os filhos de Oxum podem possuir outros postos de importância dentro de uma casa de Candomblé, como o cargo de *ogã*[15],que dentro da casa serão os responsáveis por retirar as cantigas. A relação de Oxum com as artes é tão grande que assim como a Orixá ama música, Dona Flor ama ouvir rádio e aprecia diversas manifestações artísticas como o cinema. Flor como boa apreciadora de tais atividades, chega a ter artistas favoritos, cantores da época de ouro do rádio, tal qual Sílvio Caldas (1908–1998) que inclusive visita a casa da cozinheira.

A visita de Sílvio Caldas (1908–1998) à casa de Vadinho e Flor é consequência da viagem do malandro ao Rio de Janeiro, na qual conhece o cantor que cria com Vadinho uma amizade. Silvio faz uma visita a Vadinho, frequentando sua casa por uma semana, "pois apesar de hóspede do Palace Hotel foi em casa de Vadinho que Sílvio se expandiu, recebeu e conversou, como se aquele fosse seu lar, dona Flor sua irmã mais moça" (AMADO, 2019 p. 166). Nesta visita, Flor e um de seus cantores favoritos trocaram receitas e estreitaram laços de amizade. A visita de Sílvio Caldas causa nos vizinhos do casal uma espécie de surpresa, mostrando também uma invasão da realidade na ficção, pois Sílvio e Amado eram amigos e como possuíam tal relação de amizade, o próprio cantor costumava visitar o escritor, quando Amado morava no Rio de Janeiro, nas proximidades do Cassino da Urca, durante a década de 1930, período este de grande efervescência cultural, pois o Rio era a então Capital Federal e a região da Urca era movimentada por uma série de artistas que faziam sucesso e costumavam se apresentar no Cassino.

Um contraponto a ser feito a partir da infiltração do real na ficção provocada pela visita de Sílvio Caldas à Flor é a de que o segundo marido de Flor é músico e toca em uma orquestra chamada Filhos de Orfeu. Embora a visita de Caldas se realize ainda no tempo do primeiro matrimônio da cozinheira, há um aspecto que precisa ser ressaltado. Enquanto Flor gosta de música, ouve rádio e é fã de artistas da época de ouro do rádio como Dorival Caymmi e Sílvio Caldas, sua mãe dona Rozilda tem ódio de música e de músicos, devido à serenata já citada e chega a ter preconceito com Teodoro quando descobre que este toca um instrumento."Tão antimusical se fizera, devido essa corja, que reagira violenta a primeira notícia dos dotes do genro; "Sujeito sem compostura, tocador de berimbau" (AMADO, 2019, p.306). Dona Rozilda mostra-se à primeira vista inimiga de Teodoro por este ser músico não como Sílvio Caldas que vive da arte, ao contrário do segundo marido de Flor que tem a

[14] Segundo Kileuy e Oxaguiã(2020), Iyabassé é o cargo designado a mulher iniciada para um orixá feminino e que será responsável por preparar as comidas utilizadas nas ritualísticas da religião.

[15] Segundo Kileuy e Oxaguiã(2020), o *ogã* é um cargo abaixo do pai mãe de santo do terreiro sendo este responsável pela chamada orquestra do terreiro, tocando os instrumentos durante as cerimônias.

música como uma distração e não profissão, pois Teodoro vive do seu trabalho de farmacêutico e da renda da farmácia cuja propriedade é sua. Mais um aspecto a ressaltar na fala de dona Rozilda é o uso do termo “berimbau”, demonstrando o preconceito contra a cultura popular. Um ponto em comum entre Teodoro e Sílvio Caldas é a música, embora um viva desta e o outro não, o que para um é lazer para o outro é profissão.Embora haja uma razão para dona Rozilda ter ódio de músicos, ela tem ódio de toda e qualquer classe artística, como quando fala das atrizes com a qual seu cunhado, Porto, conviveu quando era jovem:“ E como havia de deflorar, se era tudo umas meretrizes tudo de fiofó arrombado.” (AMADO, 2019, p. 72).Rozilda demonstra a todo momento seu preconceito contra a classe artística, seja de um possível candidato a genro ou de qualquer outro profissional da arte, além do prazer em sempre criticar e falar mal de quem quer que seja.

O ódio de dona Rozildacomeça após Flor receber uma demonstração pública de afeto de Vadinho, quando ainda era moça e vivia na casa de sua mãe. Vadinho faz tal ação acompanhado de alguns amigos músicos, como Dorival Caymmi, porém ao invés de Vadinho fazer apenas a serenata para reconquistar a amada, este executa o “passo do siri boceta” (AMADO, 2019, p.. 110) que de fato deixa a mãe de Flor irritada.

> Então todos viram Vadinho adiantar-se em direção a sua futura sogra e diante dela, ao som da flauta, executar com perfeição e donaire, num catado de pés e num gingo de corpo, o passo do siri-boceta, o difícil e famoso passo do siri-boceta. Sufocada, em pânico, sem voz, dona Rozilda recolheu suas últimas forças, o suficiente para correr escadas acima (AMADO, 2019, p. 110).

O passo de dança também demonstra como de fato será o relacionamento entre sogra e genro ao longo da história.

Uma das características mais importantes de Oxum é o seu lado maternal e o amor que ela nutre pelas crianças, além de todo o cuidado que ela possui com estas. Este cuidado e amor as crianças reflete-se em Flor, quando da visita a Dionísia para saber se esta realmente era mãe de um filho de Vadinho. Flor sente-se tocada ao ver as crianças na rua:

> Dona Flor estremeceu. Viera para levar uma daquelas crianças, uma recém-nascida, para assim garantir-se contra ela e sua mãe. Mas, vendo os meninos soltos na praça do Terreiro, seu coração se encheu de piedade, um sentimento nobre e puro; naquela hora, se pudesse, adotaria todos eles, não apenas o filho de Vadinho (AMADO, 2019, p. 136).

O amor de Oxum pelas crianças reflete-se na piedade que Flor sente ao olhar os meninos na rua de um bairro pobre e deseja cuidar de cada uma delas, assim como Oxum faz

no começo do mundo, quando recebe de Orunmilá a função de zelar pelos pequeninos, segundo Lima(2019). É este amor às crianças que faz com que a orixá seja sincretizada constantemente com Nossa Senhora, mãe de Jesus. “Oxum, tanto no Rio de Janeiro quanto na Bahia, é Nossa Senhora da Conceição, cuja data festiva é 8 de dezembro. Outras “qualidades” de Nossa Senhora podem ser associadas à mãe iorubá da água doce, entre elas Nossa Senhora do Bom Parto, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Penha...” (LIMA, 2019, p. 41-42). E assim como a Virgem Maria cuida do Menino Jesus, Flor quer cuidar dos pequeninos, rememorando a Nossa Senhora que, segundo Lima(2019), é identificada no sincretismo como Oxum.

O lado maternal de Oxum, não reflete apenas no ato de ser mãe, mas no cuidado das crianças segundo Lima (2019). Assim como Oxum gosta de crianças e vive por elas rodeada, Flor também possui suas crianças, refletida na figura de seus afilhados como o filho de Dionísia de Oxóssi e o filho de Mirandão, muito amigo de seu primeiro marido e como tal trata Flor pelo adjetivo de comadre, já que Dionísia é mãe do afilhado de Flor, estabelecendo com ela uma relação de compadrismo, a exemplo da relação que Flor possui com Mirandão, cujo filho também é seu afilhado. Porém, a relação entre Flor e Dionísia começa de maneira inusitada. A relação entre as duas comadres foi provocada por uma coincidência provocada pelo apelido de seus maridos, conhecidos como Vadinho e se chamavam entre si como “Xará” (AMADO, 2019, p. 18). O engano e a intriga criada pelo povo criaram entre estas uma amizade e não uma briga, como a que quase se formou quando Flor, antes de falar quem era de fato seu marido, pediu para criar o filho de Dionísia, que responde de forma assertiva que seu filho jamais sairia de seu lado e receberia educação dada por ela: “Mas quem vai criar ele sou eu e como bem entender. Vai ser o bamba da zona, com ele ninguém vai tirar cantiga de sotaque, e não vou dar ele para a ricaça nenhuma que não quis ter o trabalho de parir” (AMADO, 2019, p. 146).

A briga entre Dionísia e Flor ao contrário do que se imagina, uniu duas mulheres, uma de Oxóssi e outra de Oxum a partir de uma criança. Na mitologia Iorubá a união entre Oxum e Oxóssi gera LogunEdé, que segundo Prandi (2015), possui o seguinte *itã*:

> LogunEdé, era filho de Oxóssi com Oxum. / Era o príncipe do encanto e da magia / Oxóssi e Oxum eram dois Orixás muito vaidosos. / Orgulhosos, eles viviam às turras / A vida do casal era insuportável e resolveram que era melhor se separar / O filho ficaria metade do ano nas matas com Oxóssi / e a outra metade com Oxum no rio. (PRANDI, 2015, p. 137)

A hipótese do filho de Dionísia de Oxóssi como afilhado de Flor, filha de Oxum, mãe de LogunEdé,[16] também foi expressa por Leite (2014), por conta da infertilidade de Flor, o filho de Dionísia de Oxóssi retoma o mito do nascimento de LogunEdé e sua origem como filho do Orixá caçador e da mãe das águas doces.

Comparando a figura de Oxum como a grande mãe e Flor, como filha do Orixá tal qual Dionísia de Oxóssi declara para sua comadre, "Minha comadre seu anjo da guarda é Oxum, eu mandei um *eluô*[17] olhar nos búzios" (AMADO, 2019, p. 232), Flor destoa da Orixá, pois enquanto Oxum possui a fertilidade como outro traço característico em si, Flor apresenta um problema de infertilidade e que seria solucionado por uma operação, sendo esta solução recusada por ela e por Vadinho, que tinha receio que Flor tivesse como possível consequência da operação problemas no órgão sexual:

> Tola, tolona[...]Que mania é essa de querer bulir na bichochota? Deixa tua quiriquinha em paz, meu bem, não vou deixar que você meta na peladinha pra que de repente ela ficar toda frouxa ou torta por dentro [...] Deixa pra lá essa história de filho [...] (AMADO, 2019, p. 132–133).

Vadinho pensa além da questão das consequências que uma intervenção cirúrgica possa causar no corpo de sua esposa, mas sim, respeita o medo dela, Flor possui medo de operações e seu primeiro marido sabendo que o problema de sua esposa pode ser solucionado desta forma desiste da ideia e prefere deixar de ter filhos, pois sua mulher não poderia gerá-los sem uma operação.

A infertilidade de Flor é o único elemento que ela possui diferente de Oxum, senhora da fertilidade. Tal característica da esposa de Vadinho é algo que impede a paternidade do malandro e de sua esposa, porém este aspecto salva Flor segundo Tia Lita, de ter um filho que puxasse ao pai: "Há males que vem para bem, minha filha. E se tu botasse no mundo um menino que saísse a Vadinho, assim sem conserto? Tu já pensou? Deus sabe o que faz..." (AMADO, 2019, p. 133). Ter na vida de Flor outro indivíduo que tivesse as mesmas características do pai seria um grande problema e a infertilidade a livrou deste perigo segundo a fala de Lita, confirmada pelo Tio Porto marido desta: "É isso mesmo, Lita tem razão. Pra viver feliz não é preciso ter filho. Veja a gente... Nunca tivemos menino..."(AMADO, 2019, p.133). Os tios de Flor mostram que nem sempre a ausência de um filho é algo triste e que

[16]Para Lima (2019), Logun-Edé é um Orixá que possui uma ligação direta com Oxum, porém em outras casas, o Orixá é uma qualidade de Oxóssi (LIMA,2019).
[17]A palavra *eluô* neste contexto é usada como pai de santo.

possuir problemas como o da sobrinha no caso desta é algo positivo e deve ser levado em conta.

Os afilhados de Flor e as crianças ao lado desta resgatam o lado maternal da personagem de Amado, assim como trazem o lado maternal de Oxum. Flor possui uma relação de amor enorme como de uma mãe para filha com Marilda, sua vizinha que deseja cantar na rádio, “tinha por Marilda ternura de mãe...” (AMADO, 2019, pág. 345). Além do carinho que Flor possui pela menina, Marilda é uma grande companheira de Flor estando sempre junto com ela e ajudá-la na cozinha, fazendo-se presente nas aulas da escola de culinária Sabor e arte e que foge em busca do seu sonho, colocando sua mãe biológica, Maria do Carmo, vizinha de Flor em desespero com o sumiço da filha adolescente que foge em busca de sua carreira artística. O carinho de Flor por Marilda era tão grande que a cozinheira se coloca a favor da menina para que esta possa seguir sua carreira artística de cantora, quase brigando com seu marido Teodoro, “lutara para vê-la ali e certa feita até se indispusera com dr. Teodoro por sua causa.” (AMADO, 2019, págs. 345-346). Flor demonstra no apoio que dá a Marilda seu lado mais maternal e guerreiro, lutando junto com a menina pela realização de um sonho da garota, a fidelidade de Flor perpassa as relações maritais, estende-se às relações de amizade também como faz com Marilda, mostrando um lado caridoso de Oxum.

Oxum, orixá da feminilidade, do amor pelas artes, boa cozinheira, esposa fiel, mãe e zelosa com as crianças, apresenta-se também como uma mulher dengosa e vaidosa, sendo a vaidade outra de suas características mais forte. Sua vaidade é tamanha, sempre exigindo, segundo Lima (2019), uma boa limpeza nos seus assentamentos e como tal deseja tudo sempre muito bem limpo, arrumado e perfumado: “A santa gosta de tudo muito arrumado, exigindo o *ossé* (limpeza ritual) de seus assentamentos com bastante frequência” (LIMA, 2019, p. 48). Quando incorporada em seus médiuns, Oxum é descrita da seguinte forma: “Oxum está sempre perfumada e, sobretudo, bastante limpa e asseada – como, de resto, todos os Orixás” (LIMA, 2019, p. 48). O cheiro de Oxum é a forma pela qual esta é reconhecida sendo um orixá bastante vaidoso.

A preferência do perfume para Oxum é extremamente forte, “perfume aliás é o que não pode faltar a Oxum, que entre todas as *iabás* (Órixas femininos) é a que mais faz seu uso” (LIMA, 2019, p. 48–49). E sendo o cosmético um dos presentes favoritos da Orixá, esse gosto da mãe das águas doces, também se reflete em seus filhos. Como filha de Oxum, dona Flor também gosta de andar cheirosa, sendo o perfume “Royal Briar” (AMADO, 2019, p.175) o seu favorito.

> Dona Flor ficara doida de contentamento, como num outro aniversário, quando ele entregara, até com antecedência, dinheiro graúdo a Dona Norma, encarregando-a de comprar "uma lembrança batuta, sem esquecer um frasco de cheiro, de Royal Briar, do qual ela gosta muito" (AMADO, 2019, p. 175).

Assim como sua mãe Oxum, a esposa de Vadinho e Teodoro apresenta a preferência por perfume, como exposto por Luís Felipe de Lima, "Filhos de Oxum são em geral vaidosos, gostam de se vestir bem, gostam de bons perfumes" (LIMA, 2019, p. 63). Há em Lima (2019) o mito recolhido pelo autor e contado pelo babalaô José Roberto Brandão Telles, no qual Oxum troca uma parte do seu cabelo com Iemanjá por belos tecidos, porém mesmo trocando seus cabelos, ainda sobra um pouco dos fios para a mãe das águas doces, com a qual esta produz diversos penteados, mostrando-se também como vaidosa e preocupada com o cabelo também, sendo este o elemento retirado de todos os *iaôs* quando estes iniciam-se para seu Orixá.

Há uma passagem da história do livro em que Flor se lembra de sua beleza dos tempos de solteira na frente de um espelho:

> Muito cedo ainda, com a aurora rompendo os contrafortes da dúvida sentou-se dona Flor ante o espelho para se vestir e pentear. Foi em busca de perfumes, trouxe os brincos de tia Lita e os colocou experimentando enfeites, blusas e saias, novamente faceira como nos tempos da Ladeira do Alvo quando saía nuns trinques de ricaça (AMADO, 2019, p. 226).

Nesta passagem além da vaidade e do uso de joias como os brincos de sua tia, Flor admira-se em um espelho e Oxum gosta muito do objeto, inclusive Lima(2019) descreve o uso do *Abebé,* leque ritualístico que a mãe da água doce utiliza:

> A principal insígnia de Oxum é o leque, chamado na língua nagô de abebé e confeccionado em latão dourado (diferentemente dos leques de Iemanjá e Oxalá, feitos em latão prateado ou mesmo prata). O abebé de Oxum quase sempre traz um pequeno espelho em seu centro, com o qual ela se olha e admira sua beleza (LIMA, 2019, p. 49).

Assim como Oxum admira-se no seu abebé, Flor admira-se no espelho de seu quarto, lembrando-se de quão bela ela é e assim como em outras passagens do livro, Flor também se admira no espelho, tal qual a mãe da água doceo faz, demonstrando mais uma vez o lado da vaidade e da preocupação com a aparência, para Oxum a beleza é algo de grande importância e significado.

Outra característica forte em Oxum e presente em Flor é a questão da dança, Oxum dança muito bem e segundo Lima (2019) a Orixá "pisa macio" (LIMA, 2019, p. 50) e é

elegante na arte do bailar, “Oxum, por sinal, é dançarina das mais elegantes” (LIMA, 2019, p. 50). O bailar comentado de Oxum nos *xirês* de Candomblé e em Lima (2019) retoma o gosto de dona Flor pela arte do bailar, expresso em *Dona Flor e seus dois maridos*: “Vadinho era exímio pé de valsa, e dona Flor dançava bem e gostava de dançar” (AMADO, 2019, p. 183). A dança de Flor e Vadinho na casa do Major chamara atenção de dona Rozilda que se impressionou com as habilidades do rapaz e perguntou para Mirandão quem era que dançava com sua filha: “Sorria na cadeira, ouvindo Dona Rozilda perguntar quem era o moço dançarino, cavalheiro de sua filha” (AMADO, 2019, p. 86). No começo dona Rozilda encanta-se pelo rapaz, pelo seu bailar e encanto produzidos pela dança e jeito com o qual Vadinho sabe movimentar-se enquanto baila no salão com aquela que viria ser sua esposa no futuro.

As habilidades de Flor na dança chamam atenção nas matinês que vai com sua irmã Rosália quando ainda eram solteiras e procuravam um marido rico para melhorar a vida de dona Rozilda que via no casamento de suas filhas a única forma de ascensão social. A forma de dançar e se vestir das irmãs chamava atenção de quem as via e desta forma a imagem de uma mulher bonita e que soubesse dançar também seria um atrativo para o casamento. Essa imagem de pessoa bem-vestida no caso de Flor e Rosália faziam com que os homens logo as identificassem como figuras respeitosas e dignas de compromisso, chamando a atenção e os olhares devido a beleza e habilidades na dança.O lado amoroso de Oxum não se demonstra apenas no amor maternal e na fidelidade ao marido, como também nos relacionamentos em geral.

Para um filho de Oxum não existe relação sem que exista o sentimento do amor nela envolvida, como demonstrado por Flor, que só se imaginava casada com um homem que de fato ame-a, ou melhor, por quem possa se apaixonar de verdade e viver este sentimento. Assim, Flor rompe com a ideia do casamento escolhido e casa-se com Vadinho, homem que de fato pode amar, com todas as suas falhas e não sendo o genro idealizado por dona Rozilda, é o malandro o homem dos sonhos de Flor, pois ela ama-o, mesmo sabendo de seu jeito, Flor ama seu primeiro esposo, em contrapartida de Teodoro, o segundo marido, o qual aprende a amar com o tempo.

O amor na figura de Oxum é arrebatador, para viver um romance a mãe das águas doces abandona tudo como fez quando estava apaixonada por Xangô e o Orixá, rei do trovão estava pobre. Por amor a Xangô, Oxum desfaz-se de suas joias, seus vestidos e enfeites para viver essa história de amor Prandi(2015). O romance de Flor e Vadinho possui este caráter de amor impossível que Flor faz de tudo para que ocorra, desafia a própria mãe, dona Rozilda e a

lei dos Céus, fazendo seu marido retornar de tanto que era o seu desejo por ele, capaz de mover mundos inabaláveis em favor de um sentimento enorme, Flor luta pelo seu amor e consegue vivê-lo.

Podemos relacionar a visão de Flor como a mulher livre, em certos aspectos, como no amor, pois só se casaria com alguém por quem nutrisse sentimentos. Flor mostra-se senhora dos seus desejos, escolhendo por eles tal qual o arquétipo da pombagira, mulher que não se deixa submeter ao jugo da sociedade patriarcal que tenta exercer um controle sobre ela em diversos aspectos. Flor comanda sua casa durante o primeiro casamento e é responsável por prover o sustento do seu lar e também do seu marido. É ela quem dá o dinheiro para Vadinho gastar no jogo. Assim como uma pombagira não se preocupa com a sociedade e mostra-se independente, Flor também o é, não dependendo de ninguém além de si própria para sustentar-se, até quando era casada. Além de controlar a economia da casa e movimentar as despesas do seu lar, é Flor quem pede para Vadinho retornar do orum e controla as idas e vindas do marido a partir do desejo que sente pelo seu amado. Flor aproxima-se do arquétipo da pombagira ao regular todo o seu mundo e ser senhora de si, lutando contra tudo e todos para realizar seus desejos, sejam eles de amor ou não.

O amor move a vida dos filhos de Oxum, que sempre apoiam os sonhos de outras pessoas, como Flor faz com Marilda, ouvindo a menina falar sobre o seu sonho em ser cantora de rádio.Não é apenas no aspecto da vida afetiva que o amor é necessário aos filhos da mãe da água doce, mas também na vida profissional, a exemplo de Flor que segue na cozinha sua habilidade e também amor.

A ideia do bom marido construída pela mãe de Flor, dona Rozilda, era daquele que faria com que ela e sua família pudessem ascender socialmente, de acordo com a concepção do casamento como ascensão social. Segundo DaMatta (1997), o casamento seria apenas como um sistema de mercado, garantindo dinheiro e status, elementos estes que eram o que de fato mais importavam para Rozilda. O homem ideal por ela imaginado para as filhas era um sujeito rico e de boa família, tal qual está no trecho abaixo:

> Tanto esperaram semanas, meses e anos, tão bem-postas e arranjadas, e nenhum fidalgo apareceu; nem rapaz aristocrata da Barra ou da Graça, nem filho de coronel do cacau, nenhum senhor do alto comércio, sequer galego enriquecido no duro labor dos armazéns e padarias (AMADO, 2019, p. 67).

Porém, por mais que a ideia de riqueza fosse sinônimo de bom casamento, para Flor seu conceito de marido era outro. E dona Rozilda procurava para suas filhas uma pessoa tal

qual se encontra expresso por DaMatta (1997) em *Carnavais, malandros e heróis*, no qual ser um indivíduo significa possuir prestígio e papel de destaque social:“Os indivíduos são incorporados à sociedade, mas através de uma incorporação numa linhagem, clã ou metade.” (DAMATTA, 1997, p. 224). O que dona Rozilda queria era ser incorporada à sociedade por alguém de uma classe social mais elevada e por isso na mãe de Flor está tão presente esse pensamento do indivíduo, pois somente um casamento entre alguma de suas filhas poderia de fato retirá-la da posição social e econômica que ela e a família ocupavam. Dona Rozilda não queria ser uma pessoa que nada mais seria do qual alguém sem relações sociais relevantes e que obedece aos indivíduos, ela queria ser o próprio indivíduo, mandar e não obedecer como uma pessoaque segundo DaMatta(1997) “Recebe as regras do mundo onde vive” (DAMATTA, 1997, p. 225-226).O que a mãe de Flor queria era ditar as regras no seu mundo, ou melhor, na sociedade em que vivia.

Acostumado a sempre encontrar uma solução para os seus próprios problemas, não importa qual fosse o caminho para resolvê-lo, Vadinho encontra uma forma de criar uma fresta e ao mesmo tempo fazer parte dos planos de dona Rozilda, quando na casa do Major Tiririca, usa da influência do seu sobrenome Guimarães e finge ter uma alta posição social, o que a impressiona, pois segundo chega aos ouvidos da mãe de Flor, Vadinho era “fiscal de jogo” (AMADO, 2019, p. 87) e tal profissão garantia sempre um bom salário e um status, o que de fato interessava dona Rozilda. Por mais que a mãe de Flor desejasse um casamento por interesse, não era este o desejo de suas filhas, que desejavam se casar por amor, pouco importando quem fosse o pretendente. Elas não só não iriam casar por interesse material, como também não eram gananciosas como a mãe delas, que sempre manipulava as pessoas a partir das posses que elas tinham. O que irá diferenciar os filhos de Rozilda para é que eles não são governados pelo dinheiro como a matriarca.

O desejo de ter alguém com quem houvesse o sentimento do amor e se pudesse compartilhar a felicidade conjugal era um desejo das filhas de dona Rozilda, que também se veriam livres das armadilhas e do inferno que era a convivência com a mãe. Não eram somente os filhos que D. Rozilda perturbava, como também aos genros, como declara Morais, marido de Rosália. “Só Cristo aguentaria morar com dona Rozilda e ainda assim não era certeza, precisava experimentar para ver se o Nazareno tinha bastante competência” (AMADO, 2019, p. 70). Conviver com dona Rozilda não era uma tarefa fácil, pois sempre arrumava uma forma de intrometer-se na vida daqueles que estavam perto dela, impondo regras e maneiras, fazendo com que qualquer um não suportasse estar no mesmo ambiente que ela.

Na visão da esposa de Vadinho, casamento era sinônimo de amor e a busca por um marido era movida por tal sentimento. Flor desejava um marido que além de amar fosse honesto e assim como o das demais mulheres, estivesse sempre em casa como um homem distante do ambiente da malandragem que seu marido frequenta:

> Não tinha um emprego na Municipalidade, obtido por seu parente rico, dr. Aírton Guimarães, apelidado Chimbo? Ela o queria vindo do emprego para a casa, os jornais sob o braço, um embrulho de biscoitos ou cocadas de abarás e acarajés (AMADO, 2019, p. 128).

Este era o sonho de dona Flor, porém seu marido era diferente, "verdadeira condição de seu amor: pobre, sem vintém, funcionário chinfrim, picareta e facadista, cachaceiro, libertino e jogador" (AMADO, 2019, p. 129). Vadinho é o oposto do marido sonhado por Flor e idealizado por uma sociedade que segue o *ethos* burguês, não possui altas posições, apenas o nome que é seu único bem de família, família esta que abandona o malandro na juventude.

O primeiro casamento de Flor começou com uma enganação, Vadinho fingindo possuir uma alta posição na sociedade, porém não era esta a sua realidade. Ao contrário do que dona Rozilda e Flor imaginavam. Vadinho apenas carregava o nome Guimarães e nada mais, nem com a bênção do próprio pai o malandro contava. Conquistador de fama e conhecimento na sociedade baiana, Vadinho traía Flor, desaparecia por dias e dias e provocava aflição na professora da Escola Sabor e Arte. Na narrativa do livro, há uma viagem feita por Vadinho ao Rio de Janeiro, descoberta por Flor apenas perto da data da partida: "Um dia, por exemplo, ele viajara às pressas, dona Flor soubera no último momento e imaginou o pior, considerando-o perdido para sempre" (AMADO, 2019, p. 162). Além de viajar às pressas para o Rio de Janeiro, Vadinho também sumia à noite, quando ia apostar nos locais de jogatina da cidade:

> Pela madrugada dona Flor acordou, o despertador à cabeceira marcava duas horas da manhã. Vadinho não estava na cama, Dona Flor pôs-se de pé, saiu a procurá–lo pela casa. Vadinho sumira, fora arriscar com certeza os cobres dados pelo banqueiro (AMADO, 2019, p. 121).

Além do jogo, outros hábitos do primeiro esposo de Flor eram o motivo dos seus desaparecimentos como a bebida e a farra: "Gabava-se Vadinho de jamais ter estado doente e de ser capaz de atravessar oito dias e oito noites sem dormir, jogando e bebendo ou na farra com mulheres" (AMADO, 2019, p. 26). As ausências de Vadinho eram constantes na vida de Flor, por sete anos, tempo em que durou o casamento de Flor, número de forte significado por

ser um dos números favoritos de Exu, neste caso o relacionamento de Flor com Vadinho representa um encontro entre Oxum e Exu Simas(2019). Dentro do Candomblé, Exu utiliza o número 7, seus múltiplos ou números terminados em 7 (LEITE, 2014), sendo sete a quantidade de tempo do casamento entre a filha de Oxum, Florípedes e o filho de Exu, Vadinho. Além da quantidade de anos que ficam juntos ser ligada a Exu, o número 7, segundo Bakhtin (1987), na obra de François Rabelais, "Sobre o número sete, definido como número crítico para o mundo inteiro, e especialmente para a vida do organismo humano." (BAKHTIN, 1987, pág. 408). O número crítico sete segundo as considerações de Bakhtin, a respeito da obra de Rabelais foi o mesmo do relacionamento crítico de Vadinho e Flor. A união dos dois é conturbada e marcada por momentos de briga e desentendimentos na sua grande maioria causada por dinheiro gasto quase que por inteiro no jogo por Vadinho,se não em outros hábitos que o malandro possuía, como o da cachaça.

Não eram apenas das traições de Vadinho e desaparecimentos que vivia o relacionamento entre Flor e ele. A rotina de jogos acabava com as economias do casal, ou melhor, da esposa que era quem de fato sustentava a casa com suas aulas de culinária. As brigas com violência física eram bastante presentes entre estes, Flor apanha de Vadinho quando se nega a dar para o malandro o dinheiro que havia juntado para comprar um rádio novo:

"Foi ela quem bateu: arrancando-se dele e não querendo deixar-se agarrar novamente, socou–lhe o peito com os punhos fechados, com a mão aberta, atingiu-lhe o rosto. 'Sua puta, tu me paga!', disse Vadinho, enquanto Dona Flor gritava: 'Me deixa, desgraçado, não me bata, me mate logo, é melhor' (AMADO, 2019, p. 157-158). Nesta briga Flor apanha de Vadinho, que quando contrariado agride mulheres que lhe neguem aquilo que deseja. O malandro mostra o lado negativo da malandragem e o pior lado de sua personalidade, o de agressor de mulheres, sendo o relacionamento de Flor e Vadinho algo tóxico e que faz mal a professora de culinária. Nesta passagem,Flor defende o dinheiro para consertar seu rádio, dinheiro esse que ele desejava gastar nas bancas de jogo da cidade da Bahia.

A união da filha de Oxum, Flor, e do malandro Vadinho, filho de Exu, é a imagem colocada por Luiz Antônio Simas em *Pedrinhas Miudinhas*: *ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros* (2019), quando relata a real origem do brasileiro: "Somos, os brasileiros, filhos do mais improvável dos casamentos, entre o meu compadre Exu e a Senhora Aparecida[18]" (SIMAS, 2019, p. 53). O relacionamento entre Vadinho e Flor mostra não só a união entre

[18]Nossa Senhora Aparecida é sincretizada no Candomblé e na Umbanda com Oxum, Orixá de Flor.

Exu e a Senhora Aparecida, mas a união de estereótipos sociais tanto ligados ao masculino quanto ao feminino. Dentro da sociedade patriarcal há a visão da mulher como submissa ao homem e restrita ao ambiente da casa e da cozinha, sendo esta proibida em opinar e sendo do homem a tarefa em gerir o lar, cabendo ao homem o espaço da rua e do trabalho formal. Vadinho e Flor ao mesmo tempo em que se aproximam deste ideal afastam-se dele também. Simultaneamente Flor é a responsável por cuidar do lar e é responsável por seu sustento, já que o marido gasta todo o salário que ganha como fiscal de jardim em jogo e farra.

O dinheiro de Flor, neste caso a mulher, mostra a inversão dos papéis neste lar que é por ela sustentado através da cozinha, local este que a sociedade patriarcal designa a mulher, não só a cozinha, como o ambiente da casa e os cuidados com a residência. É no ambiente familiar da cozinha que Flor exerce o seu trabalho de cozinheira levando dinheiro para a casa e ao mesmo tempo em que se aproxima da ideia deste cômodo da casa direcionado ao feminino é o que gera o sustento. Já Vadinho, como homem, deveria ser o responsável pelo sustento do lar, mas utiliza-o apenas como leito para dormir e "vadiar" com Flor que é a chefe do lar.

Depois de um primeiro casamento conturbado,"o primeiro casamento, fiquem sabendo, caríssimas amigas, fora o inferno em vida" (AMADO, 2019, p. 358), o que faz com que segundo suas comadres após o término deste relacionamento, acreditem que Flor de fato mereça ser feliz,mas com um alguém diferente de Vadinho, que possa de fato amá-la, respeitá-la e ser fiel. O fato de Flor encontrar a felicidade merecida vivendo um casamento perfeito, não impede que estase queixe de que falta algo em sua vida, mesmo que sem os problemas do primeiro relacionamento, no qual a maioria das discussões e problemas eram causados por dinheiro, gasto por Vadinho em apostas e bancas de jogo da cidade de Salvador. Ainda que sem estes problemas, alguma ausência era sentida por Flor: "Aqui pra nós lhe digo, mana saudosa, que mesmo com essa vida tão feliz, por todos invejada, por vezes me dá uma agonia, tão sem pé e sem cabeça, difícil até de explicação, um não sei quê [...]" (AMADO, 2019, p. 356). Flor sente uma falta que não consegue explicar e nem entender, a morte de Vadinho trouxera para a vida da professora de culinária uma sensação de calma, tranquilidade e deixou de fato a sua casa vazia durante o tempo do luto, porque sem Vadinho não há movimento na casa, porque sem o filho de Exu, Orixá do movimento, como já explicitado no primeiro capítulo, a casa de Flor se aquieta.

A ausência sentida por Flor era da vadiação de Vadinho e não do sexo com Teodoro. Há a ideia de que dona Flor pode ser semelhante ou combinar mais com algum dos dois maridos, porém ela necessita de ambos. Podemos destacar um ponto em comum entre Flor e

Vadinho além da sexualidade, eixo comum entre ambos: as relações sociais, assim como Vadinho possui diversos amigos que o ajudam como Mirandão e Cigano, motorista de táxi, Dona Flor possui suas amizades, tal qual as vizinhas e Dionísia de Oxóssi, quem encomenda o despacho para Vadinho retornar ao *Orum* e deixar dona Flor em paz.

O tempo de viuvez de Flor, descrito no seu início como "tempos de nojo e de luto fechado" (AMADO, 2019, p. 149), quando ainda sofria pela ausência da saudade de Vadinho, e da agonia causada por sua falta, fazem com que a professora da Escola de Culinária Sabor e Arte seja apresentada a diversos homens pelas comadres.A obsessão das comadres em arrumar um novo marido para Flor faz com que esta inclusive sonhe com eles: "Viu-se Dona Flor no centro de uma roda em plena praça pública, como no jogo infantil da ciranda-cirandinha, mas a roda era formada por marmanjos, os múltiplos candidatos das amigas e comadres à sua mão de esposa" (AMADO, 2019, p. 221). As vizinhas e as amigas de Flor tentavam de toda forma arrumar um pretendente para ela, não somente arrumar um novo marido como também divertir a viúva e agitar a sua vida era tarefa de outras mulheres: "As amigas a arrastavam a compras e passeios, a cinemas e visitas" (AMADO, 2019, p. 214). Todas essas tentativas em melhorar a vida de Flor eram por ela renegadas, pois tantos compromissos sociais a deixavam muito cansada.

Não apenas a figura da mulher desacompanhada, como passou a ser a situação de Dona Flor, como a ideia da necessidade de sexo era algo sempre imaginado por todas as mulheres que rodeavam a ex-mulher de Vadinho. Uma das alunas da Escola Sabor e Arte chamada Dagmar é extremamente taxativa quando profere a seguinte sentença a respeito da falta de relações sexuais provocada pela viuvez: "Minha cara, enxaqueca de viúva é falta de homem na hora de dormir" (AMADO, 2019, p. 219).

O período de luto o qual passa Flor só é aliviado com a chegada do período de São Cosme e São Damião, sincretizados no Candomblé como Ibejis, santos gêmeos que protegem as crianças. Segundo Rufino e Simas (2019), os Ibejis foram responsáveis por enganar a morte ou Iku como se chama, tocando um tambor: "Iku dançava tanto que não percebeu que os gêmeos trocavam de lugar, para que a música continuasse sem parar. Iku se sentiu esgotado, mas não conseguiu parar de dançar." (RUFINO e SIMAS, 2019, p. 46). Da mesma forma que os ibejis enganam a morte, dona Flor sai de seu luto com a chegada da festa dos santos meninos, celebrada em setembro, mesmo mês no qual é celebrado o dia de Cosme e Damião, santos da Igreja Católica com a mesma função dos Ibejis do Candomblé, da mesma forma que eles enganam a morte, fazendo com que esta dance e se esqueça do que precisa fazer, dona Flor alivia seu luto na chegada do mês dos Santos Gêmeos. "Aliviara o luto em

setembro, às vésperas do primeiro domingo, data sagrada do caruru anual de Cosme e Damião, os Dois-Dois, devoção do finado" (AMADO, 2019, p. 214).

Os comportamentos sexual e social modificaram-se através do tempo devido a diversos fatores, sociais, econômicos e etc. No livro, a construção da sexualidade de Flor é baseada no ideal da mulher que possui a obrigatoriedade em casar virgem, sendo direito ao marido reclamar pela virgindade da esposa. A vida sexual de uma mulher na sociedade patriarcal, só começa após o casamento, sendo antes considerado um crime, um "mal passo", sendo as mulheres as culpadas por praticarem sexo antes de se casarem. Caso houvesse alguma relação sexual, o casamento era obrigatório: "Quisesse ou não Dona Rozilda, com ou sem maioridade, tinham de casar, Flor deixara de ser moça donzela e só o matrimônio lhe restituiria a honra agora no bucho de Vadinho" (AMADO, 2019, p. 111). Neste caso o casamento de Flor com Vadinho teria a função de reparar o que acontecera com a moça e da mesma forma evitar comentários a respeito de Flor.

A visão do sexo, de uma forma em geral dentro da sociedade patriarcal, coloca o gosto pelo sexo sempre atribuído ao homem, cabendo à mulher sempre manter-se casta. Porém, nem todas as personagens apoiam a ideia da obrigatoriedade da virgindade. Dona Norma, vizinha já descrita no capítulo anterior, deixa bem claro que não há diferença nenhuma em ter relações sexuais antes ou depois da celebração do casamento, narrando uma quantidade de casos de sexo antes do matrimônio: "Muita gente minha filha, só não dá antes de casar porque não sabe que é tão bom ou porque o noivo não pede. Afinal, antes ou depois, que diferença faz, me diga?" (AMADO, 2019, p. 118). Dona Norma, em sua fala, também coloca o sexo como algo bom, embora ainda haja o papel do homem como aquele que necessita deste e precisa exercer sua sexualidade, cabendo apenas à mulher o papel de estar receptiva ao ato sexual e que mesmo desta maneira poderia ser benéfico.

Na narrativa de *Dona Flor e seus dois maridos* há exemplos de mulheres que gostam de sexo e possuem desejo em fazê-lo, seja com o marido ou com outros parceiros, como o caso de Neusa Macedo, que tinha por hábito trair o marido e levava o apelido de "Neusa Macedo (&Cia)", por sempre estar com algum amante e outras que o usam como meio de sustento, como as prostitutas que convivem com Vadinho nos prostíbulos da cidade da Bahia.

A sociedade brasileira, como reguladora da moral, julgando o que é certo ou errado a partir de uma construção subjetiva, segrega de forma espacial, dizendo quem deve ou nãofrequentar certos espaços e quem pertence a cada lugar. A sociedade moralista separa espacialmente as classes sociais em locais delimitados,ou em rituais e celebrações, assim como DaMatta(1997) coloca como exemplo as procissões e as festividades do Carnaval como

uma demonstração da segregação social brasileira. Um exemplo desta separação presente no livro é do espanto provocado por Flor em Vadinho quando esta pede de aniversário uma visita ao Palace, local de jogatina frequentado por seu marido, que acreditava na separação dos ambientes e que havia um público específico para frequentar determinados espaços. Neste caso, o Palace não seria para Flor, por ser um local de jogo, bebida e de pessoas diferentes dela, uma dona de casa que não frequentava o espaço da rua à noite e que cuidava do lar e da cozinha, trabalhando dia e noite para prover o seu sustento e o de seu marido. A visita de Flor ao Tabaris, remonta ao mito de Exu expresso por Martins (2011) intitulado de *A pior coisa do Mundo,* no qual Obatalá pede a Exu para comer a melhor coisa do mundo e depois pede a pior e Exu, dá ao Orixá um prato de língua. Assim como Exu faz isto com Obatalá, Vadinho faz o mesmo com Flor levando-a ao Palace e dizendo para esta que o cassino não era um lugar para uma mulher como Flor estar: "– Meu bem, não fique assim. Você quis vir, aqui não é lugar pra você, meu bicho tolo" (AMADO, 2019, p. 187), porém a mágoa de Flor em tal lugar não é necessariamente pelo ambiente, mas pelo fato de uma das amantes de Vadinho estar olhando para ele, provocando-o a dançar com ela um samba "Como é, querido e nosso samba?' Estou esperando, venha logo [...]" (AMADO, 2019, pág. 186). Além de dizer que o Palace não era o local de Flor, Vadinho deixa bem claro o tipo de pessoa que em sua concepção frequenta tal espaço: "Será que agora tu vai ligar para essas vagabundas daqui, vai se importar com elas?" (AMADO, 2019, p. 187).

Além do *itã*já mencionado, a visita de Flor ao Palace é semelhante a chegadade Maria Padilha nas giras de Exu dançando ao som dos atabaques e pontos em seu louvor. A preparação para este dia foi de grande ansiedade e vemos como tal o avivamento dos elementos de Oxum como a de pombagira, que em seus assentamentos carrega elementos ligados à vaidade e à beleza como batom, esmalte, perfume, bijuterias, purpurina e lenços de diversas cores. O avivamento da vaidade de Flor dá-se cada vez mais o dia de comemorar seu aniversário no cassino vai chegando.Preocupada em como irá se vestir e se arrumar para esta data de grande alegria para ela:

> Dona Flor passou o resto do dia numa azáfama: a decidir com a ajuda de Dona Norma e de Dona Gisa, sobre vestidos e estolas, luvas e chapéu, a escolher sapato e bolsa. Naquela noite, nos salões do Pálace, tinha de ser a mais bela de todas, a mais elegante...(AMADO, 2019, p. 182).

A elegância era a real importância de Flor que queria ser a mais bela de todas as mulheres, usando acessórios ligados a vaidade como o sapato, elemento importante no bailar, assim como o vestido que se muito justo dificulta os movimentos durante a dança.

A figura da mulher sozinha andando pela rua ou frequentando qualquer local desacompanhada gerava comentários de diversas espécies, tanto na história do romance analisado como na própria vida real. Tais falas iam desde comentários com tonalidades maliciosas até julgamentos sobre a moral daquelas que andavam solitárias pela rua. Uma mulher sozinha durante muito tempo tornou-se objeto de comentário e preconceito na sociedade: "Afinal quem mais necessitada da permanente companhia, do afeto e da assistência da mãe, senão Dona Flor, recém viúva e inconsolável" (AMADO, 2019, p. 196). Inclusive mulheres viúvas, como no caso de dona Flor, eram alvo de comentários, tornando-se foco de falas e paqueras.

A solidão de Flor transforma-a em possível alvo de golpistas, tal como o malandro chamado de Príncipe[19] acusado de aplicar golpes em viúvas ou, como utilizado por Amado, aplicava o "conto do vigário". O malandro conhecido por enganar viúvas, era totalmente diferente do que fora previsto por Dinorá que o descrevia desta forma, "Maior de trinta anos, aparentava pouco mais de vinte" (AMADO, 2019, p. 206), "Ora apesar de moreno, o Príncipe não era de meia-idade" (AMADO, 2019, p. 206) e sua aparência não era nem um pouco charmosa, assemelhando-se à figura dos poetas do século XIX: "Delicado, pálido, dessa palidez dos poetas românticos e dos gigolôs, cabelos negros e lisos, brilhantina e perfume à La vontê, sorriso entre melancólico e persuasivo" (AMADO, 2019, p. 206), aspectos muito distintos do previsto por Dinorá.

Os crimes do Príncipe eram famosos, sendo este conhecido nos prostíbulos da Bahia, segundo Amado descreve no romance, assim como os golpes que o malandro aplicava:

> Foi preso ontem na Praça da Sé, sob a acusação de haver ilaqueado a boa-fé da viúva JulhietaFilhol, com residência no Barbalho, ludibriando-a com noivado e promessas de casamento, para frequentar-lhe a casa e dar sumiço às joias e a dois contos de réis da crédula apaixonada, o marginal Eduardo de tal, conhecido no submundo do crime pela alcunha de Príncipe. (AMADO, 2019, p. 207)

O galanteio de Príncipe à Flor não dura muito, protegida por Exu e por todos os Orixás a mando de Dionísia, comadre da cozinheira.

[19]Segundo Amado explica no romance, o apelido de Príncipe que Eduardo possui é dado pela polícia devido aos modos que este possui e utiliza para enganar as mulheres em quem aplica seus golpes.

“Também nos ebós dos Candomblés, em sacrifícios de conquéns e pombos, de galos e de um bode negro, despachos encomendados por Dionísia de Oxóssi para defender sua comadre dona Flor dos malefícios e dos malvados”(AMADO, 2019, p. 213). Junto aos trabalhos encomendados por Dionísia e com a ajuda de Mirandão, Príncipe logo é colocado para correr pelo compadre de Flor que já sabe da fama do rapaz e deseja proteger a sua também comadre.

> Mirandão, como quem não quer nada, atravessou a rua em direção ao vigarista. Pelas frestas das janelas fechadas com violência, as comadres viram-no a conversar com o calhorda. Em nenhum momento deixou o Príncipe de sorrir, mesmo quando perdido em explicações confusas. Mirandão fez um gesto enérgico apontando-lhe a ladeira a descer para a Cidade Baixa. Rápida cena de cinema mudo para as comadres na brecha das janelas(AMADO, 2019, p. 229).

Mirandão e Dionísia funcionam na narrativa da história, principalmente após a viuvez de Flor, como protetores da viúva de Vadinho e do sossego desta após a morte do malandro. Os compadres Mirandão e Dionísia, assemelham-se com a figura do exu compadre, pois estão mais próximos dos viventes do *àiyé*[20], e ambos estão em contato constante com Flor, vivem em trocas constantes com os vivos e assim como Exu, possuem seu lado bondoso e protetor. Mirandão aproxima-se da figura dos exus de Umbanda que fazem a proteção e Dionísia a figura da pombagira, que também protege e guarda aqueles que estão sob sua proteção, impedindo que qualquer coisa ruim possa acontecer a quem tem a sua companhia. Flor com toda esta proteção de Mirandão e Dionísia e das informações das vizinhas e dos jornais que relatam as aventuras do Príncipe sabe quem de fato ele é, mas ao contrário do que se pensa, Flor não se envolve com Príncipe não é porque ele é um vigarista, mas porque não surge nela nenhum tipo de sentimento por ele, não há amor por Príncipe como há por Vadinho. Este é o sentimento que move o relacionamento dos dois e o mantém de pé, mesmo quando antes de Flor se casar descobre quem Vadinho é, ela mantém seu relacionamento e não o desfaz com ele por isso, pelo amor que nutre por ele. Além da ausência de sentimento por Príncipe, Flor sente-se bem com a sua viuvez, o que causa incômodo nas comadres que tentam de toda forma arrumarem pretendentes para ela e acham que o problema de Flor é a falta de sexo.Flor deixa claro que está muito bem sem marido ou namorado, e que nem pensa nisso de tantas são suas ocupações, ela não sofre da dor de cabeça de viúva e está muito bem sozinha.

A figura de Flor como mulher sempre chamou a atenção dos rapazes e homens que a encontravam, não só a dela, como também a de sua irmã Rosália. Por terem uma beleza que

[20]Àiyé é o espaço onde os vivos, aqueles que tem vida na Terra estão Santos (2016).

chamava atenção, dona Rozilda não deixava as filhas trabalharem fora de casa, com receio de que algo acontecesse a elas. A morte de Gil, pai das moças, obriga a família a modificar-se, como os planos de dona Rozilda para o único filho homem do casal: “Enquanto Gil fora vivo, dona Rozilda, planejara formar o filho, fazer dele médico, advogado ou engenheiro, e, apoiada no canudo de doutor, no diploma da faculdade, ascender às elites” (AMADO, 2019, p. 63). Não somente a carreira do filho ajudaria a mãe, como consequentemente arranjaria bons pretendentes as suas irmãs: “Ao lado disso, e em consequência, os bons casamentos das meninas, com colegas do filho, doutores de linhagem e de futuro” (AMADO, 2019, p. 64). Em todos os aspectos da vida dos filhos Rozilda tenta tirar vantagem ou conseguir algum benefício, não importa qual seja este.

Para a moral da sociedade brasileira na primeira metade do século XX, mulher sozinha era alvo para todo tipo de golpe e enrascadas, mulher solitária não era bem-vista pela sociedade, como no fragmento retirado da obra que é alvo de análise nesta dissertação: “Desde quando viúva moça e séria pode permanecer sozinha numa casa, sem companhia, sem defesa contra gatuno ou vagabundo” (AMADO, 2019, p. 293). Havia nesse caso a visão da mulher como alguém indefeso e que necessitava de companhia e proteção.

A visão da mulher ao longo do tempo modifica-se, principalmente quando estas começam a entrar no mercado de trabalho e necessitam sair do espaço da casa. A partir deste momento, a mulher passa a frequentar o lado de fora do lar, mesmo que ainda seja por trabalho, mas começa a fazer-se presente na parte externa do seu lar, participando de alguma forma nas despesas da casa. Com esta chegada da mulher ao mundo do trabalho, ocorrem algumas mudanças, como a mulher em alguns casos conseguindo gerir-se sozinha ou não mais dependendo do homem para pagar as suas despesas.

Outra característica dos filhos e filhas de Oxum é o gosto pela cozinha e deste gosto podemos explicar e justificar a “ciência do ponto exato com o dom dos temperos”(AMADO, 2019, p.65) que dona Flor possui e com o qual ganha seu sustento, auxiliando na renda da família.Foi com o dinheiro das aulas, acumulado pela cozinheira no tempo do casamento com Teodoro, o segundo marido, que Flor e seu esposo compram a casa que a cozinheira mora desde que saiu da casa da mãe:

> Pois, meu caro, segundo estou informado, dona Flor ou dona Florípedes, como vosmicê prefira, tem umas economias bem razoáveis na Caixa Econômica […] Mais do que suficientes para completar, com a hipoteca, o necessário para a compra da casa […] (AMADO, 2019, p. 383).

Das filhas de dona Rozilda, Flor era a que possuía o talento para a cozinha, e Rosália possuía o dom da costura: “era costura o forte de Rosália” (AMADO, 2019, p. 65), e Heitor, o irmão mais novo de Flor e Rosália, estudava no colégio ainda quando o pai dos filhos de Rozilda acabara de morrer, “Heitor no colégio a concluir o ginásio”(AMADO, 2019, p. 65), Flor sempre foi da culinária, ao contrário de sua irmã. Rosália como costureira retoma o nome do *erê* de uma iniciada para Oxum que Lima (2019) cita em seu livro relacionando não somente Oxum à cozinha, como também a costura, “[...] Estrelinha de Ouro, Pingo de Ouro, Potinho Dourado, Conchinha (nome também dado a alguns *erês* de Iemanjá), Lavadeira, Cozinheira, Costureira (é este o nome do *erê* de uma *ialorixá* ligada à Casa Branca do Engenho Velho, de Salvador)” (LIMA, 2019, p. 78). De fato, a cozinha faz-se mais presente na vida de Flor após a morte do seu pai, que era quem sustentava a casa.

Com a morte de Gil, cada um dos filhos precisou ajudar no sustento da casa de alguma forma. No caso de Flor, a necessidade em ajudar nas despesas faz com que ela possa aprimorar o seu dom na cozinha: “Desde pequena fazia bolos e quitutes, sempre rondando o fogão, aprendendo os mistérios da arte suprema com a Tia Lita, uma exigente” (AMADO, 2019, p. 65–66). A presença de Flor ainda criança na cozinha de sua tia demonstrava este forte traço de Oxum em sua filha. Flor assume em casa a tarefa de cozinhar, tal qual a *Iabassê* que dentro do terreiro é a responsável por fazer a comida ritualística. No caso de Flor não apenas o amor pela cozinha a fez chegar-se mais a culinária, mas a necessidade de ajudar a família, o auxílio e a dedicação de toda mulher de Oxum.

A cozinha e principalmente a “Escola de Culinária Sabor e Arte” (AMADO, 2019, p. 72) de Flor, possui uma grande importância na vida desta. Seu nome fora escolhido por mero acaso quando Heitor, o irmão de Flor, lera em um jornal o nome de uma escola chamada “Saber e Arte” (AMADO, 2019, p. 72) e daí surgiu o nome para a escola de Flor. Além de batizar a escola, foi Heitor quem também pintou o primeiro letreiro, utilizando desta forma o talento que possuía para o desenho e pintura descrito da seguinte forma: “Ao lado das letras caprichadas, colher, garfo e faca, cruzados em gracioso tripé, completavam a obra do artista.” (AMADO, 2019, p. 72). Muito mais do que um simples letreiro anunciando a escola de Flor, o letreiro também remete ao que o garfo, a faca e a colher fazem, um tripé, que possui ligação com o número 3, número ímpar de grande importância, segundo Santos (2016):“Ao contrário, toda a ênfase é colocada no três. O dualismo, o quatro e seu quadrado, o dezesseis, compreendendo unidades em equilíbrio, devem sua própria subsistência ao fato de serem “movidos” pelas unidades de três.” (SANTOS, 2016, p. 72). Segundo o expostos por Santos(2016), o número 3 é um número responsável pelo movimento dentro da cultura

iorubana e é o tripé formado pelo garfo, faca e colher torna-se mais uma fonte de renda a movimentar a casa e a economia do lar de Flor em todos os momentos de sua vida, dando um apoio a economia doméstica, já que o tripé tem essa função de sustentar e dar uma base para que algo seja feito.

Foi com a arte de cozinhar aliada ao ensino que Flor conseguiu levar dinheiro para a renda da família quando era solteira. "As aulas de culinária davam o necessário para o sustento da casa, as parcas despesas de mãe e filha, e também para guardar algum dinheiro tendo em vista os gastos de um futuro matrimônio" (AMADO, 2019, p. 72). Porém, não era somente a renda da escola que ajudava a aumentar o orçamento da família quando Flor era solteira. A preparação de salgados, bolos, doces ou outros pratos para festas, recepções e casamentos auxiliavam na entrada de dinheiro para a casa da família. Uma prova da ajuda das encomendas de Flor é quando esta recusa um pretendente de nome Pedro Borges, herdeiro de uma família rica do Amazonas. Flor não detestava o rapaz, simplesmente não o amava para casar-se com ele e desejava que ele encontrasse uma boa esposa e fosse feliz. O único lamento de Flor com relação a recusa do rapaz é perder a oportunidade de fazer o banquete do casamento do moço. "Não vai faltar moça bonita e direita para casar com Pedro, ele bem merece. Eu só queria que fosse aqui, na Bahia, que era para eu preparar o banquete do casamento" (AMADO, 2019, p. 75). Flor pensa não somente no dinheiro que poderia ganhar fazendo a comida servida no casamento de Pedro como demonstra uma atitude humilde em pensar em elaborar e cozinhar o cardápio da celebração.

Enquanto a filha pensa no lucro que poderia ser obtido com o trabalho, a mãe imagina o lucro que poderia aparecer a partir do casamento:

> Saiu da sala num repente indignado, temia ter uma coisa, desejou ver a filha morta e enterrada, a ingrata, a bestalhona, a idiota, inimiga da própria mãe, amaldiçoada! Como se atrevia ela a recusar a mão do doutor – agora realmente doutor –, do moço rico, do herdeiro das ilhas, dos rios e dos índios, dos mármores todos, dos faiscantes anéis, ai, como se atrevia a infeliz bastarda? (AMADO, 2019, p. 75).

Fica claro que as ambições de Rozilda e Flor eram diferentes, enquanto uma pensava na ambição material a outra almejava a sentimental, que era o de apenas ser feliz e realizada em um relacionamento no qual houvesse o amor.

A escola fundada e administrada por dona Flor foi uma das formas de ajudar sua família e também ajudou a ela quando casada com Vadinho a garantir o sustento da casa. Quando da chegada da viuvez até o segundo casamento, foram as encomendas que recebia e as aulas da escola que ajudaram a cozinheira a pagar as despesas e garantir sua renda, até a

chegada de Teodoro e o casamento dos dois. Mais do que uma forma de renda, a Escola de Culinária Sabor e Arte, serviu para Flor como uma distração durante seu período de luto fechado pela morte do primeiro marido.

No livro de Jorge Amado, Dona Flor possui dois homens e dois amores. Cada um destes homens amados por ela possui suas características próprias, Vadinho com seu jeito malandro, suas infidelidades com outras mulheres, inclusive com alunas da Escola de Culinária Sabor e Arte, como o caso de uma mulher chamada Inês, aluna com a qual, o primeiro marido teve um breve romance. Ao contrário do primeiro, Doutor Teodoro mantém-se fiel a esposa, recusando qualquer aventura ou investida de mulher, sendo chamado de impotente por isso.

A fidelidade de Teodoro à esposa é motivo de comentário de muitas pessoas que invejam a vida do casal. Para muitos, eram um casal perfeito, como encontra-se nesta fala: "Pois os dois empatam na figura e na bondade – era a voz de dona Amélia" (AMADO, 2019, p. 325). A vida entre Flor e Teodoro, cheia de festas, saraus e pessoas de posição social, chama a atenção da mãe de Flor: "[...]Dona Rozilda demonstrara-se ofendida, rompendo praticamente suas relações com dona Flor, agora engolira a afronta, a tentação da nova vida da filha, com seu brilho de relação e saraus" (AMADO, 2019, p. 304). O quase rompimento de dona Rozilda com Flor é resultado da inveja despertada na mulher com relação a vida do casal mais movimentada que a dela e da qual deseja participar.

A maneira utilizada entre Teodoro e Vadinho para chamar Flor é bem diferente, Vadinho chama a esposa de "meu bem" (AMADO, 2019, p. 101), já Teodoro trata sua mulher como "minha querida" (AMADO, 2019, p. 343), tendo zelo com Flor como se esta fosse a pessoa mais delicada e doce do universo. Vadinho a chama de "meu bem", mas trata-a com brigas e discussões, fazendo da vida de Flor um inferno, sempre no aperto e a viver incertezas. Teodoro possui quase uma relação paternal com Flor, devido o cuidado de seu Orixá, Oxalufã, Teodoro cuida de Flor como se esta fosse sua filha, ao contrário de Vadinho que possui com esta um relacionamento tóxico.

A atitude da mãe de Flor em tentar ir morar com a filha fica clara para Flor quando Rozilda insiste na ideia de o casal morar em uma casa maior: "Ouça mãe. Eu sei por que essa história de casa maior. A senhora quer é se meter aqui para sempre, mas pode tirar isso da cabeça, eu não estou de acordo" (AMADO, 2019, p.304). Flor logo percebe a ideia de sua mãe em morar com ela e o farmacêutico, porém acha outra maneira em ajudar a mãe e mantê–la longe de seu lar, dando para esta uma mesada que lhe ajudasse a pagar algumas despesas: "dona Flor, para compensar a mãe daquela rude franqueza, decidira estabelecer-lhe pequena

mesada. Dinheiro para seus alfinetes, minha mãe, para suas obras de caridade”(AMADO, 2019, p. 304). Flor soluciona o problema da relação com a mãe através da mesada, pois a cozinheira sabe que o interesse de dona Rozilda em ir viver com a filha é material e não afetivo, demonstrando que o interesse da mãe de Flor é em relação ao dinheiro e nada mais.

O hábito de Dona Rozilda em intrometer-se na vida dos filhos era algo comum e mesmo com o casamento destes a mãe não deixava de fazê-lo. Para que isto não acontecesse, um dos genros de dona Rozilda, Morais, marido de Rosália, decide morar com a esposa em lugar distante e de difícil acesso para não conviver com a sogra: “Morais preferia enfrentar aquele bonde comprido e lento, viagem de nunca acabar, descarrilando a toda hora” (AMADO, 2019, p.70). O bairro escolhido por Morais, não por acaso para escapar dos mandos e desmandos de sua sogra,não foi escolhido à toa, pois quanto mais difícil de chegar, mais distante ficaria para sua sograe menor seria a convivência desta com a família que este estava formando com Rosália.

O bairro do Cabula era de difícil acesso e apresentava alguns perigos como animais peçonhentos e os Exus dos Candomblés que se mostram como um risco. Essa visão de Exu como perigoso reflete a influência do colonizador europeu que o coloca desta forma. Morais prefere conviver com tudo isto a estar próximo de dona Rozilda: “Meter-se naqueles matos esconsos onde sibilavam cobras venenosas e cascáveis e onde os exus de muitos candomblés da redondeza andavam soltos pelos caminhos fazendo misérias, a tolerar o convívio cotidiano da sogra” (AMADO, 2019, p. 70). Para o genro de dona Rozilda era mais perigoso estar do lado da sogra do que das cobras e dos Exus com suas reinações, nada oferecia mais perigo do que a mãe da sua esposa.

A vida econômica entre Teodoro e Flor também era muito diferente da do primeiro relacionamento da cozinheira. Se com Vadinho Flor vivia sem dinheiro por sustentar a casa sozinha e ainda ter dinheiro roubado pelo primeiro esposo, com Teodoro a vida econômica da viúva modificara-se. Uma das primeiras mudanças foi a abertura da caderneta de poupança na Caixa Econômica Federal: “Dr. Teodoro foi com Dona Flor à Caixa Econômica e ali abriu uma caderneta de poupança em nome pessoal da esposa, onde ela passou a depositar suas economias” (AMADO, 2019, p. 298). Se agora guardava dinheiro para o seu futuro e para outras necessidades, anteriormente com Vadinho não era esta a situação de Flor.

> Tinha seus hábitos, devia mudá-los agora, pois no dizer da amiga, seus antigos costumes eram de pobre, de mulher de mísero funcionário, ainda por cima, jogador a lhe dissipar os proventos da escola, vivendo na prática às suas custas, mais gigolô do que marido; eram costumes de viúva sem arrimo a sustentar-se com o seu trabalho,

> dele tirando o de-comer, de-vestir, o aluguel da casa e demais despesas (AMADO, 2019, p. 299).

Ao contrário de Vadinho, Teodoro possui uma profissão e desta retirava o sustento da casa, não permitindo que Flor pagasse nada dentro do lar, já Vadinho como descrito era um gigolô, sendo chamado desta forma por ser sustentado por outra pessoa, não conseguindo manter-se sozinho, dependendo economicamente da esposa.

O relacionamento de Flor e Vadinho começa de forma conturbada, sem as etapas que Flor cumpre com Teodoro, sendo mais tranquilo, sem pressa, afinal o relacionamento com uma pessoa de Exu, Orixá irrequieto e que está sempre em movimento, não poderia ser calmo. Amado compara em *Dona Flor e seus dois maridos*(1966) os relacionamento de Flor da seguinte forma; "SE O PRIMEIRO CASAMENTO DE DONA FLOR REALIZOU-SE ÀS CARREIRAS, EM ACANHADA[21] E RESTRITA CERIMÔNIA, NO SEGUNDO TUDO OCORREU COMO DEVIDO, REINANDO ORDEM E CERTO BRILHO" (AMADO, 2019, p.270). No primeiro não há o respeito pelas etapas do namoro, noivado e casamento para enfim chegar o momento da primeira relação sexual dos noivos tal qual era comum. As etapas dos relacionamentos de Flor são bem descritas por Amado da seguinte forma: "O primeiro não teve noivado, indo direto do namoro (impudico) ao matrimônio, passando antes pela cama (antes da hora)" (AMADO, 2019, p. 270). Enquanto Vadinho não consegue respeitar cada uma das etapas, Teodoro mantêm-se fiel. Mesmo com outras mulheres além de Flor, o malandro não consegue segurar seus impulsos sexuais e nem Flor que ardia de desejo e sucumbe as investidas de Vadinho. Já Teodoro respeita cada etapa do relacionamento com Flor até chegar ao casamento, controlando seus impulsos com a ajuda deOtaviana.

Mesmo com todas essas diferenças entre Vadinho e Teodoro, Flor necessitava dos seus dois maridos, como Vadinho coloca para ela: "Não é mau sujeito, esse teu segundo […]. Muito ao contrário. Sabe meu bem, cada vez simpatizo mais com ele […]Entre nós dois, tu está muito bem servida. Ele para penas e cuidados, eu para a gente vadiar […]" (AMADO, 2019, p. 433). Vadinho deixa claro que Flor tem de cada um dos seus amores aquilo que de melhor cada um pode lhe oferecer, enquanto Teodoro cuida de Flor, sustenta a casa e dá a ela a vida que ela jamais pôde ter, Vadinho dá a ela o que Teodoro não lhe dá, o prazer sexual. Teodoro também dá a Flor uma vida social mais agitada e animada, pois embora Vadinho seja um homem que vive na noite e em festas, mantém a esposa em casa e não lembra de cuidar

[21]Foi-se utilizado aqui a caixa alta para respeitar a forma como a qual o texto aparecia na edição de *Dona Flor eseus dois maridos* que foi usada para escrever o presente trabalho. Nota do autor do texto.

dela, apenas oferecendo-lhe o seu sexo, sua vadiação. Cada um destes homens é necessário a Flor, sem Teodoro não há Vadinho e vice-versa.

Teodoro organiza a vida de Flor em todos os aspectos, através de sua responsabilidade e seu jeito exigente, porém delicado e amoroso com a esposa. Vadinho bagunça a vida Flor, transforma seu leito de organizados lençóis em cama bagunçada de noite inteira de "vadiação". Teodoro tem um enxoval para casar com Flor e ao chegar a casa da professora de culinária, introduz uma rotina com horários para tudo, inclusive para o sexo: "Às quartas feiras e aos sábados, às dez da noite, minuto mais, minuto menos, dr. Teodoro tomava da esposa em honesto ardor e em prazer constante, sendo certo o bis aos sábados e facultativo às quartas feiras." (AMADO, 2019, p. 302). Ao contrário de Vadinho para o qual não havia horário e nem dia certo, sendo toda hora e dia propício para o sexo e muito menos mantendo-se fiel a uma parceira.

3 OXALUFÃ E TEODORO

O capítulo 3 desta dissertação trata do segundo marido de Dona Flor, Teodoro Madureira, homem totalmente distinto de Vadinho, primeiro esposo de Flor. A dissertação obedecendo às regras de um *xirê* de Candomblé, inicia-se com Exu, sendo este o primeiro Orixá a ser cantado e alimentado com o intuito de evitar surpresas desagradáveis que comprometam a ordem da celebração. Desta forma, como iniciamos o presente trabalho falando sobre o primeiro marido, Vadinho, filho de Exu, necessitamos encerrar com Oxalá, neste caso com Oxalufã, orixá do segundo marido de Dona Flor, pelo menos com o santo ao qual o farmacêutico é comparado.

3.1A organização e os hábitos rotineiros de Doutor Teodoro

O farmacêutico Teodoro Madureira, segundo marido de Florípedes, idealizado como um homem sério e que retoma a figura do renunciador exposta por DaMatta (1997), devido ao mundo que abandona os prazeres mundanos como recém-formado para cuidar de sua mãe e retribuir a ela todo o sacrifício feito. Teodoro zela por sua progenitora até que esta morresse,devido à uma promessa feita por ele: “Ao vê-la a beira da morte, o jovem farmacêutico, num gesto de herói de dramalhão, no entanto sincero, jurou-lhe permanente companhia, manter-se solteiro enquanto ela vivesse” (AMADO, 2019, p. 266). Além de um renunciador por renegar todos os prazeres que o mundo poderia proporcionar-lhe, ao contrário de Vadinho que aproveita cada um destes, tal como a vida noturna e o sexo sem o qual o malandro não vive, Teodoro procura ser organizado e metódico, dividindo-se entre o trabalho e o cuidado com a mãe doente.

A visão do segundo marido de Flor, homem anunciado nas cartas de baralho da vidente dona Dinorá, que prevê o segundo casamento de Flor. A vidente possui uma boa fama como *médium*, sendo responsável por atender outras pessoas dentro da narrativa de Amado. O que muita gente não sabe é sobre o passado que Dinorá faz questão de esconder, principalmente seu apelido, “Dinorá Sublime Cu”(AMADO, 2019, p. 201). A história de Dinorá fora esquecida apenas por ela, mas não o foi por Anacreon, amigo de Vadinho, “Quem

fala muito nela é Anacreon, andou bebendo muita água nessa moringa”(AMADO, 2019, p. 201). Anacreon é um dos poucos dentro da narrativa do livro que conhece a história de Dinorá e inclusive já teve um relacionamento com ela. O malandro amigo do primeiro marido de Flor jamais esquecera de Dinorá e da história que os dois viveram.

A visão do segundo marido de Flor feita por Dinorá, agora mulher moralista seria desta forma: “senhor moreno, já de meia idade, alto, robusto, distinto, soberbo quarentão de modos sérios e afáveis, levando na mão direita, pela haste erguida, um botão de rosa cor de vinho” (AMADO, 2019, p. 206). Segundo a fama de boa vidente que corria sobre dona Dinorá, devido sua previsão de um escândalo que havia acontecido com uma família um ano antes de o fato vir à tona, sua previsão estaria certa e o futuro marido de dona Flor seria realmente um quarentão como o descrito pela vidente. Porém suas cartas não previram outro homem na vida de Flor antes da chegada do quarentão de modos sérios e que já fora apresentado no capítulo anterior e atendia pelo apelido de Príncipe.

A descrição feita por Dinorá não só incluía aspectos físicos, como era complementada por características intelectuais e econômicas, como uma profissão de grande retorno financeiro e bens acumulados de família ou uma situação financeira melhor que a da viúva de Vadinho. No campo material e acadêmico, o segundo esposo de Dona Flor era visto como: “As damas e os reis, os valetes e os ases de espada, paus e copas conformaram-lhe os traços fisionômicos e a honesta disposição de casamento, acrescentando-lhe o ás de ouro bens de dinheiro, estabilidade econômica e título de doutor” (AMADO, 2019, p. 206). No caso da previsão feita por Dinorá este marido seria de fato Teodoro, homem sério e o típico “caxias” descrito por DaMatta (1997) apud DaMatta (1973) como a “[...] figura que denota o mundo da estrutura, das leis e do autoritarismo” (DAMATTA, 1997, p. 174). Teodoro é este homem correto e que não faz nada que possa prejudicar o próximo, sendo extremamente honestoe procurando fazer tudo dentro do que a lei pede.

Teodoro demonstra essa característica do estar dentro da lei, inclusive na compra da farmácia com a qual ganha seu sustento, e da casa que ele e Flor residem, no qual já descrito anteriormente. Ao contrário de Vadinho, que vivia recorrendo ao dinheiro da esposa, Teodoro recusa-se a fazer o mesmo que o primeiro marido de Flor: “Mas esse dinheiro é dela, fruto de seu labor, nele não tocarei jamais, é um dinheiro sagrado” (AMADO, 2019, p. 383). Na vida econômica, Teodoro desperta inveja devido seu jeito trabalhador, organizado e econômico, um dos comentários a respeito desta característica do farmacêutico, veio do dono da funerária, seu Vivaldo: “Segundo seu Vivaldo da funerária, informante respeitável, sempre curioso da situação financeira dos amigos, dr. Teodoro, equilibrado, sério e trabalhador, iria longe”

(AMADO, 2019, p. 299). Para todos, Teodoro possuía um futuro promissor, ao contrário de Vadinho que só possuía o presente e nada mais.

Quem também reparava nos modos do doutor e se alinhava à previsão de Dinorá era Norminha, que o taxava como um excelente partido para qualquer mulher que estivesse à procura de um marido: “Partido igual, filha minha, só muito de raro em raro: cidadão maduro, na boa idade para dona Flor, feito na vida, doutor de grau e anel, dono da farmácia, ressumando saúde, se o tivessem inventado não fariam melhor” (AMADO, 2019, p. 259). Segundo Norminha, o farmacêutico seria um bom partido devido seus atributos físicos e situação acadêmica e econômica.

Além das leis a serem cumpridas como todo cidadão brasileiro, feitas para serem seguidas e assim controlar uma parcela da população, tal qual DaMatta (1997) descreve: “Fazer leis é, no Brasil, uma atividade que tanto serve para atualizar ideais democráticos quanto para impedir a organização e a reivindicação de certas camadas da população” (DAMATTA, 1997, p. 237). É a lei que controla as ações dos indivíduos, determinando aquilo que podem ou não fazer, não somente Teodoro como filho de Oxalufã as cumpre, como também dentro da mitologia iorubá, Exu está relacionado com elas. “Mas ele não tira essas regras da própria cabeça, ao acaso: como porta-voz dos deuses, Exu faz cumprir as grandes leis que eles criaram para que o Mundo possa funcionar.” (MARTINS, 2011, p. 14). Assim como Oxalufã segue as leis, Exu vigia o cumprimento das regras, sendo assim não há lei sendo cumprida sem que Exu veja se esta é obedecida da maneira correta ou não.Assim como existem as leis para serem cumpridas pela sociedade determinadas pelos homens, tal qual DaMatta coloca. Teodoro também tinha suas leis próprias, ou melhor, um lema pessoal a ser seguido por todos que com ele conviviam: “Um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar” (AMADO, 2019, p. 9). É este lema que faz com reorganize a casa toda de Dona Flor, quando esta sai para viajar e retorna encontrando sua cozinha arrumada de outra forma.

Uma das modificações que Teodoro faz na casa de Dona Flor é a demissão de Sofia, que trabalhava com Flor havia muitos anos. Para demitir a primeira empregada de Flor, o farmacêutico utiliza o seguinte argumento:

> Dr. Teodoro explicou, com sua voz segura, mas gentil, ter sido obrigado a despedir Sofia: Além de péssima empregada, não lhe obedecera, respondendo com um muxoxo de pouco–caso e com resmungos insolentes às suas ordens categóricas para efetuar uma limpeza séria na casa sempre mal varrida. (AMADO, 2019, p. 294)

A questão da limpeza encontrada por Teodoro como mais uma das razões para a demissão de Sofia, retoma a concepção da celebração das Águas de Oxalá, descrita por Simas (2021): “o rito reproduz a prisão injusta de Oxalá, o cortejo de todos os membros do terreiro, em silêncio absoluto, com potes e moringas cheias de água para banhar os assentamentos de Oxalá,...” (SIMAS, 2021, p. 67). Ter uma boa limpeza na casa para Teodoro é o mesmo que a cerimônia das águas de Oxalá que livra o orixá da sujeira do sofrimento que passou na cadeia.

Sofia e Teodoro não se davam muito bem. Teodoro reclamando do serviço dela e ela de seu jeito, Sofia inclusive chega a apelidar Teodoro como “doutor Purgante” (AMADO, 2019, p. 294), remédio de gosto ruim e difícil de tragar. Para Sofia, Teodoro era este homem difícil de agradar e sempre amargo, sendo por ela apenas engolido, ao contrário de Flor sua patroa de quem gosta muito e respeita, porém, com hábitos distintos do marido, que a vê como uma mulher desorganizada e sem rotina, precisando de uma maior organização e de uma mudança para modificar-se. Teodoro vê Flor de uma forma totalmente diferente da ideia que a cozinheira tem de si própria, “sempre fora considerada e se considerava dona Flor boa dona de casa, ordeira e pontual, cuidadosa” (AMADO, 2019, p. 293). Por vê-la de forma contrária é que o esposo se aproveita de uma viagem de Flor para modificar a organização da casa e outros elementos do lar do casal, colocando no lugar um jeito mais seu do que de Flor. A partir desta reorganização, o local onde o casal reside, passa a ter uma aparência de um lar de casal, fato que não ocorria no primeiro casamento da professora de culinária.

A organização para o segundo marido de Flor era algo essencial e sem o qual não só os espaços físicos como os próprios relacionamentos não funcionariam. Para Teodoro, o casamento para dar certo deve possuir organização, quando esta sai da vida de um casal faz com que aquela união seja difícil de ser mantida: “Como muito bem dizia o farmacêutico, a desordem, a barafunda, os hábitos desregrados levam os casais à discussão, ao desentendimento, primeiro passo para a desarmonia conjugal, para os atritos e a distância entre os esposos” (AMADO, 2019, p. 300). A bagunça, segundo o farmacêutico, é uma das possíveis causas para um relacionamento não dar certo. Para todas as áreas da vida necessita-se estar tudo organizado e no seu devido lugar.

O excesso de organização de Teodoro chama atenção não só de Flor como também das vizinhas: “Dona Norma o considerava um pouco sistemático e por demais metódico, exigindo cada coisa em seu lugar e em seu dia exato, inimigo do improviso e da surpresa, único senão (se não ao ver de Dona Norma) em homem de tantas qualidades, direito, bom, de fina educação, tratando sua mulherzinha a vela de libra” (AMADO, 2019, p. 300). Teodoro era um homem de diversas qualidades e atrativos, para alguém que estivesse em busca de um

relacionamento. O que até então não era o caso de Flor, que acaba se relacionando com o farmacêutico por puro acaso e convencimento das vizinhas que fazem de tudo para juntar o casal.

A sexualidade de um casal que houvesse se casado nos códigos morais impostos socialmente seguia uma série de regras ainda exigidas após o matrimônio. Mesmo casado, era comum homens manterem casos extraconjugais ou frequentar casas de prostituição. Tal hábito era comum por Teodoro quando solteiro, que frequentava todas as quintas feiras a casa da prostituta Otaviana. Teodoro cumpria desta forma o protocolo exigido pela sociedade da primeira metade do século XX que também separava as mulheres entre as de casa e as da rua. Essa divisão ainda dizia respeito a conduta de tratamento das mulheres na sociedade e como os maridos deveriam agir com estas, sendo o sexo um dever de ambos no casamento.

Teodoro via o sexo como uma obrigação que este como um homem de família deveria cumprir: “Na véspera à noite com a mesma competência e sisudez, cumprira seu dever de marido ante a esposa na cama” (AMADO, 2019, p. 316). A obrigatoriedade das relações sexuais era algo comum com Teodoro, que também via o ato sexual como algo metódico e sempre a realizar-se da mesma forma: “Às quartas e aos sábados, à mesma hora invariavelmente, dona Flor vislumbrava os discretos e repetidos movimentos do esposo [...]” (AMADO, 2019, p. 302). Teodoro era metódico até na forma de fazer sexo, sempre do mesmo jeito, coberto por um lençol, mantendo sua roupa e não descobrindo Flor, mantendo-se ambos vestidos.Não havia nudez na relação sexual entre Teodoro e Flor, nudez esta incomum na sexualidade tal qual Priore(2011) afirma: “Os corpos estavam sempre cobertos e há registros orais de camisolas e calçolas com furos na altura do pênis e da vagina. A nudez completa só começou a ser praticada em meados do século XX; antes estava associada ao sexo no bordel” (PRIORE, 2011, p.81). Teodoro possui esta sexualidade coberta, com a prostituta com a qual havia se iniciado sexualmente e também com Flor. Teodoro cultiva o pudor do corpo, totalmente ao contrário do primeiro relacionamento de Flor onde o sexo era praticado totalmente nu. Teodoro mantinha seu pudor em todo e qualquer ambiente ou com quem estivesse.

A fidelidade de Teodoro era algo também muito comentado pelos vizinhos, principalmente por Dona Magnólia, mulher de seios fartos a mostrá-los na janela e chamar a atenção. Dona Magnólia chama o farmacêutico como “homem de mármore” (AMADO, 2019, p. 338), devido sua fidelidade à esposa, cumprida à risca, evitando assim que Teodoro corresponda às investidas de Magnólia, embora esta profetizasse ao contrário como dito a cartomante Dinorá: “Minha cara cartomante, tome nota escreva o que lhe digo, não existe

homem monógamo nós o sabemos, eu e vosmicê" (AMADO, 2019, p. 338). Porém, Teodoro quebra com a concepção da infidelidade masculina, resistindo à Magnólia e mantendo-se fiel à Flor, cumprindo o dever de ser fiel e, acima de tudo, Teodoro nutre por Flor um grande respeito, o que também o ajuda a manter a fidelidade prometida a sua esposa no ato do matrimônio.

A traição descrita como hábito comum e aceitável dentro da sociedade – quando acontece do homem para mulher e não o inverso – não acontece no segundo casamento de Flor, que pela primeira vez experimenta um relacionamento com o juramento da fidelidade cumprido pelo marido. O compromisso de Teodoro em ser fiel chegava a ofender quem estava ao redor do casal, "fidelidade conjugal insultuosa" (AMADO, 2019, p. 338). A infidelidade masculina era aceitável pela sociedade e inclusive ter filhos fora do casamento era considerada normal, como aparece em *Dona Flor e seus dois maridos*(1966) no seguinte fragmento: "Tão comum mulheres casadas criarem filhos espúrios dos maridos, ela mesma conhecia alguns casos, tanto entre gente pobre como entre gente rica" (AMADO, 2019, p. 138).

3.2 As características dos filhos de Oxalufã

A cada parte do livro *Dona Flor e seus dois maridos*(1966) há uma receita e uma explicação desta, em alguns casos ligados aos Orixás, tal qual Dionísia de Oxóssi ensina para sua comadre, Flor. É a partir da receita que começa cada uma destas partes, convidando aqueles que leem tal obra para um banquete da face *enugbarijó* de Exu, que tudo come e nada recusa em seus banquetes para aplacar sua fome voraz e insaciável. Ao contrário de Exu, os filhos de Oxalufã não comem de tudo, ou melhor, evitam certos alimentos.

Oxalufã, o Oxalá velho, usa cores claras e detesta bebidas alcoólicas, segundo o *itã*[22] de que Exu havia embebedado o Orixá com vinho de palma, como demonstra Simas e Rufino (2018): "Diz um mito de Ifá que, quando Oxalufã se desviou a ser executada, não atendeu a Exu, não fez o *ebó* e embriagou-se com vinho de palma, quase comprometendo a própria tarefa da criação do Mundo" (SIMAS e RUFINO, 2018, p. 114). Neste mito encontra-se a

[22] Ver nota número 10 onde há a definição deste termo.

explicação para a interdição da bebida alcoólica aos filhos de Oxalufã, que não podem ingeri-la.

Como filho do Orixá, Teodoro não consome tais bebidas, apenas após apanhar uma chuva como medida de precaução para evitar ficar gripado tal qual aparece na última parte de *Dona Flor e seus dois maridos*(1966):"Naquela mesma hora, todo molhado, regressava dr. Teodoro. Devido à chuva, não houvera ensaio. Bebeu uma gota de licor, precaução contra a gripe" (AMADO, 2019, p. 426). Ao contrário de Exu, que possui outros hábitos: "Comida de Exu é tudo quanto a boca prova e come, mas bebida é uma só, a cachaça pura"(AMADO, 2019, p. 366). A ausência do consumo de álcool não é o único aspecto a estar presente no gosto do segundo marido de Florípedes, a comida deste é muito diferente, tal qual a quinta e última parte do livro tem no seu início: "Oxalá não gosta de temperos, não usa sal nem tolera azeite" (AMADO, 2019, p. 366).

Não somente por não gostar de tomar álcool, mas no comportamento, os filhos de Oxalufã possuem outros aspectos que são destacados por Simas e Rufino (2018): "Oxalufã, por sua vez, é o Orixá que tem como positividade a paciência, método, ordem, retidão e cumprimento dos afazeres" (SIMAS e RUFINO, 2018, p. 114). A organização e o método são muito fortes em Teodoro como demonstrado já anteriormente por dona Norma que se incomodava com o excesso de organização do segundo marido de Flor. A retidão de Teodoro demonstra-se na fidelidade à dona Flor, que fazia com que o farmacêutico jamais caísse na tentação de trair a sua esposa como também nada que pudesse distraí-lo dos seus afazeres de trabalho o incomodava de fato, nem a algazarra provocada pelos trotes das universidades vizinhas à sua farmácia, faziam o farmacêutico dispersar-se: "Segundo a informação de Dona Êmina, precisa e concreta, o dr. Teodoro encontrava-se bem do seu junto ao balcão da farmácia, indiferente aos clarins, aos asnos fantasiados de professores e de homens públicos ao trote" (AMADO, 2019, p. 256). Nada chamava a atenção de Teodoro quando este encontrava-se ocupado em alguma tarefa, não havia obstáculo que atrapalhasse o homem que cumpria todos os seus objetivose não se distraía com tanta facilidade, mostrando-se alheio ao menor sinal de empecilho.

Oxalufã, orixá do branco, não tolera sangue também, sendo o seu bicho o caramujo, por possuir o sangue branco.Jamais o sangue vermelho é admitido em seu ritual e muito menos utilizado para este orixá, tal qual Lima (2019) narra quando Oxalá fica irritado quando uma das filhas de Oxum se levanta de uma cadeira e mostra que está menstruada, o senhor do branco fica incomodado e tal desconforto do orixá faz com que ela fuja, sendo acolhida por Oxum que cuidou de sua filha. Assim como Oxalufã não pode com o sangue, Teodoro não

segue a medicina, embora não haja por trás dessa decisão de não seguir a carreira médica um medo ou desconforto com sangue, mas sim uma razão com relação ao tempo de curso, com um possível intuito de ajudar a mãe no sustento da casa:

> A única ambição do falecido tinha sido formar o filho, e o jovem Teodoro revelara-se ótimo estudante, os professores prognosticavam-lhe grandes êxitos. Fizesse ele seus exames e seguisse o curso, a mãe se encarregaria do armarinho. Houve apenas uma troca; em lugar de medicina, ele cursou farmácia, de currículo três anos menor (AMADO, 2019, p. 266).

A mudança da carreira foi ocasionada pelo período de duração da graduação, porém, indiretamente, Teodoro, escolheu uma carreira na qual não há o contato com o sangue ou não em uma constância tal qual na medicina, fazendo Teodoro remédios que auxiliam em enfermidades, "junto aos vidros azuis e vermelhos, cercado por aquele odor de medicinas, com a agulha de injeção pronta para picar braços e nádegas de todas as velhotas, suas clientes?" (AMADO, 2019, p. 264). O único contato indireto de Teodoro com sangue é quando este aplica injeções, no qual não há cortes ou incisões nos quais haja uma grande quantidade deste ou um corte mais profundo que necessite um contato maior com a substância, assim como há nos filhos de Oxalufã.

Assim como Oxalufã carrega seu Opaxoró, definido por Oxaguiã e Kileuy(2020) como o cajado que Oxalufã carrega, sendo utilizado segundo as autoras por todos os Orixás *funfuns* que são aqueles que utilizam a cor branca como Oxalufã e Oxalá. Teodoro carrega seu fagote, assim como se apoia no seu diploma de farmacêutico. O instrumento musical e o diploma são os Opaxóros do "doutor purgante" (AMADO, 2019, p. 294), forma pela qual Sofia, a primeira empregada de Flor utiliza para referir-se a Teodoro: "Mundo onde mourejava seu marido, apoiado no canudo de doutor (e mais ainda nos conhecimentos resultantes da longa prática nos laboratórios e balcões)" (AMADO, 2019, p. 312). Assim como Oxalufã necessita do seu opaxoró para apoiar-se por ser o Oxalá velho, segundo os adeptos do Candomblé, Teodoro necessita de sua música como uma forma de alimento e alívio apoiado em seu fagote. A música representa para Teodoro uma segunda paixão a bater em seu peito, disputando espaço apenas com o sentimento que o filho de Oxalufã nutria pela esposa.

O diploma de farmacêutico de Teodoro é conquistado com o sacrifício dos pais, principalmente da mãe que sustentou o filho durante os anos de estudos, impedindo que este se empregasse. Para a mãe de Teodoro a junção estudo e trabalho poderia permitir que seu filho não fizesse um bom curso, o que poderia comprometer o futuro profissional do jovem

estudante. Da mesma forma que para Oxaguiã e Kileui(2020) o Opaxoró de Oxalufã liga o céu e a terra: “Este cetro é a ligação com a ancestralidade. Ao ser tocado no chão pelo Orixá, faz uma junção do *aiê*com o *orun*” (OXAGUIÃ; KILEUY, 2020, p. 216). Possuir uma formação como a de Farmácia, que exige concentração e método na execução da preparação dos medicamentos, é algo indicado para os filhos de Oxalufã, devido à atenção necessária na produção de remédios: “Deixando a balança o boticário punha num tubo de ensaios o pó resultante dos minerais moídos em ínfimas quantidades, juntando-lhes vinte exatas gotas de um líquido incolor” (AMADO, 2019, p. 262). A produção de um medicamento exige uma grande concentração e precisão, qualidades estas fortes nos filhos de Oxalufã como Teodoro.

Teodoro possui como seus instrumentos as habilidades como músico e farmacêutico. A ligação do instrumento musical e do cajado de Oxalá velho é retratada no começo da quinta parte do livro de Jorge Amado: “Quando está luzindo terno branco e leva seu fagote igual a um *paxorô*, parece Oxalufã, Oxalá velho, o maior dos orixás, o pai de todos” (AMADO, 2019, p. 366). Nesse fragmento vemos duas marcas do orixá na imagem de Teodoro descrita pelo escritor como a cor branca usada por ele, sendo recomendado a seus filhos, ou não, o seu uso nas sextas-feiras, dia da semana consagrado a Oxalá. Por ser um santo de maior idade, Oxalufã exprime uma grande responsabilidade, sendo ele responsável pela criação dos demais Orixás, assim como a noção de responsabilidade caminha junto com Oxalufã, esta acompanha também seu filho, que desde cedo passa a ajudar a mãe de alguma forma nos cuidados com a casa e quando formado passa a cuidar desta e do lar no qual moraram até o falecimento dela.

Ao contrário de Vadinho, primeiro marido de Flor, que possuía como seus instrumentos os baralhos, as roletas de bacará, cassinos, mesas de jogo, casas de prostituição e botequins, todos instrumentos ligados ao prazer mundano, Teodoro renuncia ao mundo, sublima a vida e o amor. Os instrumentos de Vadinho eram todos instrumentos do seu prazer, ao contrário de Teodoro que possuía apenas um instrumento de prazer: o fagote.

Exusíaco e Oxalufânico, conceitos cunhados por Rufino e Simas (2018), não são termos opostos, complementam-se nas suas diferenças, não há exusíaco sem oxalufânico e vive versa. Assim como não há a criação do mundo sem a presença de Exu, tal qual encontra-se em Silva (2019). Portanto, não há Teodoro sem Vadinho, assim como não existe um Vadinho que retorna do reino dos mortos, sem o farmacêutico que com sua retidão causa em Flor saudades do seu primeiro esposo. Porém com toda a diferença entre Teodoro e Vadinho, como tais se complementariam se são totalmente opostos? Flor é o vértice dos dois.

Analisando mais a fundo a teoria do Exusíaco e do Oxalufânico, expressa em *Fogo no mato*: *a ciência encantada das macumbas* (2018), Oxalufã é um orixá paciente e calmo, para

o qual a agitação e o fuzuê não são características a ele pertencentes, sendo estas mais relacionadas a Exu, que gosta de uma festa, não importa a natureza da celebração, o importante para o Orixá é celebrar. Como toda festa precisa de uma música ou de algum tipo de manifestação artística, tal qual uma banda tocando ou até uma reprodução musical de ordem manual feita a partir de algum tipo de eletrodoméstico, para Rufino e Simas (2018), Oxalufã é aquele que rege a orquestra que toca nos furdunços nos quais Exu dança: "Oxalufã é enfim, o maestro de solenidades que não toca sem partitura e não quer firulas que driblem o rigor bonito e sério do que vai escrito na pauta" (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 115). Da mesma forma que Oxalufã rege a orquestra do baile, Teodoro como seu filho é músico nesta banda.

A paixão do farmacêutico pela música é algo que este procura cultivar como um bom hábito, pertencendo a "Orquestra Filhos de Orfeu" (AMADO, 2019, p. 282). Por mais sisudo que Teodoro possa mostrar-se ao longo da narrativa, podendo ser julgado como alguém que não demonstra em público seu afeto, o farmacêutico demonstra sua admiração por alguém, compondo uma canção sendo por sua orquestra executada em concertos, tal qual a canção por ele composta em homenagem à Dona Flor, chamada "Arrulhos de Florípedes" (p. 282), no qual há um solo de fagote de Teodoro e também a própria figura de sua mãe, para a qual compôs a sonata "Tardes de Itapagipe com o amor materno" (AMADO, 2019, p.267), onde registra os cuidados por ele dado a mãe quando esta ficou doente.

Existem muitas diferenças entre Teodoro e Vadinho, além de gênio, comportamento, gostos, preferências, hábitos e práticas. Uma das práticas de Vadinho quando está em uma festa é o de dançar. Sua habilidade em bailar chama atenção, como o uso do termo destacado para referir-se ao seu talento:"[...] Vadinho arrastando o pé de valsa pela sala[...]" (AMADO, 2019, p. 86). A expressão pé de valsa utilizada pelo autor para descrever a forma de dançar do primeiro marido de Flor logo demonstra o talento do malandro. Vadinho era tão bom na dança que inclusive chama a atenção de seu amigo "analisando os pares no tango argentino caprichado, figurações difíceis, passos quase acrobáticos, sorriu aprovativo: nenhum dançarino podia comparar-se a Vadinho, nenhum com sua classe" (AMADO, 2019, p. 76). Vadinho não é só lembrado pelas suas jogatinas e talento para enganar ou passar alguém para trás, sua dança é alvo de destaque, comentário e recordação de muitos. Ao contrário do segundo marido de Flor, que não dança em nenhuma das festas que frequenta com a esposa.

Teodoro pouco se diverte, vive sua vida no trabalho e na seriedade, sendo até nas festas aquele com a responsabilidade de levar música para esta, através de seu fagote, um de seus instrumentos, ao contrário de Vadinho que possui apenas o desejo de se divertir sem levar nada com seriedade em sua vida. Nas festas, Vadinho é aquele que está no meio do povo

a se divertir, seja no carnaval, seu momento de triunfo ou nas festas dos seus compadres e amigos. Para Vadinho festa é sinônimo de diversão, alegria e não preocupação, Vadinho não se preocupa com mais nada a não ser dançar e beber, não há nele o senso de responsabilidade presente no farmacêutico que até em algo prazeroso vê obrigação e responsabilidade tal qual era fazer parte de uma orquestra. Vadinho vive de prazer e Teodoro de responsabilidades que cumpre com retidão e paciência.

Vadinho tem como seus instrumentos, ao contrário de Teodoro, as fichas, os dados e os baralhos que usa para apostar o dinheiro do seu salário de fiscal de jardins e o dinheiro que consegue de Flor e outras pessoas que emprestam alguma quantia a ele. Seus objetos referem-se aos prazeres condenáveis e proibidos pela sociedade patriarcal, já os de Teodoro são bem aceitos, ligados ao trabalho e não única e exclusivamente ao prazer.

A bebida é outro contraponto entre Teodoro e Vadinho, enquanto o malandro adora cachaça e não dispensa também outras bebidas alcoólicas, Teodoro só recorre a estas em último caso.Álcool em sua vida apenas para preparar seus remédios na farmácias, com o intuito de combater enfermidades.Enquanto Vadinho tomava bebidas alcoólicas, Teodoro fazia e tomava remédio, enquanto um enxerga o álcool como prazer e vício, o outro o vê como trabalho e remédio. Teodoro não apresenta o vício do álcool ou outro de qualquer natureza, jamais havia chegado perto de uma mesa de jogo e sempre se recolhia cedo, não saía de casa de madrugada e tão pouco ficava acordado neste período do dia, ao contrário de Vadinho que não perdia uma oportunidade de ficar acordado e vangloriava-se de ter uma saúde de ferro, ainda que não possuísse hábitos saudáveis: “Gabava-se Vadinho de jamais ter estado doente...” (AMADO, 2019, p. 26). Vadinho apresenta uma saúde diferente da Teodoro, mesmo sem hábitos saudáveis como o do farmacêutico, o primeiro marido de Flor jamais havia tido uma doença ou qualquer outra enfermidade.

A saúde de Vadinho é forte, não há problema aparentemente assustador ou que exija cuidados, porém através de seus hábitos, Vadinho escreve sua sentença de morte: “A cachaça, as noites nos cassinos, a esbórnia, a correria doida à cata de dinheiro haviam arruinado aquele organismo belo e forte deixando-lhe apenas a aparência.” (AMADO, 2019, p. 26). Vadinho destrói-se, porém, vive a sua vida em um eterno carnaval sem responsabilidade, ao contrário de Teodoro que não possuía a mesma rotina. “No entanto ali estava o laudo dos doutores da faculdade: era um homem condenado, fígado imprestável, rins estrompados, coração aos pandarecos.” (AMADO, 2019, p.26).O organismo de Vadinho não era por fora aquilo que era por dentro, passando uma falsa impressão e fazendo com que o malandro colhesse as consequências de seus atos.

A sexualidade de Teodoro e Vadinho é um ponto também a ser destacado, ambos se iniciam com mulheres mais velhas, porém após o casamento Teodoro deixa de frequentar casas de prostituição, ao contrário de Vadinho que ainda as frequenta, não importando-se com o fato de estar casado. A relação sexual de ambos é diferente. Enquanto Teodoro possui uma visão mais restrita e tradicional do sexo, com procedimentos, normas etc., Vadinho não possui essa concepção de sexo escondido pelas cobertas como Teodoro: "Não sei vadiar nem coberto de lençol quanto mais vestido com roupa." (AMADO, 2019, p. 113). Vadinho não possuía os pudores que Teodoro carregava. As sensações do sexo com Teodoro e Vadinho eram totalmente diferentes:

> Com o seu corpo cobriu-lhe o pudor, ela cerrou os olhos. Rompeu a aleluia sobre o mar de Itapuã, a brisa veio pelos ais de amor, e, num silêncio de peixes e sereias, a voz estrangulada de Flor em aleluia; no mar e na terra aleluia, no céu e no inferno aleluia! (AMADO, 2019, p. 114).

Dona Flor sentia um prazer sexual diferente com Vadinho, chegando de fato a uma satisfação sexual, pode-se dizer que de fato ela chegava ao orgasmo e transparecia essa sensação através do "Aleluia" que deixa de forma clara esta sensação juntamente com a alteração da voz. Entretanto com Teodoro é: "Amém!,repetiram sapos e jias na noite de lua e núpcias de Paripe.Amém! Amém!, dir-se-ia um solo de fagote" (AMADO, 2019, p. 291). Flor não parece de fato chegar a mesma sensação de satisfação sexual, tal qual chegava com Vadinho, devido ao uso do "Amém", utilizado nas orações católicas, quando de fato estas terminam e há uma sensação de alívio e não de satisfação plena como no uso da palavra Aleluia. Para Vadinho o sexo é prazeroso, já com Teodoro é uma obrigação a ser cumprida.

Ao contrário de Vadinho, Teodoro não deseja ter filhos e tão pouco falam ele e Flor sobre o assunto, sendo o problema da infertilidade de Flor jamais contado ao farmacêutico. Teodoro não demonstra gostar de crianças ou possuir uma boa relação com estas, como Vadinho que adorava crianças e vivia brincando com estas que adoravam o seu amigo, tal qual o afilhado que este possui, filho de Mirandão que ama o padrinho.O desejo de filhos mostra a importância que Vadinho dá, junto com o jogo, a cachaça e o sexo, a outras coisas como gerar descendentes e também com a alegria, já que uma criança traz consigo esse sentimento.Enquanto Teodoro preocupa-se com a aparência, bens materiais, como a farmácia, a casa e as economias para o futuro. Vadinho quer deixar descendentes que possam passar valores, já Teodoro preocupa-se com os bens materiais.

Teodoro, ao contrário de Vadinho, nunca violentou Flor fisicamente nem o faz com nenhuma outra personagem feminina. Quando Vadinho é contrariado, costuma agredir a esposa ou qualquer outra personagem do sexo feminino. Vadinho utiliza da violência física para conseguir aquilo que deseja, mostra com tal atitude seu lado vilanesco e perverso de agressor, causando mal para dona Flor e para outras mulheres. A violência contra a mulher praticada pelo primeiro marido de Flor demonstra o lado obscuro e cruel do malandro, que é capaz de agredir e fazer o mal a quem o desobedece.

CONCLUSÃO

Adentrar a obra amadiana sem falar sobre Exu é impossível, pois não há na literatura brasileira escritor que seja maior amigo do Orixá das encruzilhadas do que Jorge Amado. Ele é o escritor que através de seus textos se comunica com Exu e diz "Fala, Majeté" tal qual a Escola de Samba Grande Rio, campeã do carnaval de 2022 com seu samba enredo intitulado *Fala, Majeté! Sete chaves de Exu*. Além de um texto com o qual se comunica com Exu, em todos os livros publicados pelo autor, há um desenho representando o Orixá, feito pelo artista Hector JulioPárideBernabó (1911-1997), mais conhecido por seu apelido Carybé, que foi amigo de Jorge Amado. Da mesma forma com a qual abrimos este trabalho falando sobre Exu, Jorge Amado abria seus livros com o desenho do Orixá. Toda a obra amadiana perpassa sobre Exu, por exemplo, Pedro Archanjo, personagem com a qual Amado possui grande identificação, também é filho de Exu, assim como Vadinho.

> Por vezes diziam ser Archanjo filho de Ogum, muitos pensavam-no de Xangô em cuja casa tinha alto posto e título. Mas quando punham os búzios e faziam o jogo, quem de imediato respondia, antes de outro qualquer, era o vadio Exu, senhor do movimento(AMADO, 2013, p. 74).

Há uma relação entre Archanjo e Vadinho, pois ambos são filhos do mesmo Orixá e notáveis em suas áreas, Vadinho na boemia e Archanjo na academia.

Da mesma forma que Exu está nas obras de Amado, ele encontra-se também na vida do próprio autor de *Dona Flor e seus dois maridos*,como na história do assentamento do Orixá na casa do Rio Vermelho onde o autor viveu com Zélia Gattai (1916-2008).

> O fundamento era a base para instalar o orixá. Loló, emissário de Mãe Senhora, apareceu no dia seguinte com sacola enorme, composta de ingredientes para realizar o ritual necessário para assentar o santo. Zélia se recordaria: dentro, havia um litro de azeite de dendê, um litro de cachaça, farofa amarela, alguns charutos. Loló cavou a terra fez valeta em torno da escultura, atirou os charutos, despejou o dendê, a cachaça, a farofa, e o sangue do galo de pescoço decepado na hora (AGUIAR, 2018, p. 423).

Amado só teria realizado esse ritual de assentar Exu após a bronca de Mãe Senhora, que exigiu que os preceitos fossem cumpridos de forma exata e necessária. No trecho acima destacado vemos algumas das iguarias admiradas por Exu, como o dendê, a farofa e o galo, um dos seus animais favoritos. É através da mistura de dendê e farinha que se faz a farofa do padê de Exu, que irá auxiliar para que nada de ruim aconteça.

Nas narrativas escritas por Amado, Exu sempre faz das suas reinações e também está prestes a ajudar aqueles a quem protege. Foi Exu quem ajudou Procópio a encarar uma das batidas policiais feitas por Pedrito Gordo, delegado responsável por perseguir Candomblés. Exu ajuda na defesa do terreiro de Procópio, assim como atrapalha o batizado do filho de Massu, em *Os pastores da noite* (1964). "E com mão forte e decidida aplicou duas bofetadas em Exu para ele aprender a comportar-se" (AMADO, 2017, p. 183). Neste fragmento destacado de *Ospastores da noite*, vemos claramente uma situação em que Exu vai atrapalhar uma cerimônia, pois não havia recebido seu presente e decidiu cobrá-lo. Porém, Ogum, seu irmão, baixa e aplica-lhe dois tapas para que possa se comportar e não atrapalhe a cerimônia do batismo do filho de Massu.

Exu possui grandes e importantes funções como coloca Bastide (1978): "Exu apareceu, antes de mais nada, como a divindade dos inícios ou das aberturas; é ele quem está enterrado no limiar das portas"(BASTIDE, 1978, p. 181).Na obra amadina Exu aparece de todas estas formas e olhares descritos por Bastide e acrescida por Amado a partir de seu conhecimento e relacionamento com o Orixá.

Na obra *Dona Flor e seus dois maridos,* de autoria de Jorge Amado, temos o retrato típico da sociedade brasileira, com tom humorístico acompanhado de galhofa e carnavalização praticada por um malandro e uma cozinheira, que rompe com barreiras familiares para viver o seu amor e ser feliz. Dona Flor resolve ter como companheiro um malandro que larga tudo para viver um objetivo: ser feliz e aproveitar a vida da maneira mais exusíaca possível em farras, festas e traquinagens, como seu pai Exu, mas acima de tudo sendo um amigo fiel e companheiro daqueles que estão a sua volta.

Vadinho é o Exu "batuta" (AMADO, 2019, p. 164) que carnavaliza toda a sociedade, inclusive os costumes católicos, sendo carregado em procissão.

> De uma feita, ele quase estoura a banca no Cassino Tabaris, saiu com os bolsos abarrotados de dinheiro, foi para a zona festejar com uma cambada de amigos, bebendo aqui e ali. Lá chegando distribuíra, entre as mulheres, como um rei da Carochinha, cédulas de cinco e dez mil-réis, algumas de vinte e de cinquenta.Foi um delírio, as vagabundas o carregaram em procissão (AMADO, 2019, p. 368).

Vadinho em sua procissão representa o santo Exu protetor das putas e vagabundos, carregado santo de procissão, Exu assentado na igreja. "Certa ocasião D. Clemente levara Vadinho a ver o altar e o anjo, queria saber se o boêmio dar-se-ia conta da parecença." (AMADO, 2019, p. 50). Vadinho é um Exu com cara de anjo, seu assentamento está na igreja, local sagrado, mas sua vida é inteiramente profana, anjo decaído, sem inocência e malícia.

Vadinho é o herói do povo de rua, aquele que assim como Exu tem suas cantigas. Vadinho possui seu canto ritualístico, aliás uma elegia, confirmando seu lado herói. É a sua elegia, rememorando seus feitos, que ajuda a invocar o Exu-Vadinho[23] a baixar nas encruzilhadas, cabarés, roletas, banca de jogos e botequins. Vadinho não é habitante de uma casa com portas, cômodos e janelas, como expostos pelo *ethos*burguês.Ele vive na rua, casa sem janela e onde o seu movimento é livre, mesmo que vigiado. Além da ligação com a rua, Vadinho é marcado pelas habilidades do que pode fazer com a boca como a fala convincente e o beijo inesquecível para dona Flor.

Fazendo um retrato da sociedade brasileira com personagens bem típicos e característicos, como a vizinha fofoqueira, pessoas que encarnam a capa da moral, mas que escondem um passado do qual não se orgulham e fazem questão de abafar, além de tipos moralistas, Amado usa seus amigos, a todo momento na história do livro: o pintorCarybé (1911-1997) vai ao velório de Vadinho, mostrando que conhecia o rapaz e tinha por ele muita estima, assim como tantas outras pessoas pela qual o escritor possuía admiração ou tinham seu afeto.

A casa de dona Flor representa na ficção um espelho da Casa do Rio Vermelho, na qual Jorge Amado, o autor do livro, viveu até o fim da sua vida, recebendo seus amigos e conhecidos com seu fiel companheiro Exu recepcionando seus convidados, sempre mostrando-se amigo e protetor, zelando pelo espaço que o abriga e o acolhe com muita alegria, pois Exu também representa a alegria a felicidade em receber alguém, através do riso e da felicidade, por isso está na frente das casas muitas vezes, não somente vigiando quem entra e quem sai, evitando que qualquer mal aconteça, como também faz o papel de anfitrião.

Vadinho como um exu possui seu padê que o acalma e o tranquiliza: o sexo. É através do sexo vindo do corpo de Flor, que mais parece uma cebola, segundo o próprio Vadinho fala para ela. É o corpo de Flor e sua saudade que trazem Vadinho do Orum e que também o fazem voltar. O corpo de Flor é também o corpo perdição de Vadinho, que o atrai e repele-o, aproximando o malandro para o mundo dos vivos e o afastando do mundo dos mortos. O padê de Vadinho é de fato arriado por Flor, através de seu corpo cebola que encanta Vadinho e que pede pela sua vadiação.

---

[23]Há em Leite(2017) uma expressão parecida, porém não é a mesma, pois o autor utiliza a expressão "Egum-Exu-Vadinho" a partir da concepção de que quando uma entidade vai trabalhar na espiritualidade, sua regência será do Orixá do qual foi filha quando era viva, no caso de Vadinho que era filho de Exu, ele trabalharia espiritualmente na linha de Exu, seu pai de cabeça.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. *Jorge Amado*: uma biografia. São Paulo: Editora Todavia, 2018.

AMADO, J. *Jubiabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AMADO, J. *Navegação de cabotagem*: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AMADO, J. *Tenda dos Milagres*.São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.

AMADO, J. *Os pastores da noite*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

AMADO, J. *Dona Flor e seus dois maridos*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

BARBOSA, O**.** *Bambambã*. Rio de Janeiro:Secretaria Municipal de Cultura, departamento geral de documentação e informação cultural, 1993.

BASTIDE, R. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. São Paulo, Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BENJAMIM, W. *O narrador*.Magia e técnica, arte e política ensaios sobre literatura e história da cultura, obras escolhidas v.1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BITTENCOURT, J. M. *No reino dos Exus*.Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2013.

CÂNDIDO, A. Dialética da malandragem. In: CÂNDIDO, A. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p.19-54.

CARNEIRO, E. *Candomblés da Bahia*. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

DAMATTA, R. Dona Flor e seus dois marido, um romance relacional. In: DAMATTA, R.*A casa e a rua*.São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEALTRY, G. *No fio da navalha*: malandragem na literatura e no samba. FAPERJ, Editora Casa da Palavra, Rio de Janeiro 2009.

FALA, Majeté! Sete Chaves de Exu. Compositores: Gustavo Clarão, Arlindinho Cruz, Jr. Fragga, Claudio Mattos, Thiago Meiners e Igor Leal. 2022. Disponível em: https://www.letras.mus.br/academicos-do-grande-rio-rj/samba-enredo-2022-fala-majete-sete-chaves-de-exu/. Acesso em: 3 maio 2021.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de literatura brasileira*. Instituto Moreira Salles, volume 3, 1997.

LEITE, G. O. *Jorge Amado da ancestralidade à representação dos Orixás*. Salvador: EDUNEB, 2014.

LOBO, R. H; RUFINO, L.; SIMAS, L. A. *Arruaças*: uma filosofia popular brasileira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LIMA, L. F. *Oxum*: a mãe da água doce. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

OXAGUIÃ, V.; KILEUY, O. *O Candomblé bem explicado*: nações Bantu, Iorubá e Fon. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2020.

MARTINS, A. *Lendas de Exu*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011.

A ÓPERA dos Malandros. Compositores: Francisco Aquino, Fred Camacho, Getúlio Coelho, Guinga, Marcello Motta e Ricardo Fernandes. 2016. Disponível em: https://www.letras.mus.br/salgueiro-rj/samba-enredo-2016-a-opera-dos-malandros/. Acesso em: 10 out. 2021

PODRES Poderes. Compositor: Caetano Veloso. 1984. Disponível em: https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44764/. Acesso em: 13 out. 2021.

PRANDI, R. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PRIORE, M. D. *Histórias íntimas*: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta, 2011.

RAILLARD, A. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1990.

RAMOS, E. *Revendo o Candomblé*: respostas às mais frequentes perguntas sobre a religião. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2011.

RIO, J. *A alma encantadora das ruas*.In:http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000183.pdf. Acessado in 27 de agosto de 2021.

ROCHA, J. C. C. A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: "A dialética da marginalidade". *Letras*, Santa Maria, n. 28-29, pág.153-184, Dez. 2004.

RUFINO, L. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUFINO, L; SIMAS, L A. *Fogo no mato*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUFINO, L.; SIMAS, L. *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTOS, J. E. *Os Nàgô e a morte*: Pàde, Àsèsè e o culto Ègun na Bahia. Vozes, 2016.

SILVA, V. G. *Exu*. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

SIMAS, L A.*O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SIMAS, L. *Pedrinhas miudinhas*: ensaio sobre ruas, aldeias e terreiros. Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2019.

SIMAS, L. *Umbandas*: Uma história do Brasil, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SODRÉ, M. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro, Editora Mauad X, 2018.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.

VEIGA, B. *Caminhos para conhecer Dona Flor*. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2016.